BIBLIOTHECA DA AUTONOMIA DOS AÇORES

VOLUME I

M. EMYGDIO DA SILVA

S. MIGUEL EM 1893

COUSAS E PESSOAS

Cartas reproduzidas do Diario de Noticias *de Lisboa*

PONTA DELGADA

1893

M. EMYGDIO DA SILVA

S. MIGUEL EM 1893

COUSAS E PESSOAS

Cartas, reproduzidas do «Diario de Noticias» de Lisboa

Ao Amigo P. W. de Brito Aranha
A primeira d'estas, já lhe era consagrada.
Com maior razão, agora que ellas foram compilladas no presente folheto, lhe offereço este, que de direito lhe pertence
M. Emygdio

PONTA DELGADA
1893

I

Prefacio:—Ponta Delgada—O porto artificial—Desembarque—Más impressões—Compensações—Em caminho da Mãe de Deus—Os jardins de Ponta Delgada—Confrontos.

Meu caro Brito Aranha—Desempenhando-me do pedido que me fez de, em algumas cartas, apontar o que mais notavel fosse encontrando n'esta rapida visita á ilha de S. Miguel, ahi tem a primeira d'ellas que, bem como as seguintes, precisa ser prefaciada de uma declaração indispensavel.

As informações, por vezes interessantes e desconhecidas da maior parte dos nossos *touristes* que vão viajar pelo continente, sobraçando o Baedecker, devo-as em grande parte á fortuna que tive de me relacionar com os michaelenses mais illustres, por quem, mais ou menos, fui sempre acompanhado em todas as visitas e excursões que tenho feito e nas quaes me serviram de cicerones.

As apreciações ou impressões com que me permitto de acompanhar algumas notas que tomei, são tudo o que ha de mais pessoal; não visam a critica nem pretendem legislar em materia em que cada um tem o seu modo de sentir e mesmo de observar. O bello, o prazer e as emoções, sentem-se diversamente; não ha criterio a que obedeça o sentimento porque é proprio e particular á natureza de cada individuo.

Dito isto, entremos em Ponta Delgada pelo seu porto artificial, cujos trabalhos, que ainda duram, foram iniciados em 1861 pela junta do districto, que oito ou dez annos depois os entregou ao governo, o qual tomou a seu cargo a sua conclusão. Já que estamos no porto indicaremos resumidamente as notas que tomámos ácerca

da sua construcção. Tendo o governo resolvido em 1887 entregar os trabalhos que directamente administrava a uma empreza que os terminasse, *á forfait*, foram elles postos em hasta publica e adjudicados, em 19 de janeiro de 1888, aos empreiteiros Combemale e Michelon, que escolheram para director technico o engenheiro civil pela escola central de Paris, sr. Paulo Darteyre, altamente conceituado na companhia real dos caminhos de ferro e na da Beira Alta, onde desempenhou os mais elevados cargos do serviço de tracção e via e obras.

Os trabalhos executados pela junta do districto e pelo governo, quando este os entregou á empreza, constaram de 805 metros lineares de molhe com enrocamentos completos e muro de abrigo, trabalhos estes, feitos como vimos, no espaço de 27 annos. A parte já executada pela empreza eleva-se a 250 metros lineares, approximadamente, de molhe com enrocamentos completos e muro de abrigo, em quasi toda esta extensão, e 290 metros de caes fundado a 6 e a 8 metros de profundidade.

Falta ainda executar para complemento d'esta importante obra: como enrocamentos, cerca de 60 metros de muro de abrigo e a cabeça do molhe, como muro de abrigo, 130 metros; e 50 metros de caes á profundidade de 8 metros, e bem assim as alvenarias da cabeça do molhe, que é de secção rectangular.

A média diaria dos jornaes de operarios durante o anno corrente é de 380 a 400. O pessoal technico da empreza é na sua totalidade de nacionalidade franceza. A empreza tem ainda cerca de tres annos para finalisar as obras, cuja fiscalisação está confiada á direcção das obras publicas do districto, actualmente a cargo do sr. engenheiro Marianno Machado de Faria e Maia, deputado por Ponta Delgada e pertencente á illustre e numerosa familia michaelense d'este appellido, e da qual é distincto ornamento.

A impetuosidade do mar açoriano é tão violenta que no dia 28 de agosto ultimo por occasião do espantoso cyclone do Fayal, vi ondas de mais de 100 metros de extensão galgarem o muro de abrigo do porto, passarem sobre o Titan, cuja viga superior está 20 metros acima do nivel do mar e desfazerem-se no caes em monstruosos montões de espuma alvinisente, depois de terem despregado e torcido, como macarronete, os carris de aço das vias de serviço, cujo peso é de 30 kilos por metro!

Deixemos o porto e entremos na cidade que, quando desembarquei, estava em festa para celebrar a inauguração do cabo telegraphico, que ia ligar os Açores ao mundo inteiro. A primeira impressão não é agradavel, como no Funchal, onde, sob um palio de plátanos, a nossa entrada tem o quer que seja de triumphal e deslumbrante. Do caes passa-se por uma especie de arco de triumpho,

que não é certamente o da arte, para a Praça do Municipio, onde está o hotel açoriano, mais vulgarmente conhecido pelo nome do seu proprietario sr. Manuel Corrêa. Se a impressão da entrada na cidade não é agradavel, a da hospedaria chega a indispôr o animo do forasteiro que vae a S. Miguel, unica e exclusivamente em viagem de recreio. Pouco asseio nos quartos e na mesa, alimentação pouco nutritiva, cujo *menú* é por vezes copiado de algum rancho de soldados, em dia de melhoria, camas duras, emfim, uma falta de asseio e de conforto, exterior e interior, que põe a gente de mau humor. E' justo dizer que os preços estão em relação com o serviço, o que não succede nas outras hospedarias do nosso paiz, as quaes, vergonha é confessar, mal sustentam o confronto do *Azorian hotel* (como elle pomposamente se intitula) e roubam ainda por cima, os hospedes.

Como compensação, se os donos da hospedaria nos não dão commodidades, mostram-nos bom modo, o que, no fim de tudo, sempre é alguma cousa para registrar com agrado...

A má impressão que as primeiras horas de Ponta Delgada me deram, devia pouco depois desapparecer com uma rapida visita a alguns jardins particulares e á Mãe de Deus.

Entre os mais bellos jardins que conheço na Europa occupam os de Ponta Delgada logar notavel. Os jardins dos srs. conde de Jacome, José do Canto e Antonio Borges, o primeiro no genero dos jardins inglezes, o segundo como jardim botanico propriamente dito e o ultimo pela phantasiosa imaginação com que foi delineado e plantado, e todos elles, pela exuberante vegetação que os continentaes desconhecem, e pela escolha dos mais bellos exemplares da flora de todas as regiões, dão-nos a nota alarmante do prazer que deslumbra e que nos domina incondicionalmente.

O jardim de Antonio Borges, que pertence á familia d'este fallecido e notavel naturalista, se não possue como o sr. José do Canto os mais raros exemplares de essencias, que tornam este celebre e lhe marcam o primeiro logar entre todos os do nosso paiz, excede-o porém em pittoresco e em formosura. A *Villa Palaviccini*, nos arredores de Genova, com o Mediterraneo aos pés, apesar das suas formosas grutas, lagos e tantas mais cousas artificiaes, que encantam justamente o estrangeiro, talvez empallidecesse ao lado do jardim de Antonio Borges, apesar d'este se conter dentro de um canto da famosa vivenda italiana.

Que grande destaque de opulencia e magestade tem o palacio do sr. conde de Jacome com os seus dois hectares de parque á frente, os enormes canteiros de relva devidamente tosquiada e fazendo realçar as maiores palmeiras e magnolias que tenho visto.

As duas palmeiras *Jubéa Spectabilis* que ficam á frente do palacio não teem menos de oito a dez metros de altura de tronco, e

apresentam estes quasi cylindricos e de uma similhança tal, que difficil se torna distinguil-as uma da outra. Ha n'esta propriedade uma pequena matta de grandes bananeiras, com folhas de mais de dois metros e cercada por um renque de fetos arboreos de oito metros de altura! Aquella bella *jubéa* que o sr. marquez de Fronteira possue na sua quinta de Bemfica e que é dos mais bellos exemplares do continente, tem aqui rivaes que a supplantam, em qualquer d'estes tres jardins. O bello bosque de bambus no jardim do sr. José do Canto, distingue-se pela grossura d'estes que chega a não poder ser abraçada com ambas as mãos. As camelias, que em toda a ilha ha em abundancia, resplendem n'estes jardins e são geralmente empregadas como abrigos das plantas que mal resistem aos fortes ventos que costumam assaltar estas regiões. São arbustos de grande porte e muito mais frondosos que os de Cintra ou Porto. No jardim do conde de Jacome ha uma rua que deve ter mais de 1:500 metros de extensão, bordada de ambos os lados por camelias que servem de abrigo...a milharaes! Em outras propriedades, tambem as tenho visto empregadas n'este sentido; do mesmo modo que as hortenses, que são aqui tão vulgares, como as piteiras dos nossos vallados, servem aos michaelenses de sebes divisorias dos seus terrenos.

II

Ponta Delgada—A Mãe de Deus—Padre mestre e poeta—O panorama da cidade e suburbios—Orientação—O aspecto das ruas e dos passeios—O aterro e o Campo de S. Francisco—Anthero do Quental.

Foi só depois de ter percorrido muito apressadamente, os magnificos jardins de Ponta Delgada, dos quaes decerto dei uma pallida idéa da sua belleza, a quem os não conhece, que me dirigi ao alto da collina, onde está situada a egreja da Mãe de Deus, por onde devia ter começado a minha *course* de orientação, em vista do esplendido panorama que se disfructa do terrado que circumda a egreja ou ermida, como aqui é classificada.

A *Mãe de Deus* não dá o seu nome unicamente á ermida da sua invocação. Sob esta designação é conhecida a collina em que assenta a ermida e parte da qual foi transformada em logradouro publico, depois de convenientemente aformoseada e ajardinada.

Esta transformação é commemorada em versos brancos em uma lapide que se encontra no muro direito da escadaria que conduz á

ermida. Não resisto á tentação de transcrever esses versos *horacianos*, de que me dizem ser auctor o padre mestre João José do Amaral, que os devia ter composto no segundo quartel d'este seculo:

> «A' branda voz do chefe Brederode,
> Promptos acodem gratos insulanos;
> Eis surge em breve transmudada a scena
> Applaudido recreio» !

O chefe Brederode foi um dos caudilhos estrangeiros de D. Pedro IV, e sob sua iniciativa é que se realisou o aformoseamento da *Mãe de Deus*.

O terrado da *Mãe de Deus* domina toda a cidade, que é disposta em amphiteatro e cercada por collinas mais ou menos elevadas, e uma grande extensão da costa sul da ilha.

Virados para o mar e começando por leste, vê-se a grande distancia a ponta da Galera, especie de morro que é um contraforte da serra de Agua de Pau, que lhe fica por traz e corresponde á parte mais elevada da costa que avistamos (1:013 metros acima do nivel do mar); depois descobre-se a grande e importante villa da Lagôa (3:330 habitantes), que fica a 10 kilometros de Ponta Delgada, destacando-se a elevada chaminé da fabrica de alcool da casaria e da verdura que lhe servem de fundo; em seguida vem a enseada do areal do Rasto de Cão, onde amarra o cabo submarino e fica a estação da companhia concessionaria; logo após o ilheu de Rasto de Cão, que, visto d'aqui, se assemelha a um enorme tumulo egypcio sobre o qual repouse monumental esphinge; do ilheu para cá, a cidade começa a desenrolar-se, primeiro como uma fita, que corresponde á casaria da estrada que vem de Alagôa e alargando-se mais adiante, desdobrando á nossa vista, todos os seus templos, jardins e edificios publicos e particulares, cerrando no bello fundo de luxuriante vegetação que emmoldura a cidade, um numero consideravel de estufas de ananazes que similham grandes estendaes de lençoes.

A oeste fica a doka ou porto de abrigo, o castello de S. Braz, onde está aquartellada a bateria de artilheria do commando do capitão Virgilio Soares de Albergaria, um sympathico rapaz, que, pela sua distincção e competencia, gosa na sociedade e entre os camaradas uma reputação invejavel, e que é oriundo do official do mesmo appellido a quem os liberaes deveram apossarem-se do castello da cidade; em seguida ao castello e transversalmente á costa, isto é, a norte, vem o hospital de S. Francisco, a egreja de S. José, a grande fabrica de alcool de Santa Clara, com a sua chaminé branca (como todas as da ilha) de 40 metros de altura, uma serie de collinas que, bem como as outras, estão revestidas com-

pletamente de verdura (batataes, milharaes e pastos); depois vem os bellos jardins dos srs. conde de Jacome e José do Canto, a avenida da Liberdade, aberta no local onde D. Pedro passou em revista os seus 7:500 bravos e ouviu em seguida a missa campal, sitio onde está um pequeno monumento levantado ao sr. Roberto Ivens, que é filho de S. Miguel, commemorando a sua exploração e travessia africana. Esta avenida foi ultimamente transformada em aviario, onde ha uma collecção de gallinhas e pombos já apreciavel, embora esteja em começo; á avenida succede-se outro estendal de estufas de ananazes, com as vidraças caiadas de branco; a nordeste a povoação suburbana de Fajã de Baixo (1:085 habitantes), seguindo-se-lhe depois a de Rasto de Cão (4:023 habitantes, duas freguezias), que vem do interior até ao ilheu d'este nome, fechando o panorama.

Em volta da ermida corre, em parte, uma bancada de alvenaria, á qual servem de encontro, na de leste e de sul, uns paineis de azulejos hispano-arabes, de bôa epoca e esmalte, alguns muito deteriorados. Ninguem sabe em Ponta Delgada a proveniencia d'elles, os unicos no seu genero que vi em toda a ilha.

Uma vez orientados, graças ao bello panorama da *Mãe de Deus*, estamos habilitados a percorrer a cidade que, de resto, como quasi todas as que estão situadas á beira-mar, é composta de ruas *mais* ou *menos* paralellas á costa e de outras transversaes a estas. Uma das cousas que impressiona immediatamente é o escrupuloso, direi mesmo, meticuloso, aceio das frontarias das casas; parece que foram todas caiadas na vespera. A pedra de cantaria negra tem um destaque poderoso das paredes, caiadas geralmente a branco ou a côr de rosa; em muitas casas particulares e edificios publicos commetteram a barbaridade de pintar as cantarias, como se ellas, apesar de serem de tufo negro e muito poroso, por vezes não tivessem um *cachet* inconfundivel e mesmo bello, como veremos adiante. Foi nas egrejas, onde este crime de lesa-arte se commetteu mais a miudo; ainda assim escaparam as bellas frontarias de Santo André e do Collegio para protestarem com a belleza das suas cantarias *pretas* contra o vandalismo que foi praticado nas fachadas da matriz, na de S. José, nas ermidas de N. S. das Dôres, Madre de Deus e em tantas outras.

As ruas são calçadas a basalto, e algumas d'ellas teem passeios. As mais commerciaes estão situadas em volta da egreja matriz, que fica em frente do caes de desembarque. Algumas d'ellas estão arborisadas, predominando o olmeiro entre as essencias empregadas A cidade tem dois passeios; um á beira mar, formosissimo, *o aterro*, ou passeio Anthero do Quental, denominado assim em homenagem ao grande pensador e primoroso poeta, orgulho dos michaelenses e gloria das lettras patrias.

O outro passeio é o Campo de S. Francisco, cercado de ruas pelos quatro lados; é arborisado e ajardinado e tem um coreto ao centro, rodeado por um lago. A's quintas e domingos a musica de caçadores 11, que, diga-se de passagem, é muito melhor do que algumas bandas da capital, executa concertos que são concorridissimos; o *high-life*, como em Lisboa na Avenida, senta-se a leste nos bancos do passeio e em cadeiras de aluguer, notando se aqui que estas são tambem tomadas por gente do povo quando os seus grupos não cabem nos bancos do jardim. Foi n'este local, ao norte, junto do muro do convento da Esperança que Anthero do Quental ha pouco mais de dois annos disparou contra si duas balas de rewolver, morrendo momentos depois.

A oeste d'esta bella praça fica o hospital de S. Francisco, com a monumental fachada do seu corpo central, executada em calcareo de Lisboa; ao lado a egreja de S. José e a de Nossa Senhora das Dôres; ao norte, o convento da Esperança, dos outros lados da praça, edificios particulares de construcção antiga.

III

Ponta Delgada—Physionomia das ruas—As carruagens—As araucarias—O capello e as arrelias—A carapuça—O algar da rua Formosa—Tuneis vulcanicos—Sua formação—Visita ao algar—Illuminação a magnesio—Impressões.

As ruas, cujo pavimento está bastante deteriorado pelos trabalhos da canalisação de agua e gaz, apresentam em geral pouco movimento nos dias de semana, exceptuando as da parte maritima e commercial. A cidade possue muitas carruagens particulares e não lhe falta trens de aluguer, que em geral são bons. O typo do carro de aluguer é o *landeau*, como nas cidades allemãs; ha tambem *victorias* e *charrettes* de varios modelos. Estão n'isso os michaelenses relativamente melhor do que em Lisboa onde, o *caleche* é ainda fabricado em larga escala, ao passo que os *landaus* de aluguer são raros.

Uma das cousas que tambem impressiona quem entra pela primeira vez em Ponta Delgada, é o grande numero de araucarias de grande porte, espalhadas pela cidade, nos passeios, em frente de egrejas, nos cemiterios, pelas encostas das colinas, não falando nas dos jardins. A araucaria está para Ponta Delgada, como os obeliscos para Roma.

De tudo, porém, o que mais chama a attenção do continental é o *capello*, que tanto póde ter sido inventado por um marido ciumento como por uma *mulher de Cesar*, fim de seculo, que pro-

cure afastar suspeitas... O *capello* faz parte de uma desgraciosa toilette feminina insulana, um tanto decaida de moda e que hoje é quasi que unicamente usada nas classes media e inferior da sociedade. Esse trajo consiste n'um capote, como os que antigamente eram usados pelas continentaes, mas de côr azul ferrete, ao qual está fixado, como a um gabão, um capuz ou *capello* que occulta os rostos... que não queiram deixar-se ver.

O *capello* é uma especie de sacco deitado, da mesma fazenda do capote, fixado sempre em posição horisontal por meio de uma barba de baleia, que está cozida á costura superior e que vem até ao cabeção, contornando a curva do collo de cysne, na sua posição normal, avançando uns vinte centimetros de cada lado á frente da cara, que só de frente póde, portanto, ser apercebida, se a dona o permitte... Não se imagina como o *capello* causa arrelias! Uma vez são uns lindos olhos que rapidamente fulguram ao cruzarmos um passeio ou dobrando uma esquina, olhos que dizem muito, sem duvida, mas de que o maldito *capello* occulta o precioso estojo que os devia ostentar em todo o seu esplendor. Outra vez é uma decepção que nos prepara. E que decepções, Santo Deus, o *capello* nos reserva, porque de certo já o suppozeram, são poucos os rostos formosos que se submettem ao *capello*...

Nos homens, nos que veem de fóra da cidade, principalmente, vê-se tambem, mas em menor numero, uma *carapuça* com casco e uma grande palla feitas de sola e cobertas de panno preto. Em torno da capa e pelo lado posterior desce até aos hombros uma especie de romeira do mesmo panno, a qual em algumas é apertada a frente do bonnet por um enorme colchete de prata.

Familiarisados assim com o aspecto da cidade, com as suas praças e jardins, com os seus passeios e as suas ruas, as suas casas e palacios sem architectura, mas vastos e espaçosos, como convem aos prolificos insulanos, resolvemos, antes de começar as nossas visitas aos edificios religiosos e civis de Ponta Delgada, ir ver o que para nós constituia a maior curiosidade, o *algar*; que desde que saimos de Lisboa, no *Funchal*, e durante os cinco dias da viagem d'este pela Madeira e Santa Maria, nos era apontado por alguns illustrados insulanos que foram nossos companheiros a bordo, como uma das maiores curiosidades açorianas.

O *algar* da rua Formosa, de Ponta Delgada, é o mais notavel dos tuneis vulcanicos dos Açores, embora o de Angra seja tambem interessante pela sua secção, que chega a attingir uma altura de 5 a 6 metros e a largura de 10. O *algar* de Ponta Delgada como todos os tuneis vulcanicos, cuja existencia parece ter sido apenas reconhecida nos Açores e nas ilhas Sandwich, deve a sua formação a que, ao mesmo tempo que a superficie da corrente

da lava se solidifica, vão-se depositando junto das paredes do canal de esgotamento, montões de escorias, que a lava arrasta comsigo na sua corrente: uma consolidação similhante tem logar ao contacto da corrente com a rocha sob-jacente, de forma que, se considerarmos a camada de escorias que reveste exteriormente a lava, pode-se dizer que esta corre por dentro de uma bainha, a qual se conserva cheia de lava corrente emquanto esta é fornecida pelo vulcão; se o escoamento da lava cessa o nivel baixa e a *bainha* despeja-se; e se a camada de escorias é sufficientemente resistente, succede ficar constituido uma especie de tunel que só se pode formar nas lavas basalticas, as unicas que são bastante fluidas para correrem por muito tempo dentro de uma *bainha* de escoria.

O tunnel de Ponta Delgada tem mais de um kilometro de extensão reconhecida, desemboca no mar depois de atravessar inferiormente a fabrica de alcool de Santa Clara, vindo na direcção norte-sul. Tem por vezes uma secção pouco inferior á do tunel do Rocio e outras vezes a de uma galeria de direcção.

A 250 ou 300 metros da entrada, que fica em um terreno da rua Formosa, propriedade do sr. dr. Caetano d'Andrade Albuquerque, o alargamento da secção é notavel e como esta reina sobre uma extensão não inferior a 60 metros, o aspecto da vasta galeria que um nosso amavel cicerone e uma das glorias michaelenses hodiernas, o sr. capitão de caçadores 11 Francisco Affonso Chaves, a quem varias vezes teremos de nos referir no decurso das nossas cartas, nos mostrou á luz magica do magnesio, produziu-nos uma sensação innarravel, apezar de termos já percorrido a pé e em differentes phases da construcção, um bom numero de subterraneos de certa importancia. A abobada do tunel, da qual pendiam grossos e negros stalactictes, as paredes lateraes que se diria guarnecidas de *lambris* muito moldados, e que marcam o tempo das paragens que a lava teve no seu movimento progressivo, as bocas das pequenas galerias que communicam com esta em que nos achamos; aqui e além um pequeno desabamento indicando que a exploração do *algar* não é isenta de perigo; o sólo irregular e de uma dureza vitrea, como a do Atrio do Cavallo, no Vesuvio, tudo isto banhado pela luz deslumbrante do magnesio, constituiu um dos espectaculos mais empolgantes e mais grandiosos que o Dante certamente não rejeitaria para fazer passar alguma scena do seu *Inferno*.

Quando saì do *algar* eram 9 horas da noite; vinha fatigado de ter atravessado algumas galerias que pouco mais altas eram que um metro e cançado já da luz ençarniçada dos archotes. Ao vêr a lua resplendente apezar de cercada pelas nuvens de que o ceu michaelense nunca se desfaz em dia algum, ao ver o *astro saudoso,* senti um prazer tambem innarravel.

IV

Ponta Delgada—Edificios religiosos—A matriz—Ornamentação açoriana—Ornatos fundamentaes—Basalto pintado e ladrilho de mosaico... por pintar—S. José—Um movel notavel—A fachada das Dôres—Santo André e o seu retabulo—Murillo ou flamengos?—O collegio—A fachada e a capella mór—O seu proprietario—A capella de Santa Barbara—Uma preciosidade—Pedro Alexandrino nas egrejas de S. Pedro e Conceição.

A egreja *matriz*, proxima ao caes, tem a fachada principal virada ao poente. A porta central é manuelina, grande e bem lançada; a pedra é calcarea e veiu de Lisboa; as portas lateraes feitas em epoca posterior são de um estylo a que chamarei michaelense, emquanto não verificar se elle se vê tambem nas outras ilhas dos Açores. Esse estylo, de uma simplicidade encantadora, na sua primeira maneira encontra-se na ornamentação das fachadas das egrejas, nas obras de talha, em alguns moveis e mais raramente em trabalhos de ferro forjado, e vi até reminiscencia d'elle no desenho de um canteiro de jardim. Os ornatos elementares d'esse estylo decorativo são em numero de quatro e teem respectivamente as fórmas de um G, de um C, de uma virgula e de uma concha igual ás que se notam no estylo D. João V. Com esses quatro ornatos decoraram os michaelenses as fachadas da maior parte dos seus templos, por meio de altos relevos em tufo basaltico, negro, pintado depois a imitar calcereo. Estão n'este caso as portas lateraes da fachada principal da matriz, cujas hombreiras em columnas de basalto, *torcidas*, teriam outro valor se a pedra negra não fosse pintada... em nome do bom gosto. Na fachada norte ha uma porta manuelina em basalto; tambem está pintada, o que faz que á primeira vista se não distinga bem se é de gesso ou de *papier-maché;* de basalto é que ninguem diz que é. Na fachada sul ha um bem trabalhado portico manuelino, em calcareo de Lisboa de dupla entrada, encimado pelos medalhões em baixo relevo de Vasco da Gama e do infante D. Henrique. Nas hombreiras d'este bello portico estão esculpidos uns baixos relevos de pura renascença italiana!

O interior da egreja é insignificante; as tres naves que a com-

põem são desgraciosas; os tectos abahulados e caiados; as columnas tambem caiadas; as capellas lateraes sem importancia, á excepção da terceira da direita, que tem uma bella grade de pau santo esculpido e cujo altar está sendo reconstruido com magnifica obra de talha, que honra os entalhadores michaelenses.

A capella-mór tem o tecto de abobada, imitação da dos Jeronymos, mas sem a simplicidade e elegancia que deslumbra a vista no mosteiro de Belem. Inutil será dizer que as cantarias foram caiadas, por serem de tufo. Como esta abobada, apesar de muito carregada, teria um cunho especial se não tivesse sido pintada! O fundo do altar-mór, ao centro do qual se ergue a estatua do archanjo patrono da ilha, é desde a base até á abobada formado por soberbas columnas verticaes que se ligam superiormente a outras, formando semicirculo e constituindo abobada, todas ellas de boa talha dourada, muito levantada e do estylo D. João V. De um e de outro lado da capella-mór corre uma bancada de cadeiras de alto espaldar com entablamento, em pau santo esculpido, distinguindo-se em cada fila a primeira do lado do altar. E' trabalho moderno e bem executado. O chão da capella-mór não adivinham de certo de que é feito: Dou-lhes um doce se o fizerem! Pois bem, vou-lhes dizer: é de ladrilho de mosaico!! Sob um tecto manuelino e tendo por fundo uma obra de talha do tempo de D. João V, só um producto da fabrica do sr. Pinto de Magalhães (sem reclame) completaria o *charivari* de toda a decoração interior e exterior d'este templo.

A egreja de S. José, que está no campo de S. Francisco, apresenta a sua fachada ornamentada em estylo *michaelense*; todas as egrejas da ilha de S. Miguel teem uma torre só e ao lado, geralmente á direita, e são encimadas por uma pequena balaustrada. Não teem cupula. As paredes das egrejas são brancas ou côr de rosa. O interior da de S. José é muito notavel pela boa obra de talha que se vê na sua capella-mór, cujo tecto e paredes estão completamente revestidos. Nas capellas lateraes tambem se encontra muito boa talha toda ella obra insulana, de subido valor por vezes. A variedade de columnas *torcidas* e a ornamentação d'estas, umas vezes carregadissima, outras vezes de uma simplicidade encantadora, como em umas que tenho visto mais de uma vez em pequenos altares.

O terço inferior do torcido d'estas columnas não é ornamentado; apenas é sulcado por tres ou quatro riscos em fórma de helice que contornam paralellamente entre si, esta parte da columna; a parte superior é lisa, apenas um silvado com pequeninas rosas se enrosca em torno d'ella contornando cada passo da helice até ao capitel.

Na sacristia d'esta egreja ha uma notavel credencia, obra an-

tiga e genuinamente insulana. Tem 1 metro e 60 centimetros de comprimento por 1 e 20 de largo e 1 e 10 de altura. E' um dos moveis mais valiosos que tenho encontrado em S. Miguel, direi mesmo o mais notavel sob o ponto de vista da arte indigena. Os pés são verdadeiramente monumentaes e de uma ornamentação originalissima e graciosa, constituida quasi que esclusivamente pelo *C.*, decorativo das frontarias dos templos insulanos. E' um movel antigo, de um valor inestimavel e que devia figurar, bem como outras preciosidades que estão espalhadas pela ilha e mais ou menos abandonadas, em um museu districtal.

Ao lado da egreja de S. José fica a ermida de Nossa Senhora das Dores, cuja pequena frontaria é um verdadeiro *bijou*. E' o mais bello exemplar de decoração michaelense, em toda a sua pureza e simplicidade.

A egreja de Santo André tem uma frontaria que se destaca de todas as outras: o corpo principal foi projectado em Italia e executado em pedra de tufo, que aqui não foi pintado e ostenta por isso todo o seu valor ornamental. O que torna porém a frontaria notavel, não é a parte italiana, que tem pouco merecimento, a não ser pela difficuldade de execução das vergas da porta principal e pela simplicidade do desenho; o que tem aqui um grande destaque são as bellas janellas insulanas, de uma ornamentação pomposa apezar de não terem outros ornatos que não sejam os quatro constitutivos de toda a ornamentação michaelense primitiva.

Vê-se portanto logo, que esta parte da fachada não foi projectada pelo mesmo architecto, que delineou a do corpo principal. A decoração interior do templo é genuinamente estrangeira; deve ser italiana, de má epoca. Predomina a talha pintada a cores e dourada; ha uma cruz de tartaruga no pequeno altar da direita e duas suspensões de lampadarios na capella-mór, feitas de ferro forjado, que devem ser notadas; igualmente são dignos de menção o pulpito e a balaustrada que separa a capella mór, em pau santo com obra de talha dourada. O que porém chama as attenções e sobreleva de importancia a tudo o mais, é o retabulo do altar mór, representando o martyrio de Santo André, grande composição de 2 metros por 3 approximadamente. A alguns michaelenses ouvi attribuir a Murillo esta valiosa tela, naturalmente pela factura do santo que parece realmente de boa escola hespanhola; o estudo dos musculos do peito e braços e a mão direita mereceram ao pintor cuidado especial e estão primorosamente tratados. Um algoz, que está no segundo plano, no mesmo em que está o santo, com uma toga encarnada, d'aquelle encarnado de Rubens, se fosse possivel recortar-lhe a cabeça e emoldural-a, obter-se-ia um quadro que nenhum collecionador desdenharia; no primeiro plano está um cão de costas para nós, ladrando, como que pro-

testando contra o martyrio que infligem ao santo; á direita e esquerda algozes e pretorianos, um d'estes á direita n'uma attitude de indifferença selvagem; ao fundo os cavallos dos soldados, alguns dos quaes montados pelos seus cavalleiros. Dois anjos empunhando respectivamente uma corôa e uma palma adejam perto da aureola que principia a envolver a cabeça do santo que apparenta um mixto de resignação e beatitude; a composição d'estes anjos é detestavel, destoando bem da cabeça do santo que lhes fica junta. Afóra a composição do santo o resto do quadro parece mais da escola flamenga que da hespanhola; muitos detalhes que seria longo enumerar, apoiam esta nossa opinião, a qual tivemos o gosto de ver partilhada pelo illustrado cicerone que nos acompanhou a Santo André.

Da ermida de Nossa Senhora do Desterro, situada na rua d'este nome só ha de notavel e muito, a grade de ferro forjado que fecha o adro. Em qualquer museu industrial, uma vez raspada a tinta que a cobre, e convenientemente nikelada, constituiria um objecto de grande apreço.

O *Collegio*, egreja do antigo convento dos jesuitas, é hoje propriedade do digno par do reino vitalicio, o sr. José Maria Raposo do Amaral, um dos primeiros proprietarios de S. Miguel e uma das maiores fortunas d'esta ilha, onde, como é notorio, ha muitas e importantes. A fachada do edificio que foi justa posta á primitiva, tem uma apparencia pesada, mas original e não destituida de certa belleza. E' no estylo D. João V, açoriano ou michaelense. O portico consta de tres portas, a do centro, encimada por uma grande concha que abrange toda a verga; de cada lado d'esta porta ha tres columnas de ordem composita, assentes sobre misulas, servindo de pedestaes. Ao lado de cada porta lateral ha uma janella em forma de ocular, com a cantaria ornamentada.

Por cima d'estas cinco aberturas, e á altura de 6 metros correm 5 janellas com balcões de ferro, cada uma das quaes é rematada por uma cimalha toscana sobre a qual abre uma ocular em forma da bivalva typica da epoca. Sobre um entablamento geral que corre toda a fachada repousa um enorme janellão, cuja largura corresponde á do corpo central da fachada. Este janellão é constituido por tres grandes janellas separadas por pilastras esculpidas a baixo relevo, estylo açoriano, baixo relevo que tambem circumda o janellão superiormente. A parte superior d'este apresenta a curva de meia elipse no sentido longitudinal e de cada um dos lados o janellão remata e liga-se ao resto da cimalha por meio de um enorme G ornamental, em posição invertida. Toda a madeira exterior das portas e janellas é pintada de verde, como succede nos demais templos; as paredes são caiadas de branco e as bellas cantarias de tufo basaltico ostentam-se sem revestimento algum.

Esta frontaria que tem um tanto de *ro co-co* e que, não sei por que, talvez pela grande superficie pintada a verde, me faz lembrar as edificações de Dresde, é, no seu conjuncto, apesar das mutilações e excrescencia a mais grandiosa de Ponta Delgada.

O interior da egreja estava sendo ornamentado quando foi intimada a expulsão dos jesuitas; se tivesse terminado, ficaria a egreja mais rica do paiz em obra de talha. Ainda assim a sua capella mór, com o seu monstruoso trono, dá idéa do que seria essa ornamentação que apesar da maior parte d'ella estar por dourar, o que a não torna menos bella, é sem duvida alguma a mais rica, no seu genero, em Portugal. O trono, desde o sacrario até ao docel, é todo em talha levantada e com grandes peças esculpturaes, de todos os tamanhos. Só anjos e seraphins contei ali 37; duas aguias de dupla cabeça, encimadas pela corôa imperial, uma de cada lado do altar mór, significam talvez alguma dadiva importante, cuja proveniencia seja assim memorada; uma ou outra grande concha (bivalvo) aqui e ali faz unicamente recordar o estylo portuguez. Vê-se bem que o desenho é estrangeiro, de algum jesuita certamente e sem duvida alguma de um amador. A abobada da capella mór, em grandes florões e as paredes lateraes em paineis, dois dos quaes, fronteiros, occultam as tribunas e são um trabalho preciosissimo, o feixe do altar mór, em uma palavra toda a capella mór é uma obra de talha monumental, que vista detidamente, talvez não nos encante, mas que nos dominará sempre pela nota grandiosa e opulenta da sua confecção e execução.

De cada lado da capella mór ha dois quadros de azulejos de grandes dimensões e de certo valor: o da esquerda representa uma scena da terra da promissão e o da direita a queda do maná.

A capella do Senhor dos Passos d'esta egreja (bella imagem que rivalisa com a de S. Roque, de Lisboa) apresenta quatro preciosas columnas de madeira entalhada, pintadas e douradas, que lembram umas miniaturas das de bronze que em S. Pedro de Roma, sustentam a cupula do tumulo do santo.

Proximo d'este altar está um pulpito onde prégou o grande jesuita padre Antonio Vieira.

Quando visitava esta curiosa egreja veiu ao meu encontro o seu opulento proprietario o sr. Raposo do Amaral, chefe do partido progressista em Ponta Delgada, espirito muito lucido e eminentemente pratico. Dizem que é o primeiro agricultor da ilha e avaliam aqui o seu rendimento annual em algumas dezenas de contos. Apezar de ser par do reino effectivo, parece que a camara alta lhe não sorri muito porque só lá foi ha annos, quando tomou assento. Tem viajado muito e applicado á sua terra algumas das lições que d'essas viagens colheu. E' pae do actual presidente da

camara de Ponta Delgada o sr. José Maria Raposo do Amaral Junior e da esposa do sr. dr. Caetano de Andrade Albuquerque.

Ainda muitas egrejas e ermidas haveria a citar, como a de St.ª Barbara, onde existe um riquissimo quadro em alto e baixo relevo, de madeira pintada a cores e dourada, escola florentina, representando o passamento de S. José. As cabecinhas dos anjos, que circumdam o Padre Eterno, são adoraveis de frescura e parecem de louros *babys*. A colcha que cobre o leito do santo e todas as roupagens são um bello trabalho de esculptura e de pintura. Deve ser do seculo XVI e tem um grande valor. Nas ermidas do Desterro e Mãe de Deus, tambem ha dois quadros sacros, em alto e baixo relevo: na primeira o da «Fugida para o Egypto» e na outra «Christo sobre as ondas. Na egreja de S. Pedro ha um quadro de Pedro Alexandrino «A descida do Espirito Santo sobre os apostolos» e na da Conceição outro representando «S. Joaquim».

Ponta Delgada — Edificios civis — O museu municipal. Sua fundação — O conde de Fonte Bella — O dr. Carlos Machado — O capitão Chaves — Camaras municipaes — Dr. Aristides da Motta — Dr. Caetano de Andrade e Raposo do Amaral—Commissão technica directora do museu —As collecções — Preparações notaveis—Valiosos donativos.

O museu de Ponta Delgada merece por muitas rasões ser o primeiro edificio da cidade que se visite. Foi fundado em 1875 por iniciativa do illustre naturalista michaelense, dr. Carlos Maria Gomes Machado, medico por Coimbra, professor de introducção, a esse tempo, do lyceu e mais tarde governador civil do districto de que é ornamento. A iniciativa do fundador encontrou um poderoso auxiliar na generosidade do sr. conde de Fonte Bella que do seu bolsinho, subsidia annualmente o museu com 200$000 e está constantemente cooperando para o seu engrandecimento, com donativos extraordinarios, entre os quaes figura o de uma collecção ethnographica (armas, objectos de uso domestico, instrumentos de musica, etc.) que o capitão de mar e guerra Craveiro Lopes, já fallecido, collecionára em Africa, e pela qual o magnanimo titular deu um conto de réis. Por outro lado o dr. Carlos Machado põe ao serviço do museu os seus valiosos conhecimentos de abalisado naturalista e uma affeição e assiduidade acima de todo o elogio.

Em 1890 presidia a camara municipal de Ponta Delgada um dos

seus mais talentosos filhos, o dr. Aristides Moreira da Motta, que a politica já teria levado aos conselhos da corôa, se elle não a tratasse com tanto desamor quando foi deputado na sessão legislativa anterior. Advogado distincto, orador dos mais notaveis pela fluencia, correcção e elegancia da phrase, insulano dos quatro costados, physica e moralmente um forte, o actual presidente da commissão districtal (o mais elevado cargo administrativo do districto) merece ser especialmente citado na referencia que estamos fazendo ao museu. Foi devido á camara da sua presidencia a acceitação da proposta adiante referida do sr. Francisco Affonso Chaves, a quem d'aqui em diante passaremos a tratar pelo capitão Chaves, como aqui é conhecido o notavel naturalista portuguez. Disse notavel e disse portuguez. Se elle é notavel naturalista que o digam o sr. Bocage e os sabios estrangeiros que lhe teem dedicado especies zoologicas e o citam em obras suas, que eu não o faço para elle não ficar mal commigo... Disse portuguez, por vaidade, confesso; não lhe chamei açoriano porque o não sou... Este illustre malacologista, que tem importantes trabalhos sobre a fauna açoriana, principalmente na parte relativa a molluscos e crustaceos, trabalhos feitos á sua custa e ha alguns annos, foi o mais ardente enthusiasta pela idéa do museu, e propoz á camara que ella tomasse essa instituição sob sua égide, nomeando uma commissão protectora e administradora.

A' intervenção municipal deve-se a segurança de que um estabelecimento de tão grande interesse não desappareça, e é este um dos grandes serviços prestados pelo dr. Aristides da Motta ao museu.

A commissão foi nomeada pela camara e d'ella fazem parte todos os nomes mais illustres dos partidos politicos; d'essa commissão destacou-se uma executiva que tem a seu cargo a direcção technica do museu e que é composta do dr. Carlos Machado, do capitão Chaves e do dr. Bruno Tavares Carreiro, um medico de grande valor, habil cirurgião e espirito culto, a quem os seus conterraneos prestam o devido tributo de respeito.

Todas as camaras municipaes que se succederam á de Aristides da Motta e principalmente as da presidencia dos srs. dr. Caetano de Andrade Albuquerque e José Maria Raposo do Amaral Junior, teem-se interessado por esta instituição, votando-lhe por vezes subsidios importantes. O presidente da camara actual o sr. Raposo do Amaral Junior apresentou um projecto, que foi approvado, para a construcção de um edificio especial para o museu, o qual está orçado em 18 contos de réis. Tivemos o prazer de vêr o projecto e o local que está destinado ao edificio, na avenida Roberto Ivens. Uma vez estabelecido n'esse edificio, Ponta Delgada poderá orgulhar-se de mais esse novo melhoramento.

Tal como está, o museu é já bastante notavel pelas suas collecções e tem sido visitado por muitos naturalistas estrangeiros, que teem vindo estudar a fauna açoriana e a elle teem feito referencias agradaveis. E' n'estas collecções locaes que reside o interesse do museu, e por isso especialisaremos alguns exemplares mais notaveis.

Em esqueletos de *cetaceos*: os de *cachalote* (Physeter macrocephalos) - *boto caiado* (Grampus griseus). O do cachalote foi dadiva do sr. Conde de Jacome Corrêa e importou em 150$000 reis

Em aves: as duas aves peculiares aos Açores, o *tentilhão* (Fringilla Moreleti), e o *priolo* (Pyrrhula murina); exemplares curiosos de codornizes (Coturnix communis), um albino e outro melanico, etc.

Em peixes: *peixe engana* (Lophius piscatorius) animal de conformação achatada, olhos dispostos na parte superior da cabeça, bocca grande, um tanto aberta para a parte superior; da parte posterior dos olhos parte um appendice linear terminado por uma pequena lamina cartilaginosa com a qual chama os peixes miudos, que em seguida sorve; *agulha do mar* (Syngnathus acus), notavel por ser o macho que recebe n'uma algibeira incubadora os ovos, que são ali depostos pela fêmea e que elle conserva até ao nascimento. Uma grande *raia* ou *jamanta* (Ceratopterus sp.) de 700 kilos de peso e 4,^{m}25 de extensão, de ponta a ponta de barbatana, preparação que, com a dos esqueletos dos cetaceos acima mencionados, mostra o alto valor do preparador do museu o sr. Manuel Antonio de Vasconcellos, que a expensas do benemerito conde de Fonte Bella, esteve em Lisboa estudando taxidermia no museu de historia natural.

Em crustaceos: *Ozius Edwardsii*, especie da qual se conhece só um outro exemplar nas Canarias; *Dromia vulgaris*, com a particularidade de ter as patas posteriores dispostas para a apprehensão de pedaços de esponja, com os quaes se cobre afim de evitar o ataque dos inimigos e de favorecer a sua pesca; importante collecção de *Cyamus*.

Os esqueletos dos cetaceos foram armados sob a direcção do Capitão Chaves, ao qual o museu deve tambem uma parte dos crustaceos, obtidos em differentes explorações com escaphandro, realisadas por elle proprio em Ponta Delgada e na Horta com apparelhos pertencentes ás emprezas constructoras dos portos artificiaes.

VI

Ponta Delgada — Outros edificios — O hospital de S. Francisco e as suas dependencias—O Dr. Bruno—Movimento de doentes—A Misericordia—O governo civil—O albergue nocturno=Apello aos argentarios da minha terra —Outros estabelecimentos pios=Mercado de peixe=Theatro=Penitenciaria=Criminalidade nos Açores=O Lyceu, seu corpo docente e suas installações=Historia veridica de uma invocação a S. Pedro Gonçalves.

Um dos principaes edificios publicos de Ponta Delgada é certamente o do hospital da Misericordia ou de S. Francisco, situado na praça d'este nome. E' um vasto e bello edificio, com uma nobre fachada central em estylo classico, toda ella construida com pedra vinda de Lisboa e encimada por um frontão, supportado por duas grandes columnas. Por dentro, o edificio, áparte a enfermaria destinada aos alienados, pode ser classificado entre os melhores do paiz.

Seis grandes enfermarias de 50 camas cada uma, fartas de ar e luz estão installadas em corpos separados e mantidas com o mais escrupuloso asseio. O hospital possue tambem uma sala para autopsias, uma casa mortuaria, uma sala para operações e um magnifico estabelecimento de banhos, parte do qual é reservado ao publico e onde em bellas tinas de marmore e pela modica quantia de 240 réis, é fornecido, alem do banho, a roupa e um sabonete inglez, intacto. Annexas ao hospital, ficam uma casa para desinfecções, as cozinhas, a capella, a pharmacia, etc.

A Santa Casa da Misericordia, que administra o hospital, tem de receita annual 35:000$000 réis com a qual occorre a todas as despesas. A entrada annual de doentes é de cerca de 2:000. A Misericordia sustenta tambem um outro hospital na estação thermal das Furnas, durante os mezes de julho e agosto e com o movimento de 120 doentes, cujo serviço clinico estava a cargo da junta geral e é agora subsidiado pelo governo. Os medicos, a cargo de quem está o serviço d'estes hospitaes, são os sr. drs. Manuel Maria da Rosa, Hermano de Medeiros, Mont'Alverne de Sequeira e Bruno Tavares Carreiro. Este ultimo passava visita á sua enfermaria, quando n'ella entravamos. E' um dos operadores mais

abalisados e um dos clinicos de maior nomeada. Algumas operações, principalmente as de ovariotomia, de lithotricia, cataratas, tracheotomia, etc., teem-lhe dado grande renome pelo successo que n'ellas obteve. Nas suas horas de ocio dedicara-se ao estudo pratico da botanica, tendo colleccionado um apreciavel herbario, de que fez doação ao museu municipal.

O actual provedor da Misericordia é o sr. dr. Aristides Moreira da Motta a quem já nos referimos nas cartas anteriores, como a um dos michaelenses mais talentosos.

O edificio em que está installado o governo civil tambem é de construcção moderna e ampla. Possue algumas boas salas e está regularmente mobilado, embora ainda não completamente.

Foi no seu salão principal que em 6 de setembro se realisou o banquete em honra dos engenheiros inglezes que tinham vindo lançar o cabo submarino para os Açores. A mobilia da casa de jantar pertence ao edificio e foi executada por habeis entalhadores michaelenses, que os ha de muito merito em Ponta Delgada.

***

Uma construcção digna de honrosa menção é a do edificio em que está installado o albergue nocturno.

Consta de duas alas ligadas n'um dos topos a um corpo onde estão as dependencias d'este hospicio, cosinhas, casas de banho, arrecadações, etc. Cada uma das alas corresponde aos dormitorios das mulheres e dos homens, grandes, bem illuminados e arejados. Entre as alas fica um parque ajardinado. Este magnifico estabelecimento foi construido com fundos legados pela sr.ª D. Margarida de Chaves, e é administrado pela camara municipal. Oxalá que algum dos nossos ricos patricios se lembre um dia de dotar Lisboa com um edificio como o que a piedosa senhora michaelense legou á sua terra.

***

Outras instituições de beneficencia conta Ponta Delgada: «asylo da infancia desvalida, que recolhe 20 asylados, fundado em 1855, e devido á iniciativa do padre Cesar Ferreira Cabido, e o asylo da mendicidade iniciado pelo fallecido visconde da Praia da

Victoria (Ornellas Bruges) quando governador civil do districto, ambos elles subsidiados pela santa casa da misericordia, tendo-o sido tambem pela extincta junta geral do districto, do cofre da qual o governo lançou mão, em virtude da ultima lei que reorganisou estas corporações, passando a dar aos asylos um terço do subsidio que elles recebiam da junta!...A receita propria d'estes asylos é pequenissima, sendo a do primeiro um conto de réis.

Longo seria enumerar todos os edificios notaveis que possue Ponta Delgada, taes como o do seu grande mercado de peixe junto ao aterro, o da camara municipal, o do theatro michaelense, a penitenciaria, etc. A'cerca d'este ultimo, que pelas suas dimensões entenebrece o espirito que não esteja esclarecido ácerca dos costumes insulanos, soubémos com prazer que a sua lotação nunca foi preenchida e que ella excede em muito a que é requerida. A proposito dos bons costumes e da boa indole dos açorianos diremos que ao passo que no continente a criminalidade (réus condemnados) é de 2,5 por 1:000 habitantes, nos Açores é apenas de 1,1.

Esta relação, ainda mais frisante se torna se attendermos a que os réos condemnados em processo ordinario attingem no continente 0,5 por 1:000 e nos Açores apenas 0,05! Em policia correccional as condemnações no continente elevam-se a 2 por 1:000 e nos Açores a 1,05, isto é, menos de metade que em Portugal, nos pequenos delictos e dez vezes menos nos crimes de gravidade.

Da boa indole do povo açoriano é tambem frisante exemplo o facto de em Ponta Delgada não ter sido até ao presente reconhecida a necessidade de criar um corpo de policia, apesar da população d'esta cidade orçar por 20.000 habitantes não contando com os dos populosos suburbios.

Nas festas com que a capital michaelense celebrou em 27 de agosto a inauguração do cabo telegraphico submarino, a multidão, que durante o dia e toda a noite encheu as ruas e os passeios não deu logar á mais leve perturbação da ordem, ao menor desaguisado, a qualquer queixume. Apesar da grande agglomeração de povo as algibeiras dos cidadãos foram sempre respeitadas, não constando que fosse praticado qualquer latrocinio.

***

O lyceu, como todos os do paiz, está mal alojado, mas, em compensação, tem um corpo docente illustradissimo e algumas installações que muitos do continente não possuem. Na visita

que fizemos a este estabelecimento fomos acompanhados pelo seu reitor o dr. Eugenio Vaz Pacheco do Canto e Castro, licenciado na faculdade de philosophia e auctor de duas interessantes obras de geologia, escriptas em francez e impressas em Paris, onde o dr. Eugenio Pacheco profundou os estudos d'esta sciencia. A sua collecção de rochas da ilha de S. Miguel e os trabalhos micrographicos correspondentes, dão ao gabinete da aula de introducção, cuja regencia lhe está confiada, um subido valor. O laboratorio de chimica, cuja instalação é extremamente simples e economica, é perfeitamente sufficiente para um estabelecimento d'esta ordem e podia muito bem servir de modelo a muitos lyceus do continente, que não possuem laboratorio. O dr. Aristides da Motta é proprietario das cadeiras de philosophia e de geographia, o sr. João de Moraes Pereira da de inglez, idioma que conhece a fundo, Prospero Teixeira da de francez, drs. Eugenio Pacheco e Eugenio do Canto das de mathematica e physica, dr. Heitor Cabido e José Pedro da Costa das de latim e portuguez e Antonio Manoel de Vasconcellos da de desenho.

O edificio em que está o lyceu foi antigamente convento dos Gracianos. Na egreja que está annexa figura uma imagem de S. Pedro Gonçalves, patrono dos pescadores de Ponta Delgada, a qual tem a sua historia e com tanto sabor local, que não resisto a contal-a, embora imperfeitamente. Este santo, estava anteriormente em uma ermida junto ao mercado do Corpo Santo (o mercado de peixe), a qual, pelo estado de ruina em que se achava, obrigou a remoção do santo para a egreja da Graça, obtida previamente a auctorisação respectiva do bispo de Angra. Os pescadores levaram a mal a transferencia e grande celeuma se levantou na sua classe. No dia da trasladação, que foi inevitavel, apesar de tudo, na occasião em que o santo deixava processionalmente a sua antiga ermida e já estava na rua, poz-se á frente d'elle o mais velho dos pescadores e dirigiu-lhe a seguinte invocação, a qual vae escripta exactamente como o povo de S. Miguel fala:=«O' sôr S. Pedro Gonçarves vós que fostes nado e criado n'essa egreja d'essa terra ahi. Se vós seides santo, é esta noite lá e amenhã pela menhãsinha aqui! e agora se não seides santo...» A blasphemia com que o velho pescador apostrophava o santo, não a transcrevo eu que sou temente a Deus, a S. Pedro Gonçalves e ás amaveis leitoras que eu possa ter...

VII

De Ponta Delgada a Sete Cidades=Cavallaria insulana—O caminho da Cumieira—A' borda da cratera=Extase—A descida para o vale—Entre florestas=O fundo da cratera—Lagôa azul e lagôa verde—A aldeia—O parque do dr. Caetano d'Andrade—Flora opulenta—Os castellões de Sete Cidades.

É possivel que succeda ao leitor das minhas antecedentes cartas o que me passou depois de alguns dias de demora em Ponta Delgada, visitando templos, construcções civis e jardins: se sinta fatigado e experimente a necessidade de aspirar o ar dos campos a pulmões plenos. Parece-me que uma excursão de dois dias ás *Sete Cidades* e ao *Pico do Carvão* lhe proporcionará algumas horas de encanto, como as mais bellas que terá tido quando percorresse as regiões mais pittorescas da Europa.

O caminho do *touriste* que de Ponta Delgada se dirija ás Sete Cidades, faz-se parte em carruagem e parte a cavallo. O *landau* em que sae de Ponta Delgada segue a estrada marginal que atravessa a Relva e as Feteiras, importantes povoações com mais de 2:000 habitantes cada uma, condul-o até Lomba da Cruz, onde facilmente obtem um solido e experimentado burro ou muar, no qual fará a ascenção da montanha que fórma o topo poente da ilha e no interior da qual se formou uma cratera, cujo diametro superior tem pouco mais ou menos de 5 kilometros.

De Ponta Delgada á Cumieira da Cidade, vence-se a distancia em pouco mais de tres horas, cerca de duas em trem e o resto a cavallo. Esta parte do caminho é por certo a que mais interessa o continental. Em primeiro logar o animal que lhe trazem para montar vem arreiado á maneira da ilha, de albarda, *andilha* (cadeirinha sem costas), e cochim revestido pela alcatifa de fabricação insulana, tecida em algodão e lã. Uma cabeçada e uma corda, em guisa de arreata, completam o arreio. Nunca ha estribos, de fórma que os insulanos acham mais commodo ir sentados á moda dos almocreves; quando se vê cavalleiro bifurcando a albarda com as pernas, póde-se affirmar, sem receio, que é continental...

O caminho da Cumieira, que vamos pois cavalgando escarranchados sobre o amplo albardão de um macho vigoroso e *trappu*, tem parte do seu leito, assente entre duas profundas ravinas, a que os insulanos chamam *grotas*, e cujas encostas, quasi a prumo, estão completamente revestidas de faias, acacias, pinheiros, platanos, urzes e varias especies indigenas como o folhado e o sanguinho *(bois de rose)*, tudo entremeiado de fetos e inhames e atapetado em toda a extensão pelo mais viçoso licopodio que temos visto, o qual se encontra em muitas outras partes da ilha, revestindo os vallados e as *grotas!* A meio d'esta vereda começa a definir-se o terreno de montanha pela vegetação peculiar ás cumiadas, que em toda a ilha de S. Miguel vemos sempre verdejantes como as encostas e os valles! A *rainha do archipelago*, como lhe chamou o erudito naturalista francez mr. Fouqué, apresenta nas suas partes mais baixas uma serie, quasi ininterrupta, de campos viçosissimos, onde com o maior desenvolvimento se cultiva o milho e a batata, para fabricação do alcool; em planos mais elevados estendem-se umbrosas mattas que, em media, não teem mais de trinta a quarenta annos, encontrando-se lado a lado as arvores mais diversas originarias de todas as regiões temperadas do globo. Mas foi para os pontos culminantes da ilha que a natureza reservou a sua ornamentação mais grandiosa: a leste encravado entre os mais pittorescos montes o *vale das Furnas*, cercado de rochas abruptas e atravessado por uma ribeira de agua quente, cujas nascentes em ebulição reproduzem em ponto pequeno, os phenomenos dos geysers da Islandia; a poente, no extremo da aresta da montanha em que nos achamos, *a caldeira das Sete Cidades.* O effeito que nos produziu a vista da *caldeira* quando chegámos á Cumieira, alarmou-nos a tal ponto que, apesar de termos a nosso lado um antigo companheiro de trabalhos e amigo intimo, intelligente e illustrado, e enthusiasta, como os que o são, pelo que é bello e grandioso, apesar d'isso ficámos por longo espaço sem ter uma palavra que reproduzisse a exaltação que o nosso espirito sentiu ante o panorama deslumbrantissimo que, de repente e todo ao mesmo tempo, nos surprehendeu ao attingirmos a crista da Cumieira! E no emtanto qualquer de nós dois tinha a vista habituada ás paisagens mais formosas da Europa e o espirito eivado d'esse mal da epoca, chamado cosmopolitismo, para que o amor patrio influisse, de leve sequer, n'essa contemplação muda em que largo tempo nos quedámos e que tinha um não sei que de extase!

Estávamos a mais de 600 metros, acima do nivel do mar e á borda de uma grande cratera, cuja parte superior, como já dissémos, tem pouco mais ou menos de 5 kilometros de diametro e o fundo mais de 2 kilometros de largura media. Esta grande depressão circular tem as paredes talhadas quasi a prumo e revestidas

por uma vegetação exuberante, de um verde sombrio, que faz realçar garridamente, como uma aldeia do Piemonte ou da Lombardia, a povoação das *Sete cidades*, assente no fundo da cratera, com a sua casaria muito branca, de um tom calido e da qual se destaca apenas uma casa apalaçada, de aspecto muito simples mas nobre, cercada por um grande parque. Ao fundo da povoação, uma grande egreja com as paredes e torre de côres claras.

A aldêa debruça-se sobre um grande lago, bi-partido por um caminho, que o atravessa na parte mais estreita e que o divide portanto em duas lagôas, a do norte e a maior, em que a agua é azulada e attinge a profundidade de 14 braças e a do sul, em que a agua é verde e a maior profundidade de 12 braças. A coloração differente das aguas d'estas duas lagôas, que communicam entre si por um pontão de 5 metros, sobre o qual passa o caminho a que nos referimos, é devida a materias organicas, vegetaes, que estão na verde em suspensão. Na lagôa azul um pequeno promontorio de 150 a 200 metros, avança na margem de leste, cultivado como um parque inglez. N'esta mesma margem assim como nas de norte e sul, as montanhas que se elevam sobre o fundo do valle mais de 300 metros, apresentam-se quasi verticaes e profundamente fendidas no sentido longitudinal pelas convulsões do terreno onde em 1444 ou 1445 esteve em erupção um vulcão.

Estas fendas converteram-se em ravinas, cujos leitos e margens, bem como as tres encostas do lago ás quaes nos referimos, estão completamente revestidas de espessa vegetação rasteira, em que predomina o folhado, o louro bravo, a queiró, a urze, o tamujo, os fetos e os musgos, entre os quaes o sphagno. Para contraste, a margem poente da formosa lagôa coberta de frondoso arvoredo com a pequena planicie a seus pés, onde prados verdejantes circumdam a casaria *clairseméer* da mimosa aldeia!... Como o campanario typico das egrejas michaelenses faz augmentar de intensidade a nota ridente e pacifica de toda esta paisagem ideal, que rivaliza com as mais mimosas da Escocia, da Italia e da Suissa!...

Descendo a encosta da Cumieira em direcção á lagôa, o caminho que se segue constitue outro encanto! Vencendo com muitos lacetes os 300 metros de desnivel, vae sempre atravez de bosques das mais variadas essencias, plantados pela sabia mão de Antonio Borges da Camara Medeiros, um dos homens a quem a ilha de S. Miguel deve muitos e notaveis aformoseamentos. O caminho da Cumieira ás Sete Cidades, com *grotas* de um lado e de outro, atravessa massiços de plntanos, de amieiros, de criptomerias (comniferas de que ha na ilha grandes mattas), de alamos, de faias, de pinheiros, plantados de um e de outro lado do caminho, das encostas e no talweg das *grotas* em pequenas colinas, em ro-

chas alcantilladas, por toda a parte, emfim, dando a este percurso uma formosura tal que afronta a dos mais bellos caminhos de Interlaken, de Baden Baden, de Salzbourg e dos que a estes possam ser comparaveis.

Depois de tres quartos de hora, a pé, chegámos ás lagôas que são miniatura dos lagos de Thun e de Brienz, que estão separados um do outro por uma facha de terra, que hoje é atravessada por um canal navegavel, ao passo que estas estão separadas por uma estrada atravessada por uma ponte. Antes de chegarmos a essa estrada fica a esplendida propriedade, que de cima notámos e foi fundada pelo sr. Antonio Borges (tio do actual marquez da Praia e Monforte, tambem michaelense) e que pertence hoje ao enteado, o sr. Caetano de Andrade Albuquerque, doutorado pela universidade de Coimbra.

O sr. dr. Caetano de Andrade estava por acaso em Sete Cidades com sua familia, veraneando alguns dias e fez-nos a honra de ser nosso cicerone no pittoresco valle. Em uma barca da sua esquadrilha bordejámos no formoso lago, que tem na sua maior extensão cerca de 5 kilometros e é povoado já de alguns peixes, taes como trutas, ciprinos doirados e carpas, dos quaes só as primeiras teem propagado. As ultimas inundações, que durante muito tempo conservaram parte da casa do dr: Caetano de Andrade e outras com dois a tres palmos de agua, levaram este cavalheiro a fazer encarregar o sr. engenheiro Marianno Machado de estudar, por conta do estado um systema de escoantes para a lagôa que sendo, como dissémos, cercada de montanhas, não tem saida natural para as aguas. Na margem norte e sul da lagôa foram, em vista d'esse estudo, e d'uns ensaios feitos já por conta do dr. Caetano Andrade, perfurados alguns poços até encontrar terreno bastante permeavel, ficando a abertura d'estes poços pouco acima do nivel ordinario das aguas do lago. Este notavel trabalho, de iniciativa puramente individual, é proprio do caracter michaelense e honra sobremodo o seu executor o engenhero acima indicado, que é um dos espiritos mais cultos e mais ordenadamente illustrados da sua ilha e dos que mais nobilitaram as bancadas universitarias.

No magnifico parque, que serve de fundo ao palacete do dr. Caetano de Andrade, ostenta-se uma flora riquissima, sobresaindo uma grande variedade de essencias, formando soberbos massiços, entre os quaes notámos banksias, com a flor em forma de maçaroca e com a medulla semilhante a pelucia *marron*; um bosque de 150 araucarias (o primeiro e o unico que conhecemos) de 16 a 18 annos, attingindo já 10 metros de altura; formosos e extensos grupos de azaleas, com mais de 4 metros de altura; e outros de nogueira preta, de cedros dos Açores (Cupressus azorica) de urzes

com porte de arvores (Erica azorica), uma das quaes tem mais de 50 annos; bosques de criptomerias, havendo um exemplar d'esta arvore notavel, trazido de Paris, em vaso, por Antonio Borges, em 1854 e cujo tronco tem hoje quasi tres metros de circumferencia, rhodondendros com 5 e 6 metros de alto, bordando ruas; accacias de Australia e de outras especies, camelias gigantescas; muitas especies de eucalyptos; soberbos inhames cobrindo com a sua folha ornamental grandes superficies junto á lagôa e um sem numero de arbustos, arvores e plantas encantadoras, rematando por um charco de mais de mil metros quadrados, em frente da habitação, recoberto de nenuphares em flôr!

Os encantos que em nosso espirito ia gravando esta memoravel visita eram successivamente ampliados pela gentileza do dr. Caetano de Andrade e de sua esposa a sr.ª D. Izabel Raposo de Amaral, filha do digno par do reino vitalicio d'este appelido, uma senhora da mais esmerada educação, que aprimorou ainda em demoradas viagens no estrangeiro.

A deslumbrante vista da *Cumieira*, o delicioso caminho para o valle, o gracioso *Canotage* no lago, o magnifico parque do dr. Caetano de Andrade e a encantadora hospitalidade dos illustres e illustrados castellões das *Sete Cidades*, hão de archivar-se na nossa memoria no *dossier* do «SUBLIME.»

VIII

Pico do Carvão—O caminho—Especies pecuarias e seu apuramento—Começa a desenrolar-se o panorama—Hypothese de Fouqué—A ilha de S. Miguel já esteve dividida em duas=A região dos lagos=O pico da Egua=Panorama insulano e grandioso—Zona turfeira—O sphagno—Formação da turfa—Caminho penoso—A plutonia atlantica=Sua descoberta e importancia=Colhe-se um exemplar=Dedicação de um naturalista.

O Pico do Carvão, outra curiosidade interessantissima sob mais de um ponto de vista, como veremos, é accessivel em carruagem até uma grande altura, por um caminho apenas transitavel no verão e que parte da populosa e original aldeia dos Arrifes (4:985 habitantes) no suburbios, e a poente de Ponta Delgada. Tambem se póde ir a cavallo das Sete Cidades para lá pelo caminho da Cumieira ou atravessando o lago e subindo depois pela encosta do nascente. Seguimos o primeiro trajecto, que se não é o mais commodo, em virtude do pessimo estado do caminho, cujo transito é

por vezes perigoso, é comtudo o mais pittoresco. Passada a aldeia dos Arrifes, que a estrada atravessa n'uma extensão superior a um kilometro, entra-se francamente em caminho de montanha, a um e outro lado do qual se desdobram extensos pastos, onde vemos muito gado das mais bellas raças bovinas. Na ilha de S. Miguel todas as especies pecuarias têm sido melhoradas desde longa data com os individuos das raças mais apuradas.

A especie bovina, que tem merecido aos michaelenses a maior attenção, e que representa actualmente em toda a ilha um capital de 800 contos de reis, possue os mais bellos exemplares das raças durham, jersey, alderny, hollandeza, flamenga, suissa, etc. A especie suina, que é depois da bovina a mais importante, em S. Miguel, está apurada com as raças yorkshire, barkshire, grignon, alemtejana, cabo etc.; a lanar, menos consideravel, tem sido cruzada com merinos hespanhoes e principalmente inglezes; a cavallar com todas as raças estrangeiras de sella e tiro, sendo ainda assim de todas as especies a de representação qualitativa mais inferior.

No apuramento das differentes especies pecuarias tem empregado os mais louvaveis exforços, coroados de exito feliz, o intelligente veterinario do districto de Ponta Delgada o sr. José Pedro de Jesus Cardoso, que é sobrinho do notavel medico veterinario Francisco Marques Cardoso, cuja morte desastrosa e prematura causou tanta commoção em Lisboa e foi perda muito sensivel para a sua classe, que honrou brilhantemente, para o instituto, de que foi lente da cadeira de operações e para a clinica, onde teve nomeada como poucos.

Antes de chegar ao cimo da montanha, por onde passa a divisoria das aguas das encostas norte e sul da ilha, o panorama que começa a desenrolar-se é magestoso e vastissimo, pois que, além do grande numero de montes que vemos por baixo de nós e na maior parte dos quaes estão alojadas crateras de vulcões extinctos, (algumas das quaes da fórma *ébréchée*) avista-se para o norte e para o sul uma grande extensão de costa, muito povoada e recoberta pela vegetação mais diversa e luxuriante.

O pico do Carvão fica a 868 metros acima do mar e é assim denominado por ser constituido por uma escoria vulcanica muito reduzida e negra como carvão.

A ilha vista d'esta culminancia e considerada sob o duplo ponto de vista das deseguáldades do solo e do grau de alteração de suas rochas torna perfeitamente acceitavel a hypothese de M. Fouqué, baseada na differença de edade das regiões extremas e da media, que parece muito mais moderna que as outras duas. Segundo o sr. Fouqué, aquellas duas regiões, a oriental e a occidental, constituiram em epocas remotas duas ilhas distinctas, mais afastadas

entre si que as do Pico e Fayal, a primeira estendendo-se de este a oeste e a outra de noroeste a sudueste.

O intervallo entre as duas ilhas, foi aterrado por uma serie de erupções vulcanicas. Um grande numero de cónes vulcanicos ergueu-se n'este espaço e innumeras correntes de lava affluiram a esta região constituindo uma especie de planicie *rocailleuse*. As cinzas e os lapili, projectados pelas erupções, espalharam-se pelo meio das rochas e todos estes detrictos, modificados pela acção da humidade, constituiram uma terra vegetal de uma fertilidade incomparavel. E' a parte mais rica e populosa de S. Miguel e é n'ella que Ponta Delgada se assenta ao sul e a importante villa da Ribeira Grande ao norte. Toda esta grande extensão de terreno está dividida em propriedades cercadas por altos muros de 4 a 6 metros, que serviram além de vedação, de deposito á pedra pomme extraida dos terrenos. Foi n'esta uberrima zona que floresceu a cultura da larangeira, hoje na maior decadencia por causa da *lagrima* que devastou os pomares, mas que ainda não ha muitos annos a sua importancia era cifrada em alguns centos de milhões de laranjas, exportadas para Inglaterra! Em 1840 o numero de caixas exportadas não passava de 80:000, em 1850 era já de 175:000 e no periodo aureo da exportação attingiu 600:000! Hoje dizem-nos que mal chega a 10:000 o numero de caixas expedidas para Inglaterra!

A região que acabamos de citar, fica a leste do Pico do Carvão. A poente, e para o lado da caldeira das Sete Cidades, estende-se outra região não menos interessante, a que denominaremos a *região dos lagos*. Passado o Muro do Carvão, onde descemos do trem, passamos a marchar a pé; logo ao pé d'este muro, por onde passa a canalisação das aguas que d'antes abasteceram a cidade, fica a lagôa do Carvão. Caminhando para cima e seguindo sensivelmente a direcção do norte magnetico, deparamos, pouco depois, com as lagôas *Empadadas*, separadas uma da outra por uma facha de terreno de 30 metros de largo e communicando entre si por meio de um syphão de ferro. Estas lagôas, que n'outro tempo foram duas crateras, tem, cada uma, 200 a 250 metros de extensão no sentido N. S.

A do norte tem a fórma de um 8 e a largura média de 80 metros; a do sul é sensivelmente circular. Subindo a encosta, fica para o norte, logo a seguir, a lagôa *Raza*, de 400 metros de comprido por 60 de largo, em media, e profunda de 6 a 7 metros. A sul da lagôa e quasi juntas, mas com 8 metros de differença de nivel uma da outra, ficam duas outras lagôas, as *Caldeiras da Vaca Branca* e ao norte ainda mais outras duas *as da Egoa*. Subindo ao pico da Egoa que fica superiormente a estas ultimas e á altitude de 800 metros, avista-se ao sul e cêrca de 150 metros a-

baixo dos nossos pés e muito proximas de nós, as duas lagôas da *Egoa*, as duas da *Vacca Branca*, uma das *Empadadas* e uma parte da *Raza*. Ao norte, em uma colina que avistamos perto, fica a lagôa de *Pau Pico*, dentro de uma cratera circular e uma das mais typicas d'esta região.

Estendendo a vista para norte e sul temos um panorama insulano dos mais formosos. O oceano banhando as duas costas da ilha, das quaes avistamos toda a do sul, desde a Ponta da Galera até ao pico dos Ginetes, comprehendendo a villa da Lagôa, Ponta Delgada, Relva, Feteiras, etc., e a do norte, mais encantadora e mais pittoresca, bordada de importantes povoações, entre as quaes sobresahem as Capellas, Fenaes, Calheta, Rabo de Peixe, Ribeira Grande, Ribeirinha, etc. Collossal e bello!

Toda esta região dos lagos, além de ser muito pittoresca, tem um interesse particular como região *turfeira*, que o é por excellencia. Toda ella está coberta por monticulos, que ás vezes attigem um metro de altura e têm a forma de um alecrim do norte tosquiado e são constituidos quasi exclusivamente por um musgo especial denominado *sphagno*.

Estes monticulos, a que os insulanos chamam *móles*, costumam tambem conter a queiró, um junco e uma graminea, mas o *sphagno* é que predomina. Toda esta região sendo, como é, pantanosa, é propria para, sob a protecção da agua, se realisar a decomposição lenta das materias vegetaes e a sua transformação em um combustivel—*a turfa*—que, como se sabe, é um meio termo entre o reino organico e o mineral. Para que a turfa se forme, é necessario, não sómente que se estabeleça uma vegetação aquatica vigorosa, mas tambem que as plantas, continuando sempre a desenvolver-se em altura, morram lentamente pelo pé, constantemente emergido n'agua, e sem que o seu crescimento seja affectado.

Esta condição é realisada pelos musgos da especie dos sphagnos (sphagnum) cujo desenvolvimento exige um clima muito humido, ausencia de fortes calores e agua extremamente limpida, não sendo necessario que esta exista previamente para que a vegetação se estabeleça, pois que a camada de agua necessaria, póde ser de algum modo creada pelo proprio vegetal, em virtude da sua avidez pela humidade atmospherica. O sphagno secco, conservado dentro de um quarto durante um anno, absorve 15 vezes o seu peso de agua!

A turfa forma-se, pois, em virtude da materia organica não passar na totalidade para a atmosphera, sob a forma de acido carbonico, soffrendo apenas uma combustão incompleta, a qual dá logar á existencia d'este producto particular.

A turfa que se encontra n'esta região está ainda no estado mus-

goso, devendo, porém, passar fatalmente, em periodos futuros, ao estado de combustivel.

Nada mais penoso do que caminhar ao acaso por cima d'esta vegetação esponjosa, na qual por vezes nos enterrámos até ao joelho; mas o que torna a marcha perigosa é que este musgo turfeiro occulta, por vezes, fortes depressões, cavadas pela agua na pedra pomme sob-jacente. E' necessario ir com o bordão sondando constantemente o terreno, sem o que se corre o risco de cair subitamente dentro de algumas d'essas estreitas e fundas ravinas, de que nada indica a existencia! Foi assim que extenuados e bastante molhados, com uma marcha de quatro horas n'esta região interessantissima, alcançámos a carruagem, que nos aguardava junto do *muro do Carvão.*

O illustre naturalista michaelense o sr. capitão Francisco Affonso Chaves, que foi o nosso precioso guia n'esta região, que elle conhece palmo a palmo, colheu junto do *muro do carvão* um exemplar da *Plutonia atlantica*, cuja existencia n'esta ilha constitue para os naturalistas um dos problemas mais interessantes. Este molusco, ao passo que no continente (na Romelia e nos Pyrineus) tem um representante fossil, encontra-se vivo n'esta região, onde foi descoberto em 1857 por Morelet e Drouet, naturalistas de alto valor, aos quaes se devem conhecimentos importantes da fauna açoriana.

A *plutonia atlantica*, é uma lesma negra, de um ou dois centimetros de longo, e foi ultimamente estudada com grande desenvolvimento pelo dr. Simroth, professor de Leipzig, que esteve em 1886 em S. Miguel. O padre Smith, naturalista allemão, naturalisado portuguez e residente no Funchal, mostrou-nos n'esta cidade uma obra de Simroth, intitulada *Moluscos nus da fauna portugueza e açoriana*, impressa em Halle em 1891, onde se encontram referencias lisongeiras e muito justas, ao capitão Chaves, que tem nas Sete Cidades um viveiro da *plulonica atlantica.*

Imagine-se, pois, qual seria o nosso prazer, apesar de não sermos naturalistas, de ter na mão um *bicho* d'estes vivo, como só em S. Miguel e n'este logar se encontra! O capitão Chaves mostrava se tambem surprehendido, da facilidade da descoberta. Um dos nossos companheiros, n'esta excursão, não resistiu á tentação de collecionar o animalsinho e pediu-o ao capitão Chaves. Apesar da amabilidade e da bondade illimitada d'este sabio e excellente moço, triumphou n'elle o naturalista e respondeu ao nosso amigo pela fórma seguinte:

«Sinto muito não poder ser-lhe agradavel, mas a *plutonia atlantica* é rara, e se me dá licença, eu vou collocar esta no logar onde a descobri, afim de não concorrer para a diminuição da reprodução. Dar-lhe-hei uma do meu viveiro, quando ali repoduzam »

Esta resposta mereceu uma ovação ao sympathico naturalista! Parecia de um malacologista de 70 annos, *enragé* e fanatico; na boca de um rapaz de 35 annos, jovial, amavel e mundano, hão de confessar que é para ser *classée*

IX

O methodo nas viagens. A variedade deleita e repousa o espirito. Excursões agricolas. Estabelecimentos de ananazes. Sua cultura e exportação. O milho, a batata dôce, a fava, o trigo, o centeio, e a cevada. Sua cultura e producção.

Tambem nas viagens o methodo é tudo. A distribuição do tempo e a ordenação dos itinerarios, organisada methodicamente, poupam fadigas e proporcionam variedade, a qual ha de fatalmente deleitar sempre o genero humano . . Assim é que, depois de ter passado um dia no eden das Sete Cidades e o seguinte sobre as crateras da região dominada pelo *Pico do carvão*, o nosso espirito emocionado por tão diversas sensações, todas extraordinariamente agradaveis, mas ao mesmo tempo alarmantes, carecia do repouso, que só n'outro genero de excursões havia de encontrar.

Foi á agricultura, á florescente industria agricola da rainha do archipelago, que consagrámos alguns dias, visitando algumas das mais bellas propriedades da ilha, onde a par da batata, da fava e do milho, se cultiva o ananaz e a vinha, onde ao lado de campos de inhames e de formium tenax (espadana), plantações de tabaco e de chá defrontam com arrozaes e campos de linho. Aqui as sensações dão repouso ao espirito, deleitando tanto como as outras sem comtudo o perturbarem; de fórma que descançamos de umas excursões com outras excursões, uma vez que á escolha e sequencia d'estas presida pessoa experimentada e de bom gosto. E eis aqui está como a variedade não sómente deleita mas tambem dá repouso...

Ananazes. O sr. visconde da Palmeira, em Villa Franca do Campo e o dr. José Pereira Botelho, na Lagôa, possuem os dois maiores estabelecimentos de cultura de ananazes que ha em S. Miguel. Esta cultura está generalisadissima em todo o litoral e tem por mercado quasi exclusivo a Inglaterra, para onde são exportados annualmente cerca de 500:000 fructos, cuja belleza e sabor não têem rivaes nos das outras regiões.

O estabelecimento do sr. dr. Botelho, que visitei na Lagôa, produz annualmente 10.000 fructos, obtidos em 16 estufas de di-

versas grandezas, comportando 200 até 2:300 plantas. O dr. Botelho é um respeitavel ancião que tem o curso de medicina pela faculdade de Paris e um dos clinicos mais abalisados que os Açôres têem tido.

O seu nome é sempre citado com veneração por todas as gerações. A industria agricola mereceu-lhe constantemente a maior dedicação, tendo sido o maior productor de vinho de *cheiro* (vinho de uva americana) antes do philloxera.

A cultura dos ananazes é feita em estufas, cujas dimensões variam com o numero de plantas que encerram. São rectangulares, têem na parte central 2^{m},5 a 3^{m},5 de altura, telhado e empenas de vidro e, em algumas, tambem as paredes lateraes, de meia altura para cima. Dentro, ha um passadiço central e aos lados duas fossas com 0^{m},70 de altura, que estão cheias de terra de matto. Consta esta de diversas plantas trazidas do matto com o torrão e nas quaes predomina a queiró e a urze e que são deitadas n'uma fossa especial, ao ar livre, de 2 a 3 metros de profundidade, onde a fermentação tem logar, desenvolvendo-se elevada temperatura, e as plantas se decompõem formando *humus*. Esta decomposição leva 2 ou 3 mezes. A terra assim preparada é retirada depois e ançada nas estufas, de fórma que a fermentação esteja ainda incompleta. Calcula-se que cada planta carece para se desenvolver de 200 kilogrammas de terra.

A planta do ananaz, que consta de um caule muito curto com longas folhas em forma de lança, attinge uma altura de 0^{m},70 a 0^{m},80; na extremidade do caule é que se forma o fructo com a bonita *corôa* que todos conhecem. A reproducção do ananaz faz-se pela *corôa* (raramente) ou de rebentões do caule (plantas de lado) que se formam durante a maturação do fructo, ou, ainda, por rebentões, que se obtêem enterrando o caule n'uma pequena estufa especial (viveiro) depois de tirado o fructo e cortadas as folhas. Este processo é o mais usado, por ser o que dá maior numero de rebentões.

Cada um d'estes rebentões, quando attinge a altura de 0^{m},20 é plantado na estufa em linhas equidistantes de 0^{m},30 e com igual intervallo sobre as linhas. Quando a planta ascende a altura de 0^{m},40 é mudada para outra estufa ou é plantada na mesma, mas em linhas distantes de 0^{m},60 e com intervallos de 0^{m},60 sobre as linhas. Ao approximar-se a epoca da floração queimam-se palhas dentro da estufa de modo a enchel-a completamente de fumo, repetindo-se esta operação durante alguns dias. Passado um mez começa a apparecer o fructo em todas as plantas, ao mesmo tempo, e vae-se desenvolvendo successivamente, chegando ao estado de matúração no fim de seis mezes. Este processo do fumo é uma notavel invenção michaelense.

A terra é abundantemente regada desde a plantação até que os fructos comecem a amadurecer, data a partir da qual, devem cessar as regas. No verão, os vidros das estufas são caiados com leite de cal afim de que a temperatura se não eleve muito e queime as plantas, abrindo-se para o mesmo fim, nos dias mais quentes, postigos collocados nos telhados.

O fructo, quando chega ao estado de meia maturação, é colhido e mettido em caixotes, todos do mesmo typo, que comportam 8 ou 10, segundo os tamanhos dos fructos, e exportado depois para os mercados inglezes, onde é vendido por conta do cultivador.

O preço dos ananazes, liquido para o cultivador das despezas de exportação, é em media, de 500 réis; as despezas da cultura são, em media, de 300 réis por planta, havendo ainda a accrescentar as despezas de transporte terrestre e maritimo, corretagens nos mercados e commissões.

Milhos.—Cultivam se ordinariamente duas qualidades, branca e amarella, de semente ha muito existente nos Açores e que serve para alimentação e para fabrico de alcool. Além d'estas duas variedades têem-se cultivado ultimamente duas outras, branca e amarella tambem, de sementes introduzidas dos Estados Unidos e cujo rendimento por hectare é muito superior ás indigenas, bem como o rendimento em alcool, mas que o povo não acceita facilmente para alimentação. Estas variedades são conhecidas pela denominação de *milho gigante* em razão do seu desenvolvimento, que attinge 3 e 4 metros de altura. A cultura do milho é menos rendosa que a da batata, mas em compensação o dispendio por hectare é apenas o terço e demanda menos cuidados. A sua producção attinge 6:500 litros por hectare e em media 4:000.

Batata doce.—E' depois da anterior, a cultura mais importante da ilha, mas é uma das mais trabalhosas e das que mais tempo demandam. Em fevereiro são dispostas as batatas em canteiros, sobre cama quente, formada, em geral, de ramagens de diversas arvores, tremoço e rama da propria batata da colheita anterior. As batatas são collocadas sobre esta cama e justapostas e recobertas com pequena espessura de terra.

Passado pouco tempo, começam a apparecer numerosos rebentos, a que na ilha chamam *brolhos*, os quaes em tendo a altura de 15 a 20 centimetros são arrancados e plantados nos campos, convenientemente preparados por lavouras e adubos, em linhas equidistantes de 0,^{m}40 e com o espaçamento de 0,^{m}30 sobre as linhas. Depois de arrancada a primeira camada de *brolho* apparece outra, a qual, no fim de 8 ou 10 dias, está apta para outra plantação e assim successivamente durante a epoca do planteio, que dura dois mezes (abril e maio).

Uma vez plantados os campos, estes revestem-se dentro em pouco da pujante e ornamental ramagem das plantas, a qual lança raizes adventicias, o que é indispensavel evitar por ser nocivo ao desenvolvimento dos tuberculos. A operação de arrancar estas raizes repete-se duas ou tres vezes e é designada pelos insulanos por *desunhar* ou *virar rama*. Além d'esta operação e antes que a rama tenha adquirido desenvolvimento bastante para cobrir todo o terreno, é este levemente passado á enchada, afim de matar as hervas damninhas e aligeirar a terra. A colheita começa a fazer-se em meiado de outubro e dura até meiado de fevereiro, porque a batata depois de tirada da terra mal se conserva além de 8 a 10 dias e portanto precisa ser colhida á medida que as fabricas de alcool a vão consumindo. Cada planta dá uns poucos de tuberculos. A variedade hoje cultivada em maior escala, em S. Miguel, é a cor de rosa que, se bem que não seja a mais saccharina, é a que dá maior rendimento por hectare, rendimento que chega a attingir por vezes 2:800 arrobas, sendo porém em media de 1:500.

As despezas de cultura são proximamente de 100$000 por hectare e o preço por que é vendida a batata, posta nas fabricas, regula em média a 160 réis por arroba. A producção total da batata em S. Miguel não é inferior a 2 a 3 milhões de arrobas.

A cultura da batata substitue hoje a da laranja, cuja decadencia causou uma grande crise economica, de que já os michaelenses estão restabelecidos, mas que nos primeiros tempos produziu resultados funestos, dando logar a larga emigração. Ainda assim, a cultura da batata, sob o ponto de vista dos lucros, não substitue a outra, cujos resultados eram por vezes fabulosos!

Fava.— E' cultivada, em regra, no mesmo terreno sómente de 3 em 3 annos e é uma das culturas mais commodas e rendosas, pois que permitte a sementeira ou a plantação de uma nova cultura no mesmo anno. Em geral essa segunda cultura é o milho, que está sendo substituido hoje pela batata, que é plantada logo que a fava se acha em flôr. A producção da fava attinge 4:500 litros por hectare e em media de 3:000. O mercado principal d'este genero é Lisboa.

Trigo, centeio e cevada.—O trigo é tambem cultivado em S. Miguel, em menos escala, e sobretudo nos concelhos da Ribeira Grande e Nordeste. A sua producção ascende a 4:500 litros por hectare, sendo em media de metade.

O centeio e a cevada são muito pouco cultivados e em geral servem apenas para alimentação do gado, como forragem verde.

X

Excursões agricolas—Fabricas de alcool na Lagôa e em Santa Clara—Processo de fabricação—Producção—Rendimento da materia prima—Novas fabricas—A vinha—O inhame—O tabaco, sua cultura e fabricação—A fabrica michaelense e o trabalho da mulher—Altruismo ou utilitarismo—O sr. José Bensaude—Outras fabricas de tabacos—A espadana, sua cultura e applicação industrial—O conde de Jacome—Chá—Plantações mais importantes—A fabrica do sr. José do Canto—Chá preto e chá verde—Chinezes em S. Miguel—Industrias textis—Outras industrias—Caminhos de ferro.

Continuando nas nossas excursões agricolas e depois de ter visto os grandes batataes e milharaes da ilha, entendemos que deviamos consagrar ás fabricas do alcool uma visita especial. Duas grandes fabricas produzem annualmente 7 a 8 milhões de litros, empregando como materias primas o milho e a batata doce (*convolvulus batatas* ou *batatas edutis*) cujas culturas occupam seguramente dois terços da superficie aravel. A primeira fabrica montada na ilha de S. Miguel, foi a da Lagôa ha cerca de 12 annos, por uma parceria onde tem a maior representação a casa Bensaude, de Lisboa, cujo chefe o Sr. Abrahão Bensaude é tambem michaelense e não desmente as qualidades eminentemente intellectuaes, laboriosas e emprehendedoras dos seus conterraneos. Quatro annos depois, installava-se em Ponta Delgada, a fabrica de Santa Clara. Actualmente organisa-se uma nova companhia para a montagem de uma nova fabrica na Ribeira Grande e parece que outra será tambem brevemente installada em Villa Franca.

O processo da fabricação, seguido em qualquer das duas fabricas, é o da saccharificação pelo *malte*, que é obtido pela germinação da cevada e do milho. A saccharificação pelo *malte*, permitte o aproveitamento das borras para alimentação de gado, o que não succede com a saccharificação com os acidos; ainda assim os residuos das fabricas michaelenses, especialmente da de Santa Clara, são pouco aproveitados.

Visitámos as duas grandes installações insulanas e não poude deixar de nos impressionar as grandes panellas de ferro em que

são cosidas as materias primas com vapor a alta pressão; as tinas de saccharificação; os refrigerantes da massa; as poderosas bombas elevatorias; e os enormes tanques de fermentação, de onde a a massa já alcoolisada se dirige ás columnas distilatorias que produzem as celeumas ou alcool bruto, que é depositado em collossaes reservatorios de ferro, alguns dos quaes têem capacidade para um milhão de litros! Finda a epoca da distillação, que dura seis mezes, sendo quatro para batata e dois para o milho, as fabricas entram n'um periodo de repouso, de reparação e limpeza, durante o qual é feita a rectificação do alcool bruto, em aparelhos de diversos typos. A fabrica de Lagôa acaba de introduzir um novo e grande apparelho de distillação e de rectificação continua, cujos resultados economicos devem ser bastante notaveis. Ambas as fabricas têem installada illuminação eletrica, que se torna indispensavel, pois que durante a epoca da distillação, trabalha se, sem interrupção, noite e dia.

Dizem-nos que a percentagem de alcool obtida é 33,5 litros por cada 100 kilos de milho e de 11,5 litros pelo mesmo peso de batata. Damos estes numeros com todas as reservas, pois que nas fabricas, como é natural, estes e outros detalhes não são fornecidos...

Feita esta digressão, regressemos ao campo e continuemos a descrever *á la diable* as outras culturas.

Vinha.—Os vinhedos da ilha de S. Miguel, constituidos na sua maior parte por *verdelho* e *malvazia*, foram destruidos ha bastantes annos pelo *oidium* e por fórma tal que esta cultura foi quasi abandonada. Mais recentemente desenvolveu-se muito a cultura da variedade americana, *Izabella*, cujo vinho, conhecido aqui com o nome de *vinho de cheiro*, em virtude do seu aroma especial é bem pouco agradavel ao paladar de quem não está habituado ao seu uso, mas que, ainda assim, constituia uma grande riqueza para a ilha, evitando-lhe a enorme importação de vinhos continentaes (portuguezes) que d'antes se fazia. A producção d'este vinho, que chegou a attingir 30 a 40 pipas por hectare acha-se actualmente muito reduzida em virtude do ataque do philoxera a que esta variedade, se bem que americana, não resiste. O preço do vinho de cheiro que no tempo da grande producção regulou a 50 réis por litro é actualmente de 150 réis. Ainda não fizemos uma observação importante: sempre que nos referimos a dinheiro, este deve ser considerado expresso em moeda insulana, que é fraca. nas ilhas do archipelago, apesar de serem consideradas como provincias adjacentes circula a nossa moeda de prata com um valor a mais de 25%. Assim a moeda de 500 réis, representa nas ilhas 625, a de 200 réis 250 e a de 100 réis 125, e o mesmo para a de cobre.

Inhame (colocasia antiquorum).—Esta planta, cuja folhagem extremamente ornamental e viridente, dá aos campos em que é cultivada um aspecto encantador, encontra-se abundantemente n'esta ilha, onde é empregada para alimentação dos porcos, sendo aproveitada a parte do caule, que fica soterrada (especie de grande tuberculo), na variedade brancos como alimento para as classes pobres. A cultura d'esta variedade faz-se em maior escala no uberrimo e formoso valle das Furnas, em campos regados constantemente por uma corrente de agua quente, e de uma belleza que só por si prenderia a nossa attenção, se esta não fosse arrebatada por tantos encantos que fazem realçar a deliciosa estancia de verão, que é o orgulho justificado dos michaelenses.

Algumas folhas de inhame, que ali observei, mediam mais de um metro de comprido.

Tabaco—E' principalmente nos campos da Maia e de Porto Formoso, na encosta norte da ilha, que as plantações são mais importantes. Esta cultura é feita por sementeira em canteiro, de onde as plantas são transportadas para os campos na primavera. A plantação é feita sobre linhas espaçadas de $0^m,50$, sendo igual o espaçamento de pé a pé. Esta cultura, como a da batata e a do milho, é uma *cultura sachada* e demanda como cuidado especial, quando se aproxima a epoca da florescencia, que seja cortada a parte superior do caule, a fim de que as folhas inferiores adquiram maior desenvolvimento. A colheita faz-se em setembro, sendo os pés pendurados em *seccadores*, á sombra, e vendidos depois ás fabricas manipuladoras. O preço da arroba regula entre 1$500 e 2$000 reis.

O tabaco nos Açores não está sujeito ao regimen do continente: a sua fabricação é livre. A fabrica mais importante dos Açores é a *Michaelense*, fundada em 1866 pelo sr. José Bensaude, tendo como socios os srs. José Jacome Correia, Clemente Joaquim da Costa e Abrahão Bensaude. E' o estabelecimento fabril mais interessante que conhecemos, sob o ponto de vista do aproveitamento do trabalho da mulher, que ali desempenha todas as funcções. O escriptorio, onde é feita a contabilidade da fabrica e escripturação das remessas, as differentes officinas, armazens e depositos, tudo, emfim, emprega *exclusivamente* mulheres. A directora da fabrica é uma mulher; machinista e fogueiro duas mulheres; até no laboratorio, onde o sr José Bensaude se dedica a analyses organicas de muito valor scientifico, os dois preparadores são mulheres tambem. A policia do estabelecimento é feita por dois veteranos, os dois unicos homens que ha na fabrica. Esta é superiormente administrada pelo sr. José Bensaude, que estudou praticamente no estrangeiro a fabricação do tabaco e que fez estudos e ensaios importantissimos sobre a cultura d'esta plan-

ta na ilha de S. Miguel, os quaes lhe permittiram aperfeiçoar successivamente o fabrico.

O sr. Bensaude consagra ao estudo da chimica e da physica, particular affeição; no dia em que visitámos a fabrica estava elle trabalhando no seu laboratorio em analyses de certas substancias organicas, cujo grau saccharimetro pretendia determinar. Sobre a sua banca de trabalho estava funccionando um polarimetro de Henschell. O espirito altamente investigador do sr. Bensaude, proprio de um philosopho, como elle é; o seu grau de instrucção adquirida n'um convivio intimo com a sua bella bibliotheca e praticada no estrangeiro, onde tem passado muitos annos vigiando a educação de seus filhos e cuidando tambem da sua, como industrial; uma tenacidade caracteristica e uma intelligencia fina, deram ao sr. Bensaude a posição proeminente que hoje occupa na ilha de S. Miguel, onde é incontestavelmente o primeiro industrial.

Voltando á fabrica *Michaelense*, que está estabelecida no bairro de Santa Clara, em Ponta Delgada, occupa ella 350 a 400 mulheres, tem um motor a vapor da força de 8 cavallos e produz annualmente 120:000 kilogramas de tabaco, quasi todo da ilha e na maior parte cultivado pelo sr. José Bensaude. A folha de tabaco importada do estrangeiro representa 5 % do que a fabrica consome.

O tabaco fabricado (charutos, cigarros e rapé) é consumido nos Açores e exportado para as nossas colonias de Africa.

Na fabrica michaelense só são admittidas as mulheres que não tenham filhos, nem marido. Cada operaria deixa 5 réis do seu jornal para uma caixa economica, á qual a fabrica a titulo de juro, abona 30% ao anno. Quando alguma operaria casa, entregam-lhe a quantia que assim tem a seu credito e sae da fabrica levando esse pequeno dote. Entende-se ali que a mulher casada pertence á sua casa e a seus filhos e se n'isto os maldizentes possam de alguma forma vêr o utilitarismo, hão de confessar tambem que elle existe por fórma egual nas outras fabricas, onde ao lado das mães está um berço (um caixote, como em Sevilha) para deporem n'elle a creancinha que amamentam... D'estas fabricas leva-se uma impressão penosa; da *Michaelense* fica uma agradavel recordação, do ar saudavel e alegre das operarias e do seu irreprehensivel asseio!...

Outras fabricas de tabacos ha em S. Miguel, das quaes só merece ser citada a *Estrella*, estabelecida tambem em Ponta Delgada e que produz annualmente 36:000 kilos de tabaco, do qual 5:000 em charutos, 7:000 em cigarros e 24:000 em picado e outros, todo vendido nos Açores e Madeira. Emprega 110 operarios, dos quaes 105 mulheres e creanças e 5 homens. A folha de tabaco é de S. Miguel e Terceira, na sua quasi totalidade; uma pe-

quena porção e importada de Boston, Hamburgo e Londres. E' seu proprietario o laborioso industrial e negociante o sr. Luiz Soares de Sousa,

---*Espadana*. *O Formium tenax*, que é conhecido tambem pelo nome de *espadana* ou *tabúa* e que, pela sua qualidade eminentemente ornamental, é muito empregado nos jardins do continente, assim como o inhame, vê-se aqui em S. Miguel por toda a parte nos valados, á beira das estradas, nas grutas, attingindo um desenvolvimento notavel.

Na magnifica propriedade *Lameiro* do sr. conde de Jacome Corrêa, proximo da Ribeira Grande, tivemos occasião de vêr a cultura da espadana, com applicação industrial. O opulento fidalgo michaelense cultiva esta planta, de cuja tenacidade de suas folhas, deriva o nome que tem, sobre 20 hectares de terreno. Junto da sua bella vivenda, n'esta propriedade, tem installada uma officina, dotada de mechanismos apropriados para o desfibramento das folhas, o qual produz uma materia textil muito resistente e que é exportada para Inglaterra e para o Porto, onde é applicada no fabrico de cordas e de tecidos grosseiros. Em tempo o sr. José Bensaude cultivou tambem o *formium tenax*, que exportava para a ilha Terceira, com destino á fabricação de papel, o que deixou de fazer por ter fechado a respectiva fabrica.

Chá. - A cultura do chá introduzida nos Açores ha mais de 15 annos está actualmente adquirindo um desenvolvimento importante e incitando muitos agricultores a fazerem plantações d'esta bonita e util camelia. A sociedade de agricultura michaelense, a primeira que se organisou em Portugal e que publicou o primeiro jornal agricola do paiz, prestou relevantes serviços para o desenvolvimento d'esta cultura, fazendo ensaios nos seus jardins e mandando vir da China dois operarios habituados para o fabrico do chá. Actualmente o maior cultivador da ilha é o sr. José do Canto, que, além de ser um camonista distincto e um notavel erudito, dedica á agricultura a mesma attenção que lhe merecem a sua preciosa bibliotheca, os seus riquissimos jardins de Ponta Delgada e as suas explendidas mattas da Lagôa das Furnas e da Ribeira Grande, ás quaes nos referiremos opportunamente. O sr. José do Canto possue nas clareiras das suas mattas na Ribeira Grande vastas plantações de camelias, que attingem 2 a 3 metros de altura e cujo aspecto gracioso e inteiramente novo para nós, produz agradavel impressão. A cultura de chá do sr. José do Canto é já bastante vasta para empregar um motor a vapor e numerosos operarios, entre os quaes dois chinezes, que o rico cultivador mandou vir expressamente. Alem do sr. Canto, os proprietarios que cultivam o chá em maior escala são o srs. visconde de Faria e Maia e José Bensaude, no concelho da Lagôa e o sr. Luiz Athayde no con-

celho da Ribeira Grande. A planta (camelia) que produz o chá preto e o chá verde é a mesma. As duas variedades obtêem-se, separando-se para o chá verde as folhas cuja vegetação está mais adiantada e escolhendo para o chá preto as folhas mais mimosas e os olhos dos rebentos. A fabricação depois imprime ás qualidades especiaes a cada uma das variedades, sendo o preto o mais commum. Uma parte do chá fabricado é consumida nos Açores; outra parte é exportada para Lisboa e Inglaterra.

Industrias textis.=Ha em toda a ilha numerosos teares manuaes onde são fabricados tecidos grosseiros de linho, de algodão e de lã, sendo notaveis as cobertas das camas tecidas a algodão e lã de côres, ou a linho e algodão, as brancas. O linho e a lã são produzidos na ilha.

Outras industrias.—A ceramica é embrionaria na ilha de S. Miguel, havendo tres fabricas que produzem uma louça branca vidrada, para uso do povo, e que é consumida em todo o archipelago. Estas fabricas tambem produzem outros objectos de uso caseiro e manilhas de barro vermelho para canalisações. A do sr. Manuel Leite, na Lagôa, montou ultimamente uma installação para fabrico de telha modelo marselhez O barro empregado por estas fabricas é importado do continente.

A fabrica onde eram feitas as bonitas bilhas, moringues, etc., que os continentaes tanto apreciam, está actualmente fechada.

Outras industrias existem ainda na ilha. Uma fabrica de sabão e uma fundição de ferro em Ponta Delgada; uma fabrica de cortumes de couros em Agua de Pau; serrações mechanicas de madeira, junto de algumas mattas; uma fabrica de moagens a vapor em Ponta Delgada; numerosos fornos para fabricação de telha, etc.

Das fabricas de lacticinios occupar-nos-hemos em outra carta.

Em vista do grande desenvolvimento que algumas d'estas industrias tem adquirido e da importancia das povoações atravessadas, pensa-se actualmente e pensa se muito bem, no estabelecimento de um caminho de ferro, ligando Ponta Delgada com todas as povoações da costa sul, seguindo pela villa da Povoação ao valle das Furnas e lançando um ramal para servir a importante villa da Ribeira Grande, na margem norte.

A realisação d'esta idéa constitue o *desideratum* dos michaelenses, que bem merecem este e outros melhoramentos materiaes, que já estariam decerto effectuados se dependessem unicamente da poderosa iniciativa e da energia inquebrantavel dos filhos d'esta ilha.

XI

Festas populares—Os imperios do Espirito Santo—As confrarias—Folia caseira—Os cortejos—Os imperadores—Bodos processionaes—Leilões e eleições—As cavalhadas de S. Pedro—O mestre e os cavalleiros—As manobras=Um carro triumphal—Marinheiros a comediar=Burras e mascaradas=Offerenda de premissas—A festa do sol?—O povo michaelense dentro e fóra de casa—O culto da mulher e a cultura das flores—Pobresa, asseio e bondade.

Grande é o numero de romarias e festas populares de caracter mais ou menos religioso, realisadas durante o anno na ilha de S. Miguel. Duas porém, de entre todas, offerecem para os continentaes tanto interesse e curiosidade que não posso deixar de as descrever minuciosamente. Uma d'ellas é mencionada pelo sr. Fouqué, o sabio francez, a que já mais de uma vez nos temos referido, n'uns interessantissimos artigos que escreveu para a *Revue des deux mondes*, relativos á sua viagem scientifica aos Açores.

Esta festa é a do *Espirito Santo*, que em todos os Açores é celebrada ruidosamente e caracteristicamente. Em seguida ás sete tristes semanas da quaresma, começam para os açorianos sete semanas de alegria e regosijo popular, em todas as povoações das ilhas e em honra do Espirito Santo. Estas festas variam segundo as localidades, mas com pequenas variantes. A que vamos descrever é reproduzida da que tem logar em uma pittoresca aldêa do norte da ilha de S. Miguel.

Ha uma especie de confraria, cujos cargos variam annualmente e são distribuidos como adiante se verá. O mordomo arrecada os donativos, em generos, dos differentes irmãos, á medida que se fazem as colheitas, generos que depois são vendidos por elle para, com o producto respectivo, acudir ao custeio das festas. Uma vez realisado o dinheiro, com uma parte d'elle compra meia duzia ou uma duzia de vitellos, conforme a importancia da confraria e distribue cada um d'elles a um lavrador, que o deverá sustentar gratuitamente, até á setima semana do Espirito Santo.

Os emblemas do Espirito Santo (espadim, bandeira de damasco vermelha com a pomba bordada ao centro, corôa e ceptro de

prata) acham-se durante o anno em casa de um dos *irmãos* a quem por sorte coube a primeira dominga (premio gordo); na segunda feira de paschoa arma este irmão n'uma sala, em sua casa, um trono semilhante áquelles em que é exposto o Santissimo, ornado com profusão de castiçaes e flores, e no cimo do qual é posta a corôa e o sceptro, em um salva de prata, tendo a um lado a bandeira e do outro o espadim.

A' noite illumina-se o trono, reunem-se as familias das relações do *irmão* e depois de uma curta resa dançam, cantam e jogam jogos de prendas na mesma sala, que está ornamentada segundo as posses do *irmão*, que em todo o caso faz sempre uma despeza apreciavel, como se verá; esta folia repete-se todas as noites, durante os sete dias da semana, sendo mais importante aos domingos.

Chegado o 2.º domingo, organisa-se de manhã um cortejo á porta do *irmão* e á frente do qual vão tres ou quatro homens vestidos com uma opa de chita adamascada e com uma mitra bi-partida na cabeça, forrada da mesma fazenda da opa; cada um d'elles leva um instrumento, tambor, pandeiro, rabeca, ou viola, levando, alem d'isso, o do tambor, uma bandeira do Espirito Santo.

Estes quatro sujeitos são chamados *os foliões* e vão durante o percurso recitando quadras, em geral improvisadas, allusivas á festa, ao *imperador*, aos *irmãos*, etc. Atraz d'elles segue um irmão com o espadim, em seguida outro com a bandeira e atraz um outro com a corôa e o sceptro, e ao lado do qual vae uma creança, rapaz ou rapariga, que ha de ser coroada *imperador* na egreja onde o cortejo se dirige assim, acompanhado pelo povo.

Nas localidades em que ha mais de uma confraria reunem-se todos os differentes cortejos e entram ao mesmo tempo na egreja indo collocar na capella mór os emblemas do Espirito Santo. Antes de começar a missa, o padre colloca nas cabeça das creanças (imperadores) as respectivas corôas, incensa-as e ellas e depois voltando-se para o povo, que enche a egreja, faz uma cruz com o sceptro e abençôa os circumstantes. Em seguida, as corôas são collocadas sobre uma meza ao lado do altar mór, permanecendo os *imperadores* com o sceptro na mão durante a missa. Finda esta, o padre colloca novamente as corôas nas cabeças dos *imperadores* e o cortejo segue pela mesma fórma para casa do outro *irmão* a quem cabe a *dominga* immediata. E assim successivamente, até á setima dominga, em que o cortejo, ao sair da egreja, se dirige para uma tribuna de pedra ou de madeira, situada n'uma rua ou largo, e de uns 16 a 20 metros quadrados, onde são collocados os emblemas e onde fica o *imperador* acompanhado de varios *irmãos*. Algumas d'estas tribunas são feitas com luxuosa cantaria e envidraçadas, como as da ilha Terceira, em

Angra. N'estas tribunas ou *imperios*, como são denominados, são recebidas durante esse dia as offertas dos devotos, gallinhas, pombos, coelhos, doces, ovos, etc. A meio da tarde começa a fazer-se o leilão d'estas differentes offerendas, cujo producto é entregue ao mordomo do anno immediato.

Findo o leilão, são tirados á sorte os cargos que incumbem a cada irmão no Espirito Santo seguinte e as pensões que devem dar.

O mordomo que, como vimos, com uma parte do dinheiro realisado durante a sua mordomia, comprára uns tantos bezerros, emprega o dinheiro remanescente na compra de uma pipa de vinho e de um certo numero de alqueires de trigo, que é transformado em pão, á custa de diversos irmãos. Os vitellos são mortos na sexta feira da ultima semana e divididos em rações; no sabbado organisa-se um cortejo especial, á frente do qual vão os indispensaveis *foliões* e uma philarmonica, seguindo atraz, por sua ordem, os carros do pão, da carne e do vinho, lindamente ornamentados de ramagens verdes e flores, o que por vezes custa caro; os bois tambem são enfeitados de flores e estrellas douradas pegadas com pez e cheios de campainhas. Os carros são cercados por sebes de vimes brancos, tambem adornados de flores. Este cortejo percorre a povoação ou a parte d'ella correspondente a cada confraria, quando ha mais de uma, distribuindo a todos os irmãos e aos pobres, uma pensão composta de pão, carne e vinho.

Em cada povoação ha variantes n'estas festas, sendo a mais notavel a de Ponta Delgada, em que no sabbado ha fogo de artificio e o cortejo é substituido por um bodo aos pobres distribuido n'uma especie de dispensa, vistosa e elegantemente ornamentada.

Outra festa, de caracter mais profano, é a que se realisa em dia de S. Pedro, na Ribeira Secca, aldeia suburbana da Ribeira Grande, festa que é conhecida pela designação de *Cavalhadas de S. Pedro* e é extremamente original e semi-pagã.

Duas filas de cavalleiros em numero de cincoenta, trajando de branco, com enfeites vermelhos e com chapeu alto forrado completamente de cordões de ouro, dirigem-se á egreja de S. Pedro ao meio dia, em ponto, commandados por um *mestre*, que tem barba loura e postiça, e é o unico que leva mascara e de todos o que vae mais carregado de ouro, indo montado em cavallo alazão, Este logar de *mestre* é hereditario, achando-se ha muitos annos na mesma familia. Todos os cavalleiros, á excepção do mestre, empunham lanças com flamulas vermelhas e marcham, como dissemos, em duas filhas, á frente das quaes vae o mestre. Chegados á egreja, dão algumas voltas, sempre a cavallo, em volta

d'ella e depois veem postar-se em frente da porta principal, avançando o mestre até collocar as patas do cavallo sobre a soleira da porta e pronunciando n'essa occasião um discurso laudatorio, em verso. Depois, toda a cavalgada segue para a Ribeira Grande, dando outras voltas em torno da egreja matriz, passeia por algumas ruas e debanda em seguida. Ao mesmo tempo e durante todo o dia percorrem as ruas muitas burras, geralmente emparelhadas, puchando um arado ou outro instrumento de lavoura, acompanhadas e dirigídas por mascarados, representando figuras deformadas e levando a tiracolo um sacco com baganha de linho, que vão espalhando, fingindo tambem que vão ordenhando as burras. Além d'estas ha numerosas mascaras, costumando apparecer sempre n'esta festa um carro, supportando um barco com marinheiros, entre os quaes vae sempre um preto, que vão *comediando*, isto é, recitando e cantando versos allusivos a pessoas e acontecimentos locaes e geraes, succedidos durante o anno.

Além das festas nas ruas faz-se a festa ao Santo na sua egreja, cuja ornamentação consiste principalmente em festões de flores, dos quaes pendem os fructos que, n'aquella epoca, começam a apparecer em todas as arvores. São por assim dizer as premissas.

A epoca em que estas festas se realisam, pouco depois do solesticio do verão, o facto do *mestre* da cavalhada vir de mascara com barbas louras, trazer uma capa com enfeites amarellos côr de ouro e uma espada desembainhada e reluzente; este vestuario, as premissas, a epoca do anno, as voltas das egrejas, as filas dos cavalleiros, tudo isto bem poderia significar a representação mythica do sol.

O *mestre* não lembra, com effeito, a figura de Apollo-Phœbus, sob a qual os grêgos divinisavam e personificavam o sol e que os grandes artistas modernos, como Raphael e Guido, adoptaram em composições geniaes, que se ostentam no Vaticano e em outros palacios romanos? Não representariam os cavalleiros, em tempos mais remotos, os signos, os mezes, as horas, a aurora e o occaso do sol? As voltas á roda das egrejas não podiam significar as do sol á roda da terra, de accordo com o systema planetario de Ptolomeu? A theoria de Copernico e a demonstração de Gallileu datam de uma epocha posterior á que ouvi attribuir á origem d'estas festas e quando assim não fosse a ignorancia da rotação da terra não seria então, nem hoje mesmo, para estranhar no seio d'aquella *irmandade*...

As burras tambem pódem lembrar a representação mythica das nuvens, que veem ali em honra do sol que as dissipa n'aquella epoca do anno. Como se liga esta festa com as tradicções primitivas da raça que povoou a ilha? O que é um facto é que estas festas têem reminiscencias pagãs e não têem cousa alguma das

solemnidades religiosas, posto que ellas principiassem por devoção e em agradecimento a S. Pedro, por não ter corrido sobre a villa um pico, onde houve uma erupção vulcanica.

N'estas e n'outras festas menos caracteristicas em que o laborioso povo michaelense se distrahe dos cuidados das suas multiplas occupações, apparece sempre em trajo endomingado mas com os pés descalços! Vi homens vestidos de fatos de boa casemira preta, engravatados e de chapéo côco ou redondo, descalços, bem como as mulheres, cujo trajar é sempre mais apurado e revela a consideração que o homem aqui tem por ella! Na sua maior parte as mulheres não trabalham fóra de casa, occupando-se tão sómente dos arranjos caseiros e dos filhos. O homem, quando de madrugada sai para o trabalho, leva comsigo farnel para o almoço e jantar, pois a mulher não lhe leva este, como succede no continente. A' parte os pés descalços, a população mostra em geral grande tendencia para civilisar-se e está sob o ponto de vista, muito superior á do continente.

Em muitas aldêas, que atravessei ou visitei, as casas na sua maioria, estão caiadas e a conservação das frentes é tão cuidada que parece terem sido todas caiadas de fresco! O typo da casa pobre, em toda a ilha, comporta á frente uma porta, ao meio de duas janellas. Estas duas janellas correspondem a dois quartos, um dos quaes tem entrada pela porta da rua e é o mais espaçoso; por detraz d'este fica uma cozinha com um forno de pão. A traz da casa está um pequeno espaço de terreno, ás vezes mais pequeno do que o da casa, onde fica o chiqueiro e a estrumeira, e reservando-se a parte restante para flores! Digam me os continentaes, que têem viajado pelas provincias do nosso paiz, onde encontram esta paixão pelas flores. Uma villa do continente conheci eu, e de certa importancia, onde boas hortas e pomares deslumbraram a nossa vista, mais onde não se cultivava um metro quadrado de jardim, nem se caiavam as frontarias das casas!... Pois em toda a ilha de S. Miguel, apesar da cal ser importada, as casas são, na maior parte, caiadas a branco ou a côr de rosa e não ha aldeão que não cultive, ao lado do chiqueiro, é verdade, uma cevadilha, uma hortensia, uma roseira ou outra flôr. O chiqueiro, como dissemos, fica fôra de casa, ao passo que em muitas povoações das nossas provincias do norte, fica dentro.

Em toda a ilha, nos ricos, nos pobres, notei sempre uma grande predilecção pelas flores. Sem citar outra vez os riquissimos jardins de Ponta Delgada e de Sete Cidades, nem os do valle das Furnas de que nos occuparemos em outra carta, quantos outros vemos nós em Villa Franca do Campo, na Ribeira Grande, na Lagôa, nos Prestes, attestando esse bom gosto?

O sr. Alua, commerciante em Ponta Delgada, possue na rua

de João do Rego uma estufa que contém nada menos de 500 variedades de orchideas. Outras collecções notaveis tive occasião de examinar, de begonias, de glocynias, de roseiras, etc.

Pessoas cujas casas de habitação não têem jardins, alugam de proposito bocados de terreno, ás vezes distantes d'aquellas, para unicamente cultivarem flores.

Voltando á casa do proletario, o interior tambem nos dispõe a favor do povo michaelense. Elle não terá mais nada mas lá está sempre a um canto um solido leito de vinhatico, muito polido, com a cama muito bem feita, a coberta insulana de côr, tecida a lã e algodão, muito retesada, roda-pé de cassa alvinitente, travesseiro redondo e almofadas. Parece um leito de gala e todos os que encontrámos são eguaes a este, não se vendo uma só cama de ferro. O resto da mobilia consta geralmente de meia commoda, coberta por toalha de rendas, tendo em cima algumas jarrinhas e santos, um banco com saccas de milho, algumas caixas e cadeiras. O pavimento é de terra batida e como as janellas estão sempre abertas, vê-se de fóra o interior da casa, que é typico e impressiona pelo asseio e simplicidade. Comem na cozinha em volta da mesa ou no chão, o que é mais vulgar...

Disse-me um trabalhador do campo, que vestia alva camisa de algodão, que todos elles punham roupa lavada ás quartas-feiras e aos domingos, e que se mais vezes a não vestiam é porque não podiam! Que era verdade andarem sempre com os pés descalços por não poderem habituar-se ás botas, (sendo estas para os soldados uma das maiores difficuldades que tinham a vencer), mas que, se andavam descalços todo o dia, a primeira cousa que faziam ao recolher a casa, á noite, era lavar os pés...

Pobres, limpos e bons!

XII

A caminho do valle das Furnas—O caminho do sul—A proposito da canalisação da agua da serra de Agua de Pau para Ponta Delgada—Villa Franca do Campo—O sr. Sebastião do Canto e o seu jardim—Um palacio para cantoneiros—Descida para o valle—O caminho dos covões—Vista geral do valle.

Duas são as estradas, se este nome se pode dár a alguns troços d'ellas, que conduzem de Ponta Delgada ao valle das Furnas, cuja visita guardámos para o fim da nossa estada em S. Miguel, com a dupla intenção de irmos repousar n'aquella encantadora estancia da fadiga das numerosas jornadas que, a cavallo (em andilhas) e a pé, e sob um sol de agosto fizemos na parte central e occidental da ilha, e ao mesmo tempo de reservar para o fim o melhor, o *bouquet*. *Finis coronat opus*...

Essas estradas são conhecidas pelos nomes de caminho do sul e caminho do norte; a primeira passa pela margem sul da ilha e a outra pela do norte. Qualquer d'ellas, principalmente a do norte, é muito pittoresca e por isso devem ser ambas percorridas á ida ou á volta. Sahimos de Ponta Delgada pela do sul, cuja extensão é de 46 kilometros e que, apezar de bastante deteriorada, é uma verdadeira estrada. Logo á sahida de Ponta Delgada fica a povoação de Rasto de Cão, que já citámos, bem como a villa da Lagoa, situada a 11 kilometros da cidade; cerca de 8 kilometros adiante a villa de Agua de Pau e a egual distancia d'esta e sempre para leste, Villa Franca do Campo.

A primeira d'estas villas, que pouca importancia tem, possue 3618 habitantes e fica situada na encosta da serra de Agua de Pau cuja maior altitude é 1013 metros. E' d'esta serra, da Grota do Lanço, que parte a canalisação de ferro que conduz a agua para abastecimento de Ponta Delgada e Rasto de Cão e que tem uma extensão total de 38 kilometros. Custou esta importante obra 230 contos de réis, insulanos, e teve por fim substituir a agua que vinha da região dos lagos, que já descrevemos, inquinada de substancias organicas em decomposição. A canalisação foi fornecida e assente pela *Compagnie générale de conduites d'eau*, da Belgica,

começando os trabalhos em 1885 sobre um projecto do distncto engenheiro sr. David Xavier Cohen e com o capital proveniente de um emprestimo, representado por obrigações municipaes e que foi o primeiro que se emittio na ilha. A camara que emprehendeu estes trabalhos foi a mesma que realisou a abertura da espaçosa avenida Roberto Ivens, que vem dar ao largo de S. Francisco, em Ponta Delgada e que construiu o notavel albergue nocturno, a que já nos referimos. Era presidida pelo sr. Aristides da Motta. As camaras rivalisam umas com as outras em melhoramentos materiaes. A da presidencia do dr. Caetano d'Andrade, dotou a cidade, entre outras cousas, com o bello passeio Anthero do Quental, construido em aterro e sobre uma extensa muralha á beira do porto artificial. A illuminação a gaz tambem é uma das obras importantes que se deve á camara municipal de Ponta Delgada, cuja receita annual, em 1892, era de 80:000$000. A cidade tem 17.940 habitantes (a ilha toda tem 121.929) e é depois do Porto a mais importante do paiz, embora Angra se lhe avantaje pela regularidade e belleza das suas ruas e praças e o Funchal, pelo fundo de esplendente e opulenta vegetação tropical, do qual se destaca a casaria da cidade, que por si só é feia e intransitavel, calçadas as ruas como são de um basalto miudo e roliço a que os inglezes chamam *rins petrificados*... Esqueceu-nos dizer que os habitantes de Ponta Delgada pagam a agua á razão de uma taxa, que varia de 1$200 até ao maximo de 15$000 por anno, sobre o rendimento collectavel dos predios, e não teem contador.

Mas agora reparo que passei por Angra e pelo Funchal quando não era precisamente este o itenerario da nossa jornada... E' em Villa Franca do Campo que deviamos estar vindos de Agua de Pau e a 25 kilometros de distancia de Ponta Delgada. Voltada ao sul e situada a leste da cidade, é a villa mais antiga dos Açores e foi primitivamente a capital da i ha; mas, por ter sido destruida por uma terrivel erupção vulcanica, que matou 4.000 pessoas em 1522, passou a capital para Ponta Delgada, que já era villa, havia 23 annos. Villa Franca tem duas freguezias, é cabeça de comarca e séde do concelho do mesmo nome e tem uma população de 8.135 habitantes. As suas ruas, praças e jardins, as fachadas das suas casas e palacios, irreprehensivel conservação e aceio da frontaria d'estes, dão á povoação aspecto senhoril de uma cidade.

As duas horas que passámos n'esta villa consagramol-as inteiramente á visita do jardim do sr. Sebastião do Canto, um cavalheiro que frequentou os principaes salões de Lisboa ha mais de 30 annos e tem ainda na capital relações de parentesco e de amisade. Jardim e proprietario são de uma individualidade que toca as raias do orginal! Comprehendemos que o sr. Sebastião do Canto fosse

apreciadissimo nos salões da sr.ª D. Maria Kruz e amigo de José Estevam, de Camillo Castello Branco, do Actor Roza Senior e de outras personalidades em evidencia. Dotado de uma verbosidade e de uma vivacidade que desafiam a brancura dos seus cabellos, tem pelas flôres uma paixão louca e dentro do seu jardim, as nossas pernas fraquejavam ao fim de uma hora, tal foi a desordenada correria em que ali andámos para poder acompanhar o amavel floricultor que para cada planta, fazia nos a sua apresentação como se fosse a de uma pessoa de elevada gerarchia ou de intima amizade! Dava *senhoria* ás begonias, ás glocinias e aos caladios, *excellencia* ás palmeiras, ás musas e ás bambuseas, *alteza* ás yucas, aos pandanos e ás banksias e reserva o tratamento de *magestade* para os seus magnificos fetos! «Tenho a honra de lhe apresentar *sua magestade Alsophila excelsa*» disse-nos elle diante do soberbo feto que tem n'um coval, junto com outras variedades arboreas e herbaceas!... Encheu-nos a carruagem de folhas de palmeiras a de mimosas flôres, das mesmas com que elle emoldura todos os dias em sua casa os retratos da sr.ª condessa da Foz, de José Estevam, da sr.ª D. Maria Kruz, do Rosa pae, de todos os seus affeiçoados de ha 30 annos, havendo apenas nas paredes da sua sala o retrato de um *novo*, o de Raphael Bordallo Pinheiro, que o sr. Sebastião do Canto não conhece, mas que é, da geração nova, o unico que lhe merece as suas flôres... Um grande original e um excellente homem, amavel e obsequiador como poucos, o sr. Sebastião do Canto!...

Apertámos reconhecidos a mão do sympatico velho e começámos a subir a grande ladeira que inflectindo para norte conduz, de Villa Franca, directamente ao Valle das Furnas. Extensa e monotona, pois caminha-se sempre entre pastos e matto, ainda que verdejantes, mas que nem por isso deixam de tornar em extremo longas, as quasi duas horas da subida. Quasi no alto da encosta sul da ilha, a qual ainda não desamparámos, e no sitio chamado *cerrado dos Bezerros*, a monotonia da paisagem, que só era suavisada pela apparição de manadas de lindas vaccas, que aqui e alem pastavam, quebra-se de repente com a vista de um palacio que nos surge inesperadamente, a distancia, no meio d'este despovoado. A estrada passa junto d'elle. Tem um só pavimento. Os altos muros rasgados por janellas ogivaes, com persianas; a porta da entrada resguardada por um alpendre, supportado por columnas cylindricas, talhados em tufo; o aspecto simples mas nobre da habitação, fez-nos pensar que ella fosse a residencia de algum misantropo de bom gosto. A nossa surpreza subio de ponto, quando nos informaram que aquelle palacio fôra construido *in illo tempore*, no tempo das vaccas gordas, para residencia dos cantoneiros da estrada!!...

Para um paiz pequeno, vamos lá, srs. cantoneiros, que não ficaram mal alojados... O peior é que, com as successivas reformas o numero d'estes, que era de cinco, está actualmente reduzido a um só, de modo que o palacio já tem vagos quatro alojamentos e arrisca-se ainda a ficar abandonado de todo ou a servir de residencia aos pastores do *Cerrado dos Bezerros!*...

Pouco depois, a ladeira termina e começamos a descer a encosta para o valle das Furnas. O caminho transforma-se por encanto! Ora atravessa *grotas* profundissimas e *covões*, magestosos, recobertos de luxuriante vegetação, ora segue o proprio fundo d'esses *covões* encaixado entre altissimos taludes aprumados, e arborisados e enrelvados de fetos e licopodios, de alto a baixo! Ao cabo de meia hora, levando a carruagem devagar, apparece-nos com todo o explendor de uma paisagem do norte da Italia encravada n'um trecho do *Oberland bernois*, se possivel fosse, o formosissimo e apreciavel valle das Furnas, o logar mais encantador da ilha de S. Miguel, dos Açores e até, no seu genero, de Portugal, porque, se Cintra lhe sobreleva muito em arte, fica-lhe áquem em bellezas naturaes assim como as caldas da Rainha, o Gerez, o Bom Jezus de Braga etc. O Bussaco não lhe é comparavel e por isto fica sendo para nós, os continentaes, a unica maravilha em que os Açores não nos podem bater...

O valle das Furnas minuciosamente descripto em meiado do seculo XVI pelo celebre padre michaelense, o Dr. Gaspar Fructuoso, no fim do seculo passado pelo medico da Madeira, Guilherme Gurlay e em 1840 por Senna Freitas, originou-se, com o decorrer dos seculos, pela acção do fogo subterraneo (a ultima erupção que alli houve foi há cerca de tres seculos) e da agua athmospherica e desdobra o seu fundo encantador n'uma superficie de cerca de 7 kilometros de comprido por 5 de largo. A oesnoroeste, ou á entrada, vindo pelo caminho que seguimos, alarga-se uma vasta e pittoresca lagôa de 1300 a 1500 metros de comprido, que medimos a passo, percorrendo a pé a estrada que a ladeia. A largura d'esta lagôa varia entre 300 a 500 metros e a sua profundidade chega a attingir 10 metros mas em geral é muito menor. Em seguida e inferiormente a esta lagôa, estende-se o resto do valle, cuja casaria, disposta em ruas irregulares ou dispersa, mas toda ella muito bem caiada a branco ou a côr de rosa, dá, no seu cunjuncto, visto de cima, uma nota alegre e quente ao resto da paisagem cuja belleza é mais magestosa mas mais severa. Cordilheiras com mais de 300 metros de altura cercam a ampla bacia por todos os lados e estão revestidas até aos cumes pelas mais espessas florestas! Em torno das casas e formando a porta principal do fundo do valle, prados verdejantes e parques formosissimos e vastos! Ao fundo as afamadas caldeiras ou geysers lançando turbilhões

de fumo branco! E em volta de tudo uma amenidade, uma frescura, um encanto, tão suaves e inebriantes, que logo nos deixamos arrebatar incondicionalmente pelo mais espontaneo enthusiasmo, caloroso, franco e expansivo!

XIII

No valle das Furnas—As solfataras—As caldeiras—Phenomenos geyserianos—Respiradouros do inferno—Iniciação—Um quarto de cama hollandez—O hotel do Jeronymo, a memoria do Jeronymo e a philosophia do Jeronymo—Os parques e o «parque»—A vida das Furnas—As senhoras michaelenses—Diversões sem convenção—Boa musica e bons executantes.

O valle das Furnas que pelo *instantaneo* que d'elle démos revelou certamente o seu aspecto crateriforme, deve o seu nome á existencia de tres solfatáras acompanhadas de nascentes (Furnas) de aguas mineraes. A maior, aquella que já indicámos, é situada no valle das Furnas, propriamente dito; a segunda existe na lagôa, na raiz do *pico do Ferro*; a terceira na falda E. do *pico de Duarte Pacheco*, junto da ribeira quente e ao pé da *ponte dos tambores*.

Em todas ellas se produzem os phenomenos dos *geysers* que, como se sabe, são nascentes de agua em ebulição, intermitentes, situadas na visinhança dos vulcões ou sobrevivendo á actividade propriamente dita nas regiões onde esta ultima deixou de se manifestar. E' na Islandia que ha as emanações geyserianas mais notaveis e onde o typo d'estas nascentes foi primeiro estudado.

Na solfatára do valle, além das nascentes importantes de agua a ferver situadas em um espaço escalvado de um hectare, quasi que por toda esta superficie se vê borbulhar pequenos olhos das mesmas aguas; assim como pelas margens da ribeira, a jusante d'aquelle ponto. O solo está coberto de orificios e quando por elles não sae agua fervente desenvolvem-se vapores aquosos e vapores de enxofre sublimado, que cristalisa pelas bordas.

Mas o que de tudo mais impressiona e domina e o que aterrorisa os espiritos ignorantes são as *Furnas* ou *Caldeiras*, entre as quaes as mais notaveis são a caldeira grande, a caldeira dos vimes, a do tronco, a de Asmodeu e a caldeira de Pedro Botelho. Todas ellas emittem agua fervente, lympida ou lodosa, e desenvolvem densos turbilhões de vapor, sendo estas emissões acompanhadas de ruidos subterraneos, roucos e magestosos, que resoam

a uma grande profundidade e ouve-se a distancia. A mais notavel das caldeiras pelo seu aspecto verdadeiramente medonho, é a de Pedro Botelho, que o vulgo considera como um respiradouro do inferno!

A bacia d'esta caverna abre-se de encontro a uma rocha argilosa que, em parte, lhe serve de parede; do fundo da caverna repincha a grande altura, com um som roufenho e atroador, um borbulhão de agua lamacenta e fervente, que de novo cae dentro da caverna. O fumo que sahe d'este antro é espesso e quentissimo e exhala um cheiro sulphuroso que a pituitaria a custo supporta.

Por toda a parte o solo está quente, o que os nossos pés facilmente avaliam, se nos detemos parados alguns momentos. Em volta da solfatára, a natureza torna-a ser viçosa e ridente como ella sabe sel-o em toda esta formosissima e original estancia. E' de noite que o espectaculo das furnas mais impressiona e por isso o forasteiro que chega ao valle é logo lá conduzido por algum amavel cicerone, algumas horas depois do sol posto.

Um camponez da nossa terra que o levassem lá á hora a que nós pela primeira vez ali fomos, ainda agora correria apavorado!... Já annos antes haviamos feito a ascensão de Vesuvio, por occasião de uma das suas erupções e estivémos durante algumas horas em volta da sua cratera, comtemplando as titanicas explosões de rubras escorias, arremessadas a consideravel altura, semelhando *bouquet* final de um maravilhoso fogo de vista, que nada tinha de artificial... Por isso o nosso cicerone não teve difficuldade em que o acompanhassemos na volta que fez em torno de toda a caldeira, onde o fumo, em virtude da muita humidade que havia no ar, accumulava-se em grossas nuvens que nos envolviam e quasi suffocavam, ao mesmo tempo que, na parte subterranea, a agua em ebulição rufava com mais intensidade que a de todos os tambores das guarnições de Berlim, Potsdam e de Spandan n'um toque de recolher que presenciámos n'aquella capital, em uma *retraite* em honra do imperador d'Austria!

Terminada a nossa *iniciação* recolhemos ao quarto que nos tinha sido reservado em casa de um judeo marroquino Elias Farache e que rivalisava em simplicidade, aceio e conforto com os de Hollanda. Havia 16 horas que sahiramos de Ponta Delgada, quando nos deitámos. O somno que durante dez horas nos não abandonou um momento foi mais que consolador, quasi que foi glorioso!

Estavamos pois perfeitamente instalados e alojados no quarto do Farache pelo qual pagávamos 240 réis por dia e a poucos passos do hotel Furnense onde nos davam um bom passadio por pouco mais. O Jeronymo, proprietario da hospedaria tem perto de 80 an-

nos e uma cabeça que relembra a de Victor Hugo. E' um typo originalissimo e um bom homem, com quem se conversa aprasivelmente durante um quarto de hora. E' muito versado em historia, que está constantemente a ler quando não passa outra parte do tempo encostado á cortina do terraço que fica em frente do hotel e n'uma attitude pensadora que é Hugo pura. Em razão da sua avançada edade perguntámos-lhe se conhecera um tio nosso, que fora desembargador da Relação de Ponta Delgada e alli fallecera ha mais de meio seculo. Respondeu-nos muito amavelmente, mas muito serio, que não fatigava a sua memoria com recordações de pessoas, que apenas a exercitava na historia universal e nas lições que d'ella tirava... «O sr. Jeronimo» retorqui-lhe tambem muito serio, nunca ouviu dizer que se parecia com Victor Hugo?...

Se quer que lhe diga, é o Jeronymo quem falla, eu admiro muito a grande elevação de pensamentos que elle tinha, mas, para lhe fallar com franqueza, não era admirador das idéias que elle defendia e que chamava generosas e humanitarias... E por aqui fóra leva-me aos phenicios, aos gregos e aos romanos, seus conhecidos do Cantu, o seu livro, para me provar que o mundo ha-de ser sempre o que foi e que isto de liberdade, fraternidade e egualdade não passam de tres palavras!...

Pedi-lhe desculpa de ter de o deixar pois que, tendo chegado na vespera ao cahir da tarde, não tinha ainda visitado o valle e ia dar começo ás minhas excursões por uma visita aos parques. Não é facil encontral-os mais pittorescos nem mais bem delineados e plantados. Por meio d'elles circula a ribeira que atravessa o valle e que em grande parte leva agua quente das fontes geyserianas e que por isso é designada pelo nome de *ribeira quente* e á qual se juntam as aguas d'uma corrente de agua fria, que atravessa outra parte do valle e outros parques. O ponto de juncção das duas correntes fica entre os parques do sr. marquez da Praia e do sr. conde de Fonte Bella; n'essa confluencia, metade da corrente, a que corresponde á agua quente, é amarella e a outra metade, a fria, é incolor, correndo assim durante alguns metros, ahi se misturam.

A abundancia de agua é por toda a parte extrema e foi aproveitada para a alimentação de numerosos lagos que constituem um dos encantos dos parques e em alguns dos quaes vemos irromper á superficie com grande desenvolvimento, bolhas de gazes na maior parte de hydrogenio sulfurado. Dir-se-hia, tal é a abundancia d'estas efervescencias, que a agua dos lagos estava em ebulição!

Varios são os parques particulares, todos elles com as portas abertas, de par em par, ao publico, que se ostentam nas Furnas, sobresabindo porem a todos o que é designado pela simples denominação: o Parque.

O chamado «Parque das Furnas», baptisado primeiramente com o nome de *Villa da Murta*, por assim se denominar a ribeira que o atravessa, foi adquirido em 1859 ou 1860 por cinco socios, os snrs: José Jacome Corrêa, Antonio Borges da Camara Medeiros, Antonio Botelho de Sampaio Arruda, Ernesto do Canto e José Maria Raposo do Amaral. Por fallecimento do primeiro está hoje o seu quinhão na parte de seu herdeiro, o sr. conde de Jacome Corrêa a quem já nos temos referido por mais de uma vez e que é muito conhecido na primeira sociedade de Lisboa, onde por mais de quarenta annos residiu. Os quinhões dos srs. Antonio Borges e Antonio Botelho, foram por seu fallecimento adquiridos pelo sr. dr. Ernesto do Canto que actualmente é proprietario de tres quintas partes do formoso parque da sociedade com os srs. conde de Jacome e Raposo do Amaral.

A propriedade é commum e o custeio da conservação é dividido na razão do quinhão de cada um. Todos tinham o seu direito a construir ali habitação, em locaes que a sorte designou, faculdade de que só se aproveitou o sr. Ernesto do Canto, edificando um *chalet*, projectado por um architecto francez e que é digno do encantador local em que se encontra. Pena foi que o exemplo dado por este erudito cavalheiro não fosse seguido pelos seus opulentos consocios nem por outros ricos proprietarios do valle das Furnas, cujas habitações não podem ser mencionadas senão pela ausencia absoluta de architectura e de bom gosto o que realmente se não casa com a arte que revella a construcção do parque, nem com a formosura do pittoresco valle, que seria uma das mais bellas estancias de verão da Europa se estivesse povoado de *villas* e toda a sorte de construcções elegantes, que ali faltam por completo.

Uma parte do parque, a que fica a montante do pavilhão ou kiosque como é chamado, foi delineada pelo sr. Antonio Borges com o profundo saber e apurado gosto de que elle deu sobejas provas no seu deslumbrante jardim de Ponta Delgada e no parque das *Sete Cidades*; a parte restante é desenho de um jardineiro inglez, Brown, que tambem delineou, segundo ouvimos, os parques dos srs. marquez da Praia e conde de Fonte Bella, proximos a este.

Á riqueza da flora de todas as regiões do globo alia o parque a representação dos mais notaveis exemplares da flora indigena, a qual por certo não é a que menos interessa o forasteiro do continente. Entre outros nota-se ali: O azevinho (*ilex prado*) arvore de pequeno porte, a gingeira do matto (*ceradus azorica*), o pau branco (*piconia excelsa*), o zimbro (*junipero oxicedrus*) a urze (*erica azorica*) com porte de arvore, etc. etc. A gingeira do matto é peculiar á ilha. O licopodio é empregado para guarnecer o revestir os canteiros como o *Rey Gras* ou o *gazon* no continente; em al-

nente; em algumas ruas traçadas a meia encosta, o talude é revestido pelo zimbro produzindo um bello effeito, sendo este mais notavel ainda no parque do sr. marquez da Praia.

O parque é depois do meio dia o *rendez-vous* de toda a sociedade que está em *villegiatura* nas Furnas. Os kiosques, os pavilhões, as bancadas á sombra das arvores, estão d'essa hora em diante animadissimos. Costura-se, borda-se, joga-se, conversa-se, passa-se animadamente algumas horas, emquanto ranchos de creanças saltitam, correm, divertem-se em jogos infantis e nos transmittem a alegria das suas gargalhadas cristalinas, que vibram em todo o parque, sonoras e estridulas, como girandolas de foguetes.

O' como é encantadora e simples a vida nas Furnas! Como a comedia mundana ainda ali não é representada?! E como a gente por mais *blazé* que se encontre se sente bem n'aquelle meio naturalmente elegante e distincto e naturalmente simples! Das senhoras disse um escriptor açoriano no começo d'este seculo, o seguinte: uma açoriana bem educada, pulcra e em edade juvenil é su-«perior a todo o elogio: quanto n'ella se observa tudo agrada e «merece cultos: ella arrebata o mancebo mais sisudo, inflamma e «sensibiliza o octogenario mais circumspecto, e attrahe o misantro-«po mais sistematico. Ninguem pode resistir á sua amabilidade e «ternura... Excedem muitas estrangeiras em seu tracto innocente «e sincero: estas egregias qualidades, juntas á sua attitude ener-«gica, meiga e civil, fazem-nas encantadoras».

Isto foi impresso em 1822 e encontra-se na *Chorographia açorica* escripta por *um cidadão açorense*. Setenta annos depois vim encontrar o retrato de uma exactidão fiel, embora pouco favorecido. Não serei eu que o complete, que de suspeito e parcial seria taxado por certo quem no convivio da sociedade michaelense recebeu tão subidas provas de estima, de confiança e de extremada bondade.

Assim passa o dia no «parque» para os que não preferem ir bordejar para a lagôa ou fazer em *burricada* qualquer das variadas excursões, qual d'ellas a mais bella, as mattas do sr. José do Canto que dominam a lagôa, aos *covões* por onde já passámos vindo pelo caminho do sul, ás *pedras do Gallego*, á *Achada*, ás cumieiras cujas culminancias denominadas Pico do Ferro, Pico do Gafanhoto, Salto do Cavallo, Pico do Canario, etc. não devem deixar de ser visitadas em caso algum. Os mais ousados prolongam as suas excursões até ao Pico da Vara o ponto mais elevado da ilha (1178^{m}) e no seu extremo leste; os que prefiram as excursões em carruagem teem a frondosa e pittoresca estrada da Povoação, que em parte borda a Ribeira Quente, o caminho do sul até aos Covões ladeando a lagôa, a estrada que circunda o valle e que em parte

atravessa os parques, o caminho para a *Achada* (com uma dianteira de bois) etc.

As noites passam-se no Club dançando e jogando, club feito segundo o risco de um architecto francez, parente do sabio chimico mr. Fouqué, e que quando estiver concluido ficará um dos primeiros do paiz, pois, entre outras novidades para nós, possue uma grande sala para theatro, concertos, etc. com palco e platéa. Em muitas casas ha serões, predominando no tempo em que ali estivemos, o gosto pelas charadas figuradas em que as michaelenses desenvolvem uma *mise-en-scène* e um talento misturado de *ruse* pouco vulgar; a predilecção por advinhar proverbios e palavras tocava ali o seu auge e servia para fazer realçar os dotes de espirito e a illustração das pessoas que tomavam parte n'este jogo e nos quaes não tinham quinhão menos brilhante as senhoras.

Em algumas d'estas reuniões encontrámos o illustrado proprietario do *Commercio do Porto* o sr. Bento Carqueja e sua esposa que, como nós, viéra á ilha e não podia occultar a impressão que estas reuniões simples e encantadoras lhe produziam, pelo gráu de civilisação que ellas revelavam. Com franqueza o declaramos, desculpem-nos os açorianos, não suppunhamos encontrar lá a educação da mulher n'um gráu de desenvolvimento que só nas classes afortunadas de Lisboa ou do Porto se encontra. Dos homens já a muitos d'elles nos temos referido varias vezes n'estas cartas e ainda nos teremos de occupar de outros mais.

Se Taine os tivesse estudado notaria n'elles mais semelhança com o sr. Frederico Thomaz Graindorge do que com seu sobrinho Durand, exemplar este que, de ordinario, só se encontra nas capitaes, onde o numero dos ociosos e dos inuteis é sempre maior que na provincia...

Os serões a que nos referimos são alternados com outros inteiramente musicaes onde é exibida a mais pura musica classica de mistura com a italiana e hespanhola. O grande sacerdote, o *Sacerdos magno* d'estes serões musicaes é o grande amador e consideravel pianista o sr. Francisco Peixoto da Silveira, filho dos barões de Santa Cruz, espirito fino e cultivado e um *charmeur* como poucos. No mundo official occupa o logar de inspector das fabricas de tabacos do districto; no dos salões accumula o de pianista e acompanhador emerito, com o de cavaqueador fino e espirituoso. Passou parte da mocidade em Bruxellas e de lá trouxe decerto apurado o seu gosto pela musica e o seu feitio mundano, elegante e despretencioso. Em alguns serões musicaes ouvi tambem algumas *virtuoses* distinctas como a sr.ª D. Marianna Sequeira, filha do sr. Victoriano Sequeira, vice-consul da Hollanda e presidente da associação commercial de Ponta Delgada, uma vocação musical extraordinaria ao serviço da qual a natureza poz uma encanta-

dora voz de soprano ligeira, agil e bem timbrada e que, se nos encanta ao ouvir-lhe o *rondó da Lucia*, enthusiasma-nos depois nas peteneras e carcelleras que a interessante menina canta como uma verdadeira *flamenca*; e as sr.as D. Maria Christina de Sousa e D. Clotilde de Oliveira, duas gentilissimas meninas que executam no piano, com a maior correcção, o repertorio de Chopin, de Weber, de Mendelson e dos outros classicos. Mais tarde em Ponta Delgada, tive o prazer de ouvir tocar a sr.a D. Etelvina Pereira, esposa do sr. Moraes Pereira, professor de lyceu e astronomo amador, muito distincto. Esta senhora é certamente das nossas pianistas mais distinctas e todo o seu repertorio é classico. O sr. Moraes Pereira, possue tambem uma bella voz de baritono e uma boa educação musical.

A este grupo de distinctos amadores que cultivam a musica por forma tão elevada, faltava o dr. Alvaro Pereira de Athaide Bettencourt, um magnifico baixo cantante, que fez as delicias da academia no tempo de João Arroyo e que fomos encontrar destacado em Angra, como juiz de execuções fiscaes. E' tambem michaelense e dos que mais honram a sua terra, e sabe ser ao mesmo tempo notavel na carreira judicial e nas bellas artes.

Que bellos dias se passa nas Furnas!...

XIV

No Valle das Furnas—Um passeio na lagoa—A capella e a matta do sr. José do Canto—Os srs. José e Ernesto do Canto, considerados pelo sabio Fouqué—O maior agricultor da ilha—Gentle-man e academico—As estradas da matta—O valle dos fetos—Exallações que matam—Começamos a luctar com a falta de espaço—Descripção que não fazemos—Fabrica de manteiga—Um refeitorio de monges—Os estabelecimentos balneares—Cousas nossas—Banhos para dar e banhos para vêr—As Furnas e o Luzo—O dr. Mont'Alverne—A imprensa michaelense—O clima das Furnas—Observações meteorologicas.

Uma das excursões mais encantadoras é por certo a que se póde fazer á lagôa, onde se encontra sempre uma barca cedida por um dos seus amaveis donos e a bordo da qual se teria a illusão de bordejar n'um trecho do Lago dos quatro cantões, se as encostas apresentassem mais algumas habitações. A' excepção das dos srs. José do Canto e George Hayes, os montes que nos cercam só nos dão o bello aspecto das suas umbrosas florestas, as quaes por certo mais realçarão quando ali forem construidas algumas *villas* e *chalets*.

O passeio no lago deve ter como remate a visita das mattas e da capella do sr. José do Canto, que este cavalheiro mandou edificar á beira do lago perto da casa em que reside parte do verão. A capella, sob a invocação de N. S. das Victorias, representa um voto da esposa do sr. José do Canto, a sr.ª D. Maria Guilhermina Taveira Brum do Canto, fallecida em Paris em 1887 e que ali está sepultada em um carneiro, coberto por uma tampa de marmore branco e polido. Esta capella é, pela sua architectura, o edificio mais notavel da ilha. E' no estylo gothico de norte e toda ella, tanto interior como exteriormente, revestida de cantaria ás fiadas e de excellente tufo. As suas paredes são rasgadas por 13 janellas ogivaes guarnecidas de *vitraes* modernos francezes ou allemães. O altar mór tem o frontal de carvalho do norte e n'elle estão praticados cinco nichos que receberam as estatuetas de Christo e dos evangelistas executadas em marmore de Carrara e tendo meio metro de altura, esculpturas que devem ser florentinas e da epoca da capella.

Sobre o altar mór uma estatua da mesma pedra, representando a padroeira da capella. Um pulpito, á direita do altar e a balaustrada, que separa este do resto da capella, são de carvalho do norte muito bem esculpido e de industria franceza. O pavimento da capella destôa da sua architectura que é severa, notavel e de proporções elegantes: está revestido de ladrilho mosaico, quando devia, evidentemente, ser lageado, com a mesma qualidade de pedra empregada nas paredes da capella.

Razão teve de certo o opulento proprietario da linda capella para empregar o ladrilho mosaico, que ahi não está por erro involuntario ou por capricho, mas que em todo o caso está a berrar contra a belleza do resto do edificio e contra o bom gosto.

A parte posterior da capella encosta se ás mattas do sr. José do Canto que cobrem mais de 600 hectares de terreno.

Os Açores, cobertos de espessas florestas na epoca da sua descoberta, foram devastados sem escrupulo durante tres seculos e meio. A penuria de arvores chegou a tal ponto que a madeira para as caixas de laranja, teve durante muito tempo de ser importada de Lisboa! Hoje, devido á poderosa iniciativa particular de alguns michaelenses a ilha está completamente transformada. O sr. José do Canto, desde muito moço, comprehendeu a importancia do replanteio das arvores, sob o ponto de vista economico e emprehendeu logo cobrir, de pinheiros maritimos e outras essencias exoticas, as solidões incultas dos seus vastissimos dominios. Ha mais de 50 annos que este homem de uma energia e de uma illustração raras, prosegue na tarefa laboriosa a que se votou. O seu exemplo encontrou muitos iniciadores e o seu nome resôa em toda a ilha como o de um grande benemerito. Seu irmão, o notavel

academico dr. Ernesto do Canto, e os srs. José Jacome e Antonio Borges, estes dois ultimos já fallecidos, e ainda outros grandes proprietarios, teem rivalisado com o glorioso ancião em sciencia e em enthusiasmo nas applicações praticas de botanica. Aos ensaios florestaes todos elles juntaram a creação de explendidos parques e jardins onde reuniram os especimens mais variados do mundo inteiro.

O sabio chimico e geologo, o sr. Fouqué, escrevendo para a *Revue des deux mondes* em 1873, diz que o sr. José do Canto plantou *annualmente* durante muitos annos dois milhões de arvores e seu irmão Ernesto milhão e meio! O ponto de admiração é tambem do sr. Fouqué.

O dr. Ernesto do Canto que consagrou á arboricultura e á floricultura uma parte tão importante da sua existencia tem dedicado outra parte d'ella ás letras, ás quaes hoje pertence quasi exclusivamente e é dos seus cultos mais apaixonados. Os seus importantissimos trabalhos bibliographicos sobre os acontecimentos politicos de 1828 a 1834 e sobre as publicações relativas aos Açores, são duas obras de subido valor e indispensaveis a todos os estudiosos. A obra que ha annos tem entre mãos e da qual já ha 69 fasciculos publicados, formando onze volumes, o *Archivo dos Açores*, onde veem copilados todos os documentos de interesse historico, cujos manuscriptos se encontram em poder da familia Canto, ou teem sido descobertos pelo infatigavel academico nas bibliothecas dos conventos, em archivos publicos, na Torre do Tombo, em toda a parte, consummindo n'essa monumental obra quantiosas sommas e um grosso cabedal de conhecimentos, é um trabalho que ha de ficar do nosso seculo e que será sempre consultado.

Encantador no trato, de uma correcção e afabilidade captivantes, o dr. Ernesto do Canto é um erudito *doublé* de um *gentleman*. O sr. Fouqué diz que na lista das essencias florestaes cuja cultura o dr. Ernesto do Canto ensaiou figuram: 86 especies de pinheiros, 28 carvalhos, 36 acacias, 16 *erables*, 14 cyprestes, 5 criptomerias, 10 castanheiros, 8 eucalyptos etc., ao todo 800 especies de plantas arborescentes! O numero das especies ensaiadas pelo sr. José do Canto é ainda muito mais consideravel. Este opulento proprietario teve em Paris relações com o celebre engenheiro Alphaud, que lhe cedeu por algum tempo um dos seus engenheiros de nome Lainé, que esteve nas Furnas estudando o traçado das estradas que o sr. José do Canto mandou construir depois nas suas mattas e que medem leguas de extensão! Suppomos que foi o sr. Lainé quem fez tambem o projecto do chalet do sr. Ernesto do Canto, no «parque» das Furnas.

Junto á habitação do sr. José do Canto, na lagôa, a matta é alternada com alguns massiços de flôres, ficando a pouca distancia

da casa o *valle dos fetos* que constitue a grande attracção dos forasteiros. O pequeno valle que outra cousa não é senão o fundo de uma *grota* em que a montanha se fendeu, tem por atrio um delicioso bosque de criptomerias gigantes e estende-se com pronunciada inclinação pelo monte acima. Fetos arboreos e herbaceos de grande porte, musas, palmeiras, grupos de bambús (bambuseas), araucarias e pandanos com mais de 6^m de alto, formam uma florestasinha que dá ao « valle dos fetos » um encanto verdadeiramente magico. Entre os fetos conta-se as seguintes variedades: cyathea nigra (grande exemplar muito notavel), cyathea medularis e dialbata, batantium antartico, alsophila excelsa e australis, cetrach officinalis (feto do Gerez) e grande variedade de pteris. O exemplar do feto negro é soberbo.

Ha um logar nas mattas do sr. José do Canto, proximo á lagôa, onde se produz um notavel desenvolvimento de acido carbonico. Os passaros que ali pousam bem como os patos, gallinhas e outras aves cahem logo mortos.

Como sentimos que, apesar de ir correndo por cima de todas as bellezas do valle já nos tenhamos alongado tanto e nem sequer descrevessemos as notaveis caldeiras da solfatára da lagôa e a matta Fonte Bella que fica proxima; as fontes de aguas mineraes que á temperatura de 17.°, como a *agua azeda*, irrompem ao pé das Furnas, onde a agua ferve a 98.° e que pela sua composição chimica, na qual predominam os saes de sodio, são muito empregadas para uso interno. Como sentimos que o espaço de que temos abusado, não nos permitta agora nem de leve, referir as bellezas de um passeio a pé ao pico de Antonio Borges (dentro do parque), ao Olho de Boi, uma nascente, no fundo de um pequeno lago, d'onde a agua irrompe atravez de uma espessa camada de detrictos de pedra pomme que arrasta comsigo até uma certa altura formando com elles uma especie de repuxo, inferior á superficie do lago; e que não possamos descrever alguns passeios ás cumieiras, á vista do pico do Ferro, á do Salto do Cavallo, á das lombas da Povoação, á do Pico do Canario e a sua encantadora descida para o valle, atravez de um denso bosque de grandes criptomerias, acacias e pinheiros!

Como nos pesa não poder tão pouco dar uma ligeira ideia da magnifica fabrica que, em um dos pontos mais pittorescos do valle, o sr. Arthur Leite da Gama Avellar, agronomo pela escola franceza de Grignon, acaba de fundar e onde são preparados pelos mais modernos processos e com os mais aprefeiçoados apparelhos, finissima manteiga e bellos queijos flamengos que vão sendo já exportados para Lisboa. O sr. Arthur Leite que é um rapaz de fina educação e apurado gosto, tem a sua fabrica n'uma ordem irreprehensivel, para o que tambem e muito concorre a destreza

das suas graciosas operarias, vestidas á moda bordeleza e com as toucas carateristicas. Pelos mesmos motivos não podémos occupar-nos de outras fabricas de lacticinios do sr. Bernardo Machado de Faria e Maia, em Ponta Delgada, da companhia de lacticinios dos Ginetes, n'esta localidade, da do sr. Barber em Ponta Garça e da do sr. Caetano Paula na Ribeira Grande com succursaes de alguns mezes na Maia. Ao todo cinco fabricas.

Falta-nos tambem o espaço e com isso ganha o Jeronymo e a parte masculina dos seus hospedes, para dar alguns piparotes no costume tradicional no hotel Furnense, das duas salas de jantar, uma para os chefes de familia que trazem senhora, e outra exclusivamente para os homens que veem sós!... Este *refeitorio de monges* dava para um capitulo, illustrado pelo Raphael Bordallo! Nunca me sentei a essa mesa que me não sentisse vexado pela separação systematica, que os criados se apressam em fazer cumprir e que não é lisongeira para ninguem, nem para os *receiosos* nem para os *temidos* e nem tão pouco, está em relação com o grau de adiantada civilisação de toda a ilha. Mas os annunciantes do *Diario de Noticias* já acham pouco as tres paginas que o jornal põe á sua disposição e é forçoso que nos resumamos muito. Resta-nos fallar ainda dos estabelecimentos balneares das Furnas e do clima d'esta bella estancia.

Todos os estabelecimentos balneares estão situados em volta da solfatára do valle e d'ella recebem as suas aguas. A camara da Povoação, concede licença aos particulares para estabelecerem banhos com tanto que metade das tinas que tiverem sejam reservadas gratuitamente para o publico. Alguns d'estes estabelecimentos, que são pequenas casas abarracadas, pertencem ao sr. José Maria Raposo d'Amaral, marquez da Praia, barão das Larangeiras, etc.

O governo começou em 1863 a construcção do actual edificio dos *Banhos Novos*, que, para não desmerecer das cousas da nossa terra, ainda não está concluido... O seu projecto é tambem de um grandioso que só se concebe nos paizes pequenos e pobres!... Occupa 1845 metros quadrados e consta de duas alas cada uma com 33,^{m}6 de frente por 21 metros de fundo e de um corpo central que as liga tendo 17,^{m}80 por 15 e no qual estão varias dependencias de estabelecimento. Cada ala está dividida no sentido longitudinal por uma parede, formando duas galerias verdadeiramente claustraes para as quaes abrem as *salas* de banho, recintos espaçosos constituidos por um quarto com bella tina de marmore enterrada e um gabinete de toilette. O que ninguem é capaz de advinhar é o numero de tinas ou de quartos que ha n'estas galerias que, como dissemos, teem quasi 34 metros de extensão! Pois vou dizel-o para pasmo dos architectos mesquinhos: ha apenas sete!! O grande edificio cuja superficie foi desperdiçada por

tal forma conta pois ao todo 28 quartos quando seria facil conter lá o dobro, além das piscinas, inhaladores, pulverisadores, duches, e banhos russos que faltam por completo. Para complemento do projecto ainda tambem falta construir as habitações para o medico, pharmaceutico, etc. A construcção tem sido zelada e economica apesar de ter sido muito excedido o orçamento primitivo, para o qual o autor não foi tão largo como no projecto... As quantias invertidas até agora no edificio não chegam a 60 contos fracos. Para cumulo de isto tudo os banhos são gratuitos! O governo dentro em pouco deve crear uma repartição balnear ou mesmo uma direcção para administrar os seus monumentos balneares. N'este ao menos toma-se banhos de graça, ao passo que os do Luzo, só se mostram e não se tomam nem que se pague com oiro!... Banhos para dar e banhos para vêr! Muito original e muito curioso!... Dizem-me que a razão porque aquelles banhos são gratuitos é porque ainda não está feito o regulamento do estabelecimento e porque os particulares tambem o são. Junto do edificio existem quatro tanques cobertos com aboboda de cantaria onde se deposita as duas qualidades de agua de que se faz uso (ferreas e sulphuricas, quentes e frias). Cada banho dispende 150 a 200 litros de agua.

O sr. Francisco Pamplona de Serpa, intelligente conductor do serviço de obras publicas, elaborou uma pequena monographia manuscripta e illustrada deveras interessante, sobre as aguas das Furnas e que é uma resposta ao questionario que lhe dirigio o dr. Alfredo Luiz Lopes para o estudo que este illustre clinico e nosso particular amigo, fez e publicou das aguas mineraes de Portugal.

O serviço da estação thermal das Furnas e do respectivo hospital estava no mez em que ali estivemos, a cargo do dr. Mont' Alverne de Sequeira, medico do hospital de Ponta Delgada, facultativo municipal e um dos clinicos mais considerados em toda a ilha. Medico pela escola de Lisboa e o primeiro classificado no seu curso, o dr. Mont'Alverne é um publicista distincto e um jornalista de combate. A sua these sobre o hypnotismo e sugestão teve duas edições, e os seus opusculos sobre questões açorianas bem como um relatorio que está impresso, sobre a estação thermal das Furnas, são trabalhos de muito merecimento e que revellam as variás aptidões do seu talentoso autor, por quem se sente logo, *au premier abord*, uma simpathia instinctiva e em quem pouco depois se encontra um amigo dedicado.

A *Autonomia dos Açores*, jornal que elle redige ao lado de Aristides da Motta, tem publicado numerosos artigos do dr. Mont'Alverne sobre politica e administração açoriana na sua maior parte E já que citámos um jornal michaelense dêmos uma resenha dos

que se publicam actualmente em S. Miguel: *O Açoriano Oriental*, fundado em 1835 e o mais antigo do paiz. Não tem politica; *A Persuasão*, dirigida pelo distincto jornalista e que é um dos ornamentos da imprensa portugueza, o sr. Francisco Maria Supico, decano dos correspondentes do *Commercio do Porto*. Regenerador-autonomista; a *Gazeta da Relação* (tri semanal), fundada em 1868, publicação judicial, redigida tambem pelo sr. Supico; *Diario dos Açores*, fundado em 1870; não tem politica partidaria, autonomista; *Archivo dos Açores*, a que já nos referimos, fundado em 1878, destinado á vulgarisação dos elementos indispensaveis á historia açoriana, publicação sem periodo fixo, dirigida pelo dr. Ernesto do Canto e da qual já sahiram 69 folhetos de 80 a 100 paginas in-8°; *O Correio Michaelense* fundado em 1878, progressista-autonomista; o *Diario de Annuncios*, fundado em 1885, não tem politica; o *Campeão Popular* fundado em 1888, regenerador; *A Vara da Justiça*, fundada em 1890, não tem politica partidaria, autonomista e a *Autonomia dos Açores*, fundada este anno, não tem politica partidaria e como o, habito indica, autonomista por excellencia.

Todos estes jornaes veem a lúz em Ponta Delgada e todos os que não teem indicação em contrario são semanaes.

Alem d'estes ha os seguintes hebdomadarios em differentes localidades: o *Lagoense*, na Lagôa; *A Liberdade*, em Villa Franca; *A Lide* e *A Aurora Povoacense*, na Povoação; o *Nordestense* na villa do Nordeste; e a *Estrella Oriental* na Ribeira Grande. Esta grande quantidade de jornaes, não está, infelizmente, em relação com o numero de leitores que ha na ilha, onde sobre 120.000 habitantes apenas sabem lêr 22.000.

Duas palavras sobre o clima das Furnas. A formosa estancia está situada a 240 metros de altitude e é por causa das montanhas que a cercam por todos os lados abrigada dos ventos. A sua temperatura é de 16.°; a maxima temperatura ali observada foi de 31.° e a minima 1,°25; a maxima media 19.° e a minima 13.° A atmosphera é muito saturada de humidade como é de presumir.

As observações meteorologicas do posto de Ponta Delgada feitas durante alguns annos dão as seguintes medias annuaes que acho curioso indicar—pressão barometrica, reduzida a 0.° e ao nivel do mar 766,20, temperatura 17,18 (maxima media 24,15, minima media 11,61) humidade 73,92%; evaporação 827,3 milimetros; chuva 890,60 milimetros; dias chuvosos no anno 174; ventos predominantes em 6576 observações N. 654, NE. 1163, E. 309, SE. 453, S. 587, SW. 860, W. 641, NW. 628, calmas 1281,

Este posto meteorologico está actualmente sob a direcção do sr. Francisco Affonso Chaves, o sympathico e notavel naturalista a quem tantas vezes nos temos referido no decurso d'estas cartas.

XV

Sahida das Furnas—O caminho do norte—Dupla tracção—A Achada das Furnas—Novellões—Caldeiras da Ribeira Grande—Agua da Lombada—Lagôa do Fogo—Cartas inglezas—Incuria—Uma commissão da sociedade de geographia de Lisboa—A Ribeira Grande—Uma ponte á espera da estrada e um mercado á espera de peixe...—A matriz—O arcano—O dr. Gaspar Fructuoso e a sua obra—Ermida de Santo André—E' de pedra, não é de abobora!—Uma téla preciosissima—O commandante dos bombeiros—Michaelenses no continente—Diniz da Motta.

No regresso das Furnas seguimos pelo caminho do norte o qual começa logo á sahida do valle pela ladeira da Achada, que tem mais de 4 kilometros de extensão em rampa não inferior a 12%. As carruagens levam sempre, á frente dos cavallos, uma junta de bois por dianteira. Esta dupla tracção não deixa de ser pittoresca e é indispensavel. O panorama que se gosa do valle da Furnas, do alto da ladeira, é formosissimo e aviva a saudade que nos deixa aquella poetica estancia.

A *Achada* ou planalto que attingimos em seguida tem cerca de 5 kilometros de extensão por 2 de largo e n'elle pascem mais de 800 cabeças de gado bovino.

Deixando a *Achada*, desce-se por formosos caminhos descobrindo-se á esquerda um grande prado bordado por hortensias em flôr, de elevada altura e na extensão de mais de um kilometro! Passando Porto Formoso, onde fica outra residencia de verão do sr. José do Canto e outra extensa região de mattas, nas clareiras das quaes, o grande agricultor cultiva o chá em larga escala, como indicámos anteriormente, vem o Lameiro, onde o sr. conde de Jacome, tem tambem outra residencia de verão e possue uma das propriedades mais ricas da ilha. Entre Porto Formoso e Lameiro a estrada ou antes o caminho segue uma bella encosta revestida de arvores, fetos, etc. atravessada por uma *grota* encantadora e bordada de ambos os lados por hortensias ou *novelões* como aqui lhes chamam, ostentando as suas flôres rosadas e azues, sendo estas ultimas de extraordinaria belleza.

Antes de chegar á Ribeira Grande ha um ramal de caminho que em tres quartos de hora conduz ás *Caldeiras*, outra solfa-

tára de importancia, no fundo de um estreitissimo valle, com tres grandes caldeiras fumegantes e rugidoras, um estabelecimento abarracado para banhos, e meia duzia de casas de habitação feitas com mais gosto que as do valle das Furnas, em geral. Encontrámos alli alguns homens que vinham da nascente de agua da Lombada, que fica ao sul e muito distante, carregados cada um com uma duzia de meias garrafas. Esta agua, que foi analysada em um laboratorio official de Paris, foi classificada como semelhante á de Saint Galmier.

Vende-se em Ponta Delgada a 20 réis cada meia garrafa, nos hoteis! Em Portugal onde não ha o verdadeiro typo de aguas de mesa, a da Lombada devia ter um consummo extraordinario se se podesse abastecer devidamente o mercado, o que pelos processos de extracção actuaes é impossivel.

Ao sul das caldeiras e a uma grande altitude fica a Lagôa do Fogo, que tem 15 braças de profundidade e é depois das de *Sete Cidades* e Furnas a mais importante da ilha. Todas as altitudes e cotas hydrographicas, que temos indicado, são extrahidas de mappas *inglezes*, os unicos que ha dos Açores e até da Madeira, fique-o sabendo quem desconhecia até que ponto chega o nosso desmazelo e a nossa incuria!

Durante a nossa estada nas Furnas encontrámos mais de uma vez o infatigavel geólogo e distincto engenheiro de minas pela escola de Paris o sr. José Maria do Rego Lima que, para poder fazer o estudo de sua especialidade n'aquelle interessante valle. teve primeiro de levantar-lhe a planta, pois a dos inglezes, além de imperfeita, é de escala muito reduzida. O sr. Rego Lima, que tambem é filho de S. Miguel, foi ali commissionado pela sociedade de geographia de Lisboa para fazer o estudo geologico da ilha tendo sido acompanhado por outros dois socios d'aquella sociedade scientifica, os srs. Paula Nogueira e Motta Prego, agronomos e professores do instituto agricola, o primeiro dos quaes ia investigar e inquerir dos assumptos que se relacionavam com a zootechnia e o segundo com a economia agricola.

Voltando das caldeiras ao caminho do norte fica-nos a Ribeira Grande a um quarto de hora, villa populosa e rica da costa do norte e a 15 kilometros de Ponta Delgada. Deriva o seu nome de uma larga ribeira que passa por meio d'ella, é cabeça de concelho, séde de comarca e tem uma população de 9.339 habitantes. Como se vê é mais populosa que muitas das nossas cidades do continente.

Não contente com a ponte velha que atravessa a villa e por onde passa a estrada, os ribeiragrandenses conseguiram n'uma epoca eleitoral qualquer que o governo portuguez lhes mandasse construir outra ponte proxima á foz da ribeira e pela qual devia passar a

estrada, depois de desviada para jusante. A ponte é uma das mais bellas obras de alvenaria em tufo apparelhado, que temos visto; tem mais de 20 metros de altura e 8 vãos de 10 metros cada um.

A estrada, porém, não foi desviada e lá está a monumental obra, sem utilidade, a não ser a de servir de passagem para um vastissimo mercado de mais de 100 metros de frente que a municipalidade da villa mandou construir na margem esquerda da ribeira, perto da ponte. A parte do mercado, destinada ao peixe, constitue por si só, um mercado que mette a um canto os de Lisboa e Porto! Só lhe falta... o peixe, que continua a ser vendido de preferencia pelas ruas! O mercado não está concluido. Se chegar a sel-o é talvez o primeiro do paiz, não em importancia, está claro, mas em grandeza. O projecto está elaborado com muita proficiencia e elegancia pelo sr. engenheiro Marianno Machado de Faria e Maia.

Uma vista de olhos á egreja matriz e ao seu *Arcano*, obra collossal da paciencia de uma freira e que representa uma arte na infancia, revella muita concepção, indubitavelmente. O *arcano* consta de um grande armario envidraçado por todos os lados e tendo tanto em comprimento, como em largura e altura cerca de dois metros. Dentro d'elle em prateleiras de vidro, ha centos de figurinhas de massa e coloridas, representando todas as passagens da biblia desde o genesis. No cartorio, que é dos mais bem arrumados que conhecemos, e que muito honra o actual prior o rev. Manuel Ferreira Pontes, vimos o registro dos vigarios e parochos que a egreja tem tido e do qual consta ter sido 2.º vigario o erudito dr. Gaspar Fructuoso, fallecido em 1591 e autor das *Saudades da terra*.

No archivo da matriz existe tambem o Liv. I de termos de casamento lançados pelo dr. Fructuoso desde 7 de janeiro de 1567 até 1580.

As *Saudades da terra e do ceu*, cujo precioso manuscripto é propriedade do sr. marquez da Praia e de Monforte, foi adquirido em 1840 pelo pae d'este cavalheiro, pelo preço de 200$000 rs. e tem mais de 600 paginas de primorosa copia. Não consta haver copias completas da obra do dr. Fructuoso; as que existem são todas manuscriptas, á excepção da do Liv. 2.º que trata do descobrimento da ilha da Madeira e de que ha uma edição impressa no Funchal em 1873 e que está esgotada. A obra do dr. Fructuoso é um vasto repositorio de notas descriptivas, constituindo uma curiosa monographia dos Açores e Madeira no seculo XVI.

A nossa bibliotheca de Lisboa, possue um exemplar que, segundo a opinião do finado bibliophilo José de Torres, não tem os 6 livros completos.

Tanto no *Archivo dos Açores*, como na *Biblioteca Açoriana*, o sr. dr. Ernesto do Canto occupa-se largamente do padre Gaspar

Fructuoso e da sua obra, de que o erudito bibliophilo michaelense cita 19 copias e transcreve o indice.

Uma visita de meia hora á pequena ermida de Santo André, que tem a sua historia e encerra o quadro mais notavel que tem a ilha.

Primeiro a historia: parece que a ermida foi fundada em resultado de um voto, mas os devotos por falta de dinheiro addiavam constantemente a construcção. Um incredulo chegou a dizer que de abobora talvez a fizessem mas que de pedra por certo que não...

Os devotos estimularam-se, metteram mãos á obra e passado pouco tempo lá estava a ermida que de pouco mais consta que quatro paredes, mas que é de alvenaria, e bem ordinaria... Na face de um degrau, que está á entrada, lê-se a seguinte inscripção gravada a fundo na pedra e cuja orthographia não altero:

HE DE PEDRA, NÃO HE DE ABOBRA

Como caturrice, é das melhores que conheco.

A maravilha que ella encerra é um explendido triptitico, representando St.º André, St.ª Catharina e St.ª Barbara. Ouvi atribuil-o ao Grão Vasco. E' de crer que seja uma tela flamenga do XVI seculo, da epoca em que os Açores mantinham com a Flandres o seu commercio mais importante. A attitude do santo lendo, encostado á cruz classica, a serenidade de St.ª Catharina, á esquerda, lendo tambem, uma figura muita fina e com roupagem muito bem tratada; a figura mundana de St.ª Barbara, á direita, com um vestido côr de beterraba, decotado mais que profanamente, e representando uma mulher de fórmas desenvolvidas, como os pintores flamengos, com Rubens á frente, costumavam pintal-as, tudo nos leva a admittir esta proveniencia para o formoso retabulo, que dóe e compunge vêr abandonado e quasi desconhecido.

Quando sahimos da ermida vimos o pequeno corpo de bombeiros voluntarios da villa, garbosamente commandado por um homem que nos disseram ser o sr. Vicente Coutinho da Silva Vellozo, carcereiro da comarca, e irmão da actriz Carlota Vellozo e tio da pobre Thomazia, ambas fallecidas e ambas actrizes de merito e elle proprio tambem actor, na sua mocidade, tendo pisado mais de um palco portuguez ao lado de algumas glorias scenicas. Parte do material e os uniformes dos bombeiros da Ribeira Grande foram fornecidos á sua custa.

Despedimo-nos do sr. José Rilley, delegado do ministerio publico na comarca, e nosso amavel cicerone na Ribeira Grande, michaelense e cunhado dos drs. Aristides e Diniz da Motta e partimos na companhia d'este ultimo para a Lagôa.

Apesar de me ter referido a muitos michaelenses illustres, e note-se que só citei dos que residem actualmente em S. Miguel, pois

não me occupei dos ausentes que tambem os ha de elevada pujança intellectual e fina estirpe, como os srs. conselheiro Hintze Ribeiro, Theophilo Braga, marquez da Praia, Philomeno Cabral etc., apesar de ter feito referencias a tantos nomes · é a primeira vez que me occupo do dr. Diniz da Motta, do engenheiro que é bastante conhecido em Portugal, apesar de não ser dos mais velhos.

Duas razões se oppõem a que d'elle me occupe: a primeira provém da intima amisade que ha muitos annos nos liga; a outra, ainda mais peso tem, a de ter sido seu hospede em S. Miguel, na sua bella propriedade agricola, no Termo da Lagôa, onde regressámos agora vindos da Ribeira Grande e onde aguardámos até 23 de setembro a partida do *Funchal*, commandado pelo capitão Xavier d'Andrade, um sympatico terceirense e um notavel homem de mar, para n'este vapor fazermos uma rapida excursão ás outras ilhas do archipelago, cujas bellezas despertaram de ha muito a nossa curiosidade.

XVI

Questões politicas—O que é a autonomia açoriana centralisadora e autonomista—O iniciador da autonomia administrativa e os partidos politicos—A representação ás côrtes e o segundo projecto de lei—Estado actual da questão.

Durante a minha estada em S. Miguel e na minha rapida visita ás outras ilhas do archipelago procurei sempre conversar com as pessôas mais em evidencia na politica acerca das questões que interessam os Açores e que estão, por assim dizer, compendiadas no lemma do partido chamado *autonomista: administração livre dos Açores pelos Açorianos.*

Quando o illustre deputado michaelense, o dr. Aristides da Motta, apresentou na sessão parlamentar de 1892 o projecto de lei concernente á organisação administrativa dos Açores, projecto cuja iniciativa foi renovada na sessão parlamentar seguinte, por seu irmão sr. Diniz da Motta, tambem deputado por S. Miguel, a imprensa politica de Lisbôa occupou-se do assumpto, que interessou por egual todas as attenções e foi objecto de calorosas discussões nos centros politicos, no Gremio, nos cafés, emfim em todos os logares frequentados pelos açorianos residentes ou de passagem na capital.

O pouco cuidado, para não dizer leviandade com que na nossa terra são por vezes tratados pela imprensa assumptos que requerem previo e detido exame; as correspondencias de origem michaelense, principalmente, repassadas de um chauvinismo que parecia muito continental, e até mesmo meridional; as asserções por vezes um tanto separatistas que faziam alguns defensores do projecto: todas estas circumstancias levaram muita gente a crêr que os Açores pretendiam a autonomia politica, o *self-government.* E os alfarrabios vieram todas das pratelleiras abaixo: foram exhumados Xenophonte e Thucydido; citava-se a Grecia e a Roma antiga com o seu regimen essencialmente autonomico, na era das conquistas, mas por fim centralisador e uniforme; apontava-se o tratado com os latinos depois da victoria do Lago Regilio e até se invocava a invasão dos barbaros em auxilio do principio autonomista! E obedecendo sempre á mesma idêa de *autonomia politica*, os centralisadores deitavam tambem abaixo as livrarias e condemnavam-a

in-limine. Em favor das suas ideias conservadoras apontaram a revolta da Polonia em 1831, a da Hungria em 1848, a dos Estados do Sul em 1861 e os successos politicos que obrigaram a Inglaterra a retirar os parlamentos á Escossia em 1714 è á Irlanda em 1801. Todos estes acontecimentos, na opinião dos centralisadores, encontraram auxilio poderoso no proprio funccionamento da autonomia politica d'aquelles paizes.

E as discussões sempre eivadas, de uma parte e de outra, do mais acrisolado chauvinismo, faziam-nos relembrar as que suscitou aquella questão, de hillariante memoria, que ha uns oito annos perturbou o socego dos cidadãos da capital do Minho e da cidade de Guimarães,

«Quando Braga, essa Roma dos lusos
Contra o berço de Affonso se ergueu...

Só depois de algum tempo e não foi pouco, os srs. drs. Aristides e Diniz da Motta, graças á força convincente da súa palavra autorisada, eloquente e clara, auxiliada pelos robustissimos pulmões com que a naturesa os dotou, lograram alfim convencer os seus collegas da camara, o governo e a opinião publica de que os Açores são tanto ou mais portuguezes do que nós os continentaes que nos presemos de sel-o; que nunca pensaram em deixar de ser provincias de Portugal para se tornarem colonias de qualquer nação estrangeira, embora materialmente podessem lucrar com a troca; que não queriam o *home-rule*, ou qualquer outra fórma de autonomia politica mas sim a *self-administration* do povo inglez, isto é, a gerencia pelos açorianos, de tudo o que é do dominio privado e da administração directa dos negócios locaes e districtaes. Queriam unica e simplesmente a autonomia administrativa, preconisada pelos notaveis publicistas Mauricio Block, Tocqueville, Benjamin Constant, Emilio de Laveleye, pelo nosso Alexandre Herculano, pelo sr. J. T. Lobo d'Avila, hoje conde de Valbom e por tantos outros escriptores e posta em pratica pela Inglaterra, Allemanha, Prussia, Belgica, Suissa, Estados Unidos, etc, onde a descentralisação e o respeito das regalias das instituições locaes não prejudicam os interesses politicos e a unidade da nação.

Tinha, pois, para nós todo o interesse o observar *sur place* esta questão que, tantas vezes, fora debatida em Lisbôa na nossa presença e pela qual nos fomos insensivelmente affeiçoando. Não perdemos pois o ensejo de conversar a este respeito com alguns açorianos dos mais eminentes e até mesmo de sondar a opinião de alguns agricultores de pequena importancia, mas activos e sagazes. O resultado d'estas observações foi para nós a convicção intima de que a idêa da *autonomia administrativa* está profundamente

enraizada na ilha de S. Miguel, em todas as classes sociaes e em todos os partidos politicos e que tambem encontra adeptos nas outras ilhas, embora as condições materiaes d'estas se não prestem tanto á adaptação d'aquelle systema administrativo como a de S. Miguel.

E' na capital d'esta ilha que o partido autonomista tem a sua séde e é a ella que fomos procurar os subsidios para a breve historia d'esta questão politica, que tem sido tratada com grande proficiencia no jornal *Autonomia dos Açores.*

O agrupamento politico que trabalha pela autonomia administrativa para os Açores teve por iniciador o sr. dr. Aristides Moreira da Motta, que em 31 de março de 1892 lançou a pedra fundamental do edificio que os açorianos desejam construir, apresentando á camara dos deputados o projecto de lei respectivo, que era precedido de um bem elaborado relatorio, em que eram justificadas e explanadas em largas considerações, as ideias autonomistas.

Por esse projecto ficavam a cargo das juntas geraes dos districtos açorianos ou das corporações que as substituissem a organisação dos serviços administrativos, de ensino, de beneficencia, de obras publicas, fiscaes, de saude publica, de sanidade maritima e dos portos, de correios e telegraphos terrestres, de recenceamento da população e registo do seu movimento, de cadastro, da propriedade e registo dos seus onus e transmissões.

A representação nacional fixaria annualmente a parte com que cada districto açoriano deveria contribuir para as despezas com as instituições que representa a unidade nacional e assim o contingente de sangue para o exercito e armada. Eram sómente consideradas como instituições da unidade nacional: a representação nacional, o exercito e armada, os tribunaes de ultimo recurso e a representação consular e diplomatica.

As receitas dos districtos açorianos seriam constituidas pelo imposto e rendimento de todas as origens e designações, geraes e locaes, que n'elles se cobram e arrecadam actualmente ou pelos que os substituissem.

Este projecto não chegou a ser discutido pela camara dos deputados e tinha contra si o defeito de ser quasi a emancipação administrativa absoluta dos Açores. E' possivel que á sua redacção presidisse o velho rifão popular: pedir muito para obter alguma cousa.

Em 19 de fevereiro do anno corrente celebrava-se no theatro Michaelense um grande comicio para protestar contra as medidas financeiras do sr. Dias Ferreira.

Eis o que diz d'essa reunião um jornal de Ponta Delgada:

«Presidia á assembleia o sr. dr. Pereira Athaide, que no seu discurso se referiu á questão autonomica, como sendo a fórma de

não continuarmos amarrados aos membros paralyticos da administração central, cujo coração nunca deu sangue á provincia açoriana, antes se robustece e alimenta com o que ella legitimamente poderia utilisar para a irrigação dos tecidos da sua economia.

«Estava lançado o rastilho.

«Pediram logo a palavra os srs. drs. Caetano d'Andrade, Aristides da Motta, o Mont' Alverne de Sequeira.

«Explanado o objecto, que os tinha reunido, cairam todos a fundo no assumpto da descentralisação, que os oradores demonstraram ser indispensavel e impreterivel, como um dever do governo e um direito dos açorianos, palavras que o numeroso auditorio acolheu delirantemente, não se lembrando as pessoas mais velhas, ali presentes, de ter visto nunca os michaelenses tão arrebatados por uma ideia, tão inflamados por uma causa.»

N'essa reunião foi eleita por aclamação a seguinte lista para formar uma commissão de propaganda e promotora da autonomia.

Conde de Jacome Corrêa
Par do reino, José Maria Raposo d'Amaral
Conde de Fonte Bella
Dr. Caetano d'Andrade Albuquerque
Manuel Jacintho da Ponte
Dr. Francisco Pereira Lopes de Bettencourt Athaide
Dr. Aristides Moreira da Motta
Dr. Duarte d'Andrade Albuquerque Bettencourt
Luiz Soares de Sousa.
Mont' Alverne de Sequeira.

No decurso das nossas cartas já nos referimos por certo, mais de uma vez a estes nomes bastando agora notar que o sr. Conde de Jacome, é o chefe do partido regenerador em S. Miguel, o sr. Raposo d'Amaral o chefe do partido progressista e o sr. Manuel Jacintho da Ponte, chefe do partido republicano.

Na primeira sessão assentou a commissão ser solidaria nas suas deliberações; não auxiliar a candidatura de nenhum deputado centralista; reunir todos os mezes, pelo menos uma vez; fazer opportunamente conferencias e comicios, e apoiar o jornal—*Autonomia dos Açores*, cuja publicação já estava resolvida, sendo redactores dois membros da commissão, os srs. drs. Aristides da Motta e Mont' Alverne; enviar circulares a corporações e pessoas importantes dos districtos d'Angra e da Horta para expôr o seu pensamento e pedir a cooperação d'esses elementos valiosos do organismo administrativo; nomear uma sub-commissão de expediente, que ficou composta dos senhores drs. Caetano d'Andrade, Aristides da Motta e Mont' Alverne, encarregando-a da elaboração de um projecto de autonomia administrativa dos districtos açorianos, da redacção da circular e de outros trabalhos.

Em 8 de março era distribuida a circular assignada por todos os membros da commissão promotora e cuja redacção foi confiada ao distincto escriptor e abalisado clinico de Ponta Delgada, o dr. Mont'Alverne.

O projecto de organisação administrativa dos Açores apresentado por esta commissão foi elaborado pelos Drs. Caetano d'Andrade, Aristides da Motta e Pereira Athaide, e é precedido de um notavel relatorio.

Sentimos não ter espaço para reproduzir na intrega estes dois documentos, que são de summa importancia para a historia da organisação administrativa do archipelago. D'elles, porem, extractaremos as passagens mais frisantes, remettendo os leitores que os desejem consultar para o diario das sessões da camara dos deputados em 13 de julho d'este anno, data em que o relatorio, que é a representação da commissão autonomista, e o projecto de lei foram apresentados pelo sr. Diniz da Motta então deputado por Ponta Delgada, em seu nome e no dos seus collegas srs. Marianno Machado de Faria e Maia e Francisco d'Almeida e Brito, tambem deputádos pelo mesmo circulo, pronunciando por essa occasião o sr. Diniz da Motta um pequeno discurso allusivo á apresentação do diploma em questão.

Comecemos o nosso extracto pela representação que a commissão autonomista fez á camara dos deputados e que como dissemos, serve de relatorio ao projecto de lei:

....

«O fim que nos propomos é que se adaptem as leis aos factos immodificaveis da natureza, e que se estabeleça um regimen d'egualdade, diversificando as leis, consoante a desegualdade das circnmstancias dos povos a que se applicam. Sacrificamos o geometrismo e a uniformidade que têm sido o caracter dominante das ideas que têm inspirado a nossa legislação patria; mas, por isso mesmo, julgamos emprehender um trabalho fertil em resultados uteis, porque mais harmonico com a realidade, mais aproveitador de todos os elementos de actividade que naturalmente desenvolvem os cidadãos, quando investidos de funcções que respeitam particularmente á região em que vivem, tendo a estimulal-os e a fiscalisal-os a auctoridade publica e a opinião dos seus conterraneos.

«Essa actividade tem sido ultrajantemente desprezada por uma centralisação esteril e prejudicial. Repugna ao mais elementar bom senso que o archipelago dos Açores, seperado do continente do reino por mais 300 leguas de mar, tenha a sua administração regulada pelas mesmas leis que a da metropole. Admitte-se, pos-

to que sob outros aspectos seja condemnavel, que os districtos de Portugal, em continuidade de territorio, dispondo de meios rapidos, baratos e commodos de communicação e de transporte para a capital do reino, onde podem fazer valer diariamente as suas justas pretensões, os seus legitimos interesses, as suas frequentes urgencias occasionaes, tenham uma mesma organisação mas para os districtos dos Açores, em que se não realisam nem podem realisar aquellas condições, para os Açores, cujos meios de communicação com o governo unico motor da complicada machina burocratica onde se trituram os negocios publicos, são demorados, incommodos e dispendiosos, é manifestamente absurdo que a satisfação das suas necessidades e as exigencias imperiosas do progresso e do bem estar da numerosa população que os habita, sejam immoladas ao pythagorismo de uma identidade de organisação, só concebivel na ordem dos conhecimentos abstractos, mas contra a qual, quando a fazem descer da theoria para a pratica, se debatem as realidades vivas e indestructiveis.»

....

«E' pelo esforço do existir, saindo espontaneo de todos os agrupamentos naturaes da nação, cellulas do organismos do estado que este se pode revigorar. Se os poderes centraes opposerem uma negativa formal ás forças que do seio do paiz tentam romper o involucro que as opprime e esterilisa, essa negativa, impondo silencio ao clamor da vida, annunciará ao mundo que em Portugal é condição de governo a immobilidade e a passividade cadaverica dos povos.

«Os governos attribuem-nos tão larga capacidade tributaria o que significa capacidade de trabalho, de iniciativa, de economia; sabemos valorisar a terra, e aproveitar as forças productivas da natureza; a historia e a estatistica demonstram o nosso amor da ordem, o respeito das instituições, a nossa dedicação á patria; temos capacidade para do producto liquido dos nossos incansaveis labores, vasarmos a melhor parte d'elle no erario publico; como contribuintes estamos em plena maioridade, mas quando se trata de applicar as receitas publicas a utilidades locaes somos menores dementes ou prodigos, para estarmos sujeitos a uma tutela longinqua e negligente, em que estão investidos os altos funccionarios das secretarias d'estado, geraes das modernas congregações burocraticas, que do fundo dos seus gabinetes dirigem com poder absoluto, e *sciencia certa*, todos os negocios publicos, em regiões distantes, que absolutamente desconhecem ?!»

....

«E' extraordinaria a productividade fiscal dos nossos districtos. A superficie de todos elles é egual á 37.ª parte da do continente do reino; em Portugal e nos Açores calcula-se ser a mesma a proporção entre a superficie inculta e a cultivada, e d'esta a que é notavelmente feraz é no continente muito superior á dos Açores em extensão proporcional; nos Açores não ha producção tão rica como a de muitos centros vinicolas de Portugal; a superficie d'este archipelago está fraccionada em 9 ilhas, formando tres grupos a distancias taes que as suas communicações são pouco faceis; a maior parte d'ellas tem uma superficie ainda inferior á metade da do mais pequeno districto continental; em todas as suas costas apenas se levantam dois pharoes n'uma das ilhas, e nenhuma d'ellas tem ligação telegraphica com o velho ou novo mundo. O continente está cortado por caminhos de ferro, cuja rede é superior a 2.149:000 metros, a sua viação ordinaria está mais adiantada do que nos Açores, representa lá 2.468 metros, no archipelago 1.988 (no districto de Ponta Delgada 1.262 metros) por 1.000 habitantes; apezar de serem, por unidade incomparavelmente superiores ás que se fazem nos districtos açorianos, as despezas de construcção, no continente.

«Alem do rapido e barato transporte para os mercados internos de todos os seus generos, que dos Açores só podem concorrer a longos intervallos e aggravados com pezadas despezas, o continente tem as facilidades de communicação por terra e por mar com os mercados estrangeiros que lhes dá a sua situação e que os Açores não tem, nem pódem ter. Finalmente, no continente tem-se gasto em melhoramentos milhares e milhares de contos, nos Açores pouco se tem dispendido no fomento da sua riqueza e para isto não teria sido necessario fundar a divida publica, bastariam algumas antecipações de fundos, que os saldos das receitas annuaes dos Açores excedem.

«Seria forçar a imaginação suppôr que das consequencias beneficas d'aquelles melhoramentos os Açores têm participado; 300 leguas de mar impedem que se diffundam atè cá essas consequencias.

«Apezar de todas as differenças que collocam os Açores em uma situação economica caracteristica e profundamente inferior á do continente, o producto da contribuição predial e do registo, aquella que incide no rendimento e esta, na sua quasi totalidade no capital da propriedade immovel, arrecadado no anno de 1889-90 representa no continente 540 reis e nos Açores 1.130 reis (no districto de Ponta Delgada 1.760 reis) por hectare! »

....

Receitas e despezas do governo nos districtos dos Açores depois de estabelecido o regimen da autonomia administrativa

DESPEZAS	Angra	Horta	Ponta Delgada	Açores Total
1/4 das ordinarias do ministerio das obras publicas e as de todos os outros ministerios	131:000$000	76:000$000	207:000$000	414:000$000
Encargo de juro e amortisação da parte que ainda haja a gastar do emprestimo de 1889 destinado ás docas		25:000$000	25:000$000	50:000$000
	131:000$000	101:000$000	232:900$000	464:000$000
RECEITAS				
80 p. c. do producto de todas as contribuições e rendimentos, excluidas as que constituem receita privativa dos districtos	158:000$000	120:000$000		278:000$000
90 p. c. idem			395:000$000	395:000$000
	158:000$000	120:000$000	395:000$000	673:000$000
Saldos	27:000$000	19:000$000	163:000$000	209:000$000

. . . .

«A estrada que liga a cidade de Ponta Delgada com a importante e populosa villa da Ribeira Grande, mais importante e mais populosa do que muitas capitaes de districto,—e por onde transita um grande parte das populações que lhe ficam ao nascente, essa estrada, que galga a espinha de uns montes centraes da ilha, tem inclinações exageradas, attinge uma cota de nivel, perfeitamente evitaveis. A junta geral, quando em tempo tinha ao seu serviço a engenharia districtal, reconheceu a necessidade de abrir uma nova estrada, seguindo um melhor traçado, em que não só se evitavam os defeitos da actual, mas se diminuia consideravelmente a distancia. Parte d'essa estrada, começando na Ribeira Grande, acha-se construida desde então, mas d'ella se não tiram as utilidades que se tinham em vista, porque falta continual-a por alguns kilometros até Ponta Delgada. A extincção da engenheria districtal poz termo aos trabalhos e lá ficou ao abandono um capital

importante. Bem se mostra quão melhor do que o governo sabem attender ás necessidades e conveniencias dos povos as corporações administrativas locaes. As obras do estado tem-se tornado a *fabula das gentes*.

«Um pequeno porto cuja limpeza e muralha deveria concluir-se em um só anno, ficando completo em uma só campanha de trabalho, é feito apenas ás pequenas parcellas, deixando preza ao mar, que as inutilisa no inverno; é uma obra sempre a recomeçar.

«Um lazareto, que deveria ser edificado em condições de duração, é construido sobre uma barcaça fluctuando nas aguas de um porto artificial; gasta-se com elle muitos contos de réis, no fim de poucos annos para nada serve, se alguma vez servio; está podre, nem já existe.

«Arruina-se um troço de estrada, se logo se lhe acode, pequena é a despeza, e não soffre o transito, mas se exige orçamento, o ministerio das obras publicas fica longe e naturalmente não tem pressa. Approvação do orçamento, authorisação para fazer, authorisação para pagar, paquete vae, paquete vem, passam mezes, passa d'anno, quando se inicia a reparação, as deteriorações tem augmentado, a reparação não pode ser completa, a estrada fica peior do que inicialmente estava, e o contribuinte continua a pagar, mas não gosa.

«Quer um proprietario vedar o seu terreno, edificar, fazer plantações junto de uma estrada? Tem de requerer, juntando tres exemplares da planta, para o governo de Lisboa; elle, só elle, é que lhe póde conceder um diploma de licença! Paquete vae, paquete vem...

«Para utilisar no tratamento de numerosos doentes umas aguas thermaes, levanta-se um edificio, principia a estabelecer-se n'elle as accomodações que o seu destino requer, mas fica incompleto longos e longos annos, e já começa a ser uma ruina.

«As escolas de instrucção primaria são poucas, mas ainda assim vagam algumas? O governo põe a concurso as de todos os districtos, menos as do de Ponta Delgada. A secretaria central dormiu, esqueceu-se.

«A's camaras municipaes é imposto o encargo de occorrerem ás despezas com a instrucção primaria; para esse fim entram todos os mezes no Caixa geral dos depositos com as importancias necessarias, mas não teem ingerencia alguma n'aquelle ramo de serviço. Elle é das attribuições do estado, a despeza é das attribuições das camaras. Só a despeza se descentraliza. Para pagar, tudo e todos são bons, para administrar só o governo presta! Os professores esperam mezes que lhes venha de Lisboa a ordem de pagamento dos seus magros ordenados. Quando os corpos municipaes estavam provando cuidar attentamente do grao de instrucção, que ad-

ministrativamente lhes estava confiado, o governo usurpa-lh'o para o amesquinhar e reduzir ao estado anterior, tendo-se mostrado incapaz de o melhorar.

....

«O governo manda estudar as costas dos Açores, determina os pontos em que é necessario levantar pharoes, compra-os, não os colloca nos seus logares, armazena-os (o que não impede de nomear os pharoleiros), as costas negras continuam a sel-o, a navegação afasta-se das nossas paragens; que lhe importa isso ao governo?

«Os alienados não teem onde se recolham, não teem onde se tratem. De todos os pontos do continente do reino podem ser transportados facilmente para Rilhafolles ou para o hospital do conde de Ferreira; d'aqui è quasi impossivel leval-os, os navios recusam-se a acceital-os; as passagens são caras; a bordo, por longos dias, não póde haver com elles os cuidados necessarios. O governo tem arrecadado contribuições para um hospital nos Açores, tem ficado com ellas, e no hospital nem se pensa.

«A respeito de soccorros a naufragos nem uma boia, nem um cinto de salvação, nem uma corda de vae-vem, nem um barco salva-vidas.»

....

O projecto de lei consta de 26 artigos e differe do que foi apresentado em 1892 pelo sr. Aristides da Motta, por fórma a tornar mais viavel a sua approvação para o que ainda assim, é natural que algumas alterações e amputações tenha de soffrer, a julgar pelas declarações escriptas que os srs. conselheiros Antonio de Serpa Pimentel, Josè Luciano de Castro e Hintze Ribeiro, fizeram á commissão autonomista, em resposta ao officio que esta lhes dirigio, perguntando se apoiavam o projecto e promoviam a sua approvação na proxima sessão legislativa (1894).

O art.º 1.º do projecto de lei restabelece tudo quanto a respeito das juntas geraes se legislou no codigo administrativo de 1886, com as alterações indicadas no mesmo projecto de lei.

Vejamos agora o que dizem outros artigos:

«As juntas geraes deliberam definitivamente:

1.º Sobre construcção, reparação e policia das estradas que não sejam municipaes;

2.º Sobre construcção, reparação e policia dos portos de pequena cabotagem e dos pharoes, excepto dos portos artificiaes;

3.º Sobre sanidade terrestre e lazaretos;

4.º Sobre soccorros a naufragos;

5.º Sobre hospitalisação de alienados;

6.º Sobre beneficencia publica, que não esteja a cargo de outra qualquer corporação;

7.º Sobre subsidios á instrucção primaria, quando as despezas a fazer com ella excedam os recursos municipaes e parochiaes;

8.º Sobre as aulas de instrucção especial e escolas normaes, que poderão funccionar nos edificios dos actuaes lyceus;

9.º Sobre serviços agronomicos e pecuarios;

10.º Sobre as aguas minero-medicinaes dos seus districtos, publicas e communs, estabelecimentos balneares, sua construcção, reparação e conservação,—hygiene, policia, alinhamentos, prospectos de edificios, e aformoseamento dos povoados em que os houver;

11.º Sobre todos os serviços de administração districtal, que por lei não pertençam ao estado, ou a qualquer corporação;

12.º Sobre creação de empregos para execução de todos os serviços que ficam a seu cargo, sua dotação e extincção, podendo requisitar do Governo os empregados technicos que necessarios forem mediante remuneração.»

. . . .

Constitue receita do districto:

«1.º Os impostos e rendimentos que as juntas geraes tinham por lei direito a cobrar, quando foram extinctas pelo Decreto de 6 de Agosto de 1892;

2.º O producto, liquido das despezas de cobrança, das contribuições directas do districto—predial, industrial, renda de casas e sumptuaria e seus addicionaes, ou das que venham a substituil-as pela legislação geral;

3.º Todos os rendimentos provenientes dos serviços que ficam pertencendo ás juntas geraes;

4.º O producto em cada districto dos impostos creados para soccorros a naufragos e hospitalisação de alienados, dedusida a despeza de cobrança.

§ 1.º Quando estas receitas sejam insufficientes para satisfazer as despezas districtaes, o Governo è obrigado a contribuir para cada districto com uma percentagem de todas as contribuições, impostos e rendimentos n'elle cobrados, a favor do estado, no anno economico anterior, devendo incluir annualmente a respectiva verba no seu orçamento geral, em conformidade dos orçamentos das juntas geraes.

§ 2.º Esta percentagem nunca será superior a 10% para o districto de Ponta Delgada e a 20% para os de Angra de Heroismo e da Horta.

§ 3.º As receitas mencionadas nos n.ºs 2 e 4 d'este artigo serão pelo governo entregues á junta geral trimestralmente.»

. . . .

«O governo entregará em cada districto á junta geral a importancia n'elle já arrecadada dos impostos destinados a soccorros a

naufragos e hospitalisação de alienados, o material sufficiente para o estabelecimento de uma estação chimico-agricola, o já adquirido para a collocação dos pharoes, os planos e orçamentos d'estes, e das estradas em construcção ou projectadas e a posse dos terrenos ou edificios expropriados pelo estado para esse fim.»

....

«O estado nunca poderá lançar, nos districtos dos Açores, addicionaes sobre as contribuições, que ficam constituindo receita privativa das juntas geraes, nem imposto algum a seu favor, de qualquer natureza que seja, com incidencia sobre a materia collectavel das mesmas contribuições.»

....

«Ficam restabelecidas nos Açores, todas as attribuições e competencia dos corpos administrativos sobre instrucção primaria e em vigor a legislação sobre este assumpto anterior á lei de 7 d'agosto do 1890.»

....

«Os corpos administrativos nos Açores não podem ser dissolvidos pelo governo, se o parecer do supremo tribunal administrativo não for favoravel á dissolução.»

....

«A organisação estabelecida n'esta lei só terá effeito, em qualquer dos districtos açorianos, quando o requeiram pelo menos dois terços dos cidadãos recenseados em todo o districto, como elegiveis para os corpos administrativos.

«§ unico. Um decreto do governo auctorisará a nova organisação, e mandará proceder á eleição da junta geral, a tempo de se poder constituir em janeiro do anno seguinte.»

....

São estes os topicos do projecto de lei, que, como se sabe, soffreu a sorte do que apresentou o sr. Aristides da Motta na sessão de 1892: não entrar em discussão. Mas os açorianos e principalmente os michaelenses que são os mais interessados em que vingue a causa autonomista, não desanimaram e nós que de perto avaliamos a grande tenacidade do seu espirito, a mascula energia do seu caracter e ao mesmo tempo a invariavel serenidade do seu animo, estamos firmemente convencidos do triumpho que ha de ter a sua nobre ideia, que póde carecer, e carece certamente de algumas modificações emquanto á forma mas que, na essencia, é profundamente justa, meritoria e altamente attendivel.

APPENDICE

O PORTO DE PONTA DELGADA

Os trabalhos d'este porto artificial foram inaugurados em 1861 pela junta geral do districto de Ponta Delgada, devidamente authorisada pelo governo.

Só mais tarde, cerca de dez annos depois, o governo tomou a direcção e a administração d'estas obras, cuja execução foi arrastando até 27 de dezembro de 1887.

Em virtude de uma lei especial, foi aberto concurso para a conclusão por empreitada das obras projectadas, sendo a respectiva adjudicação feita aos srs. Combemale & Michelon, antigos empreiteiros do caminho de ferro do Douro e igualmente adjudicatarios das obras do porto do Funchal. Esta empresa assignou o seu contracto em 19 de janeiro de 1888; mas só em agosto d'esse anno é que atacou os trabalhos.

Os importantes prejuizos causados ás obras já executadas pelo temporal de 27 de dezembro de 1887, tendo modificado as condicções do contracto, déram lugar a um contracto supplementar que tomou em conta as avarias que o alteroso mar açoriano causou no molhe e foram computadas, de commum accordo entre o governo e os empreiteiros, em 100 contos de réis. O praso para a execução da empreitada foi prorogado de dois annos. Foi a discussão e a approvação d'este contracto que motivou a demora da empreza em atacar as obras, sete mezes depois de lhe serem adjudicadas.

A esse tempo achava-se executado o trabalho seguinte: 805 metros de molhe com enrocamentos completos e muro de abrigo e 370 metros de muro de caes do qual cerca de metade tinha as fundações a 6 metros e a outra metade de zero a 6 metros.

Desde que a empreza atacou os trabalhos, tem executado cerca de 250 metros de molhe em enrocamentos completos e a maior

parte do muro de abrigo sobre esta extensão, 110 metros de muro de caes com fundação a 6 metros e 180 a 8 metros.

Falta executar, para complemento das obras: 130 metros de muro de abrigo, a cabeça do molhe, que tem a fórma rectangular e cerca de 50 metros de caes fundado a 8 metros. Os enrocamentos estão concluidos na sua maior parte; falta apenas executal-os para cerca de 60 metros de muro de abrigo e para a cabeça do molhe.

As pedreiras ficam a 1:500 metros do pharol, que está situado a mais de meio do molhe e ligadas ás vias do caes e do muro de abrigo por uma via de serviço principal. A bitola d'esta em toda a rede de serviço é de 2^m,10, utilisando-se a mesma via para as locomotivas e para o guindaste, ou titan.

As pedreiras foram atacadas em dous andares, mas ha algum tempo para cá que o andar superior foi abandonado, em vista de ser pouco elevada a altura dos blocos e pouco extensa a superficie, além do que a pedra era de qualidade inferior, muito friavel e não dava blocos de mais de 2 a 3 toneladas.

A pedreira do andar inferior tem 25 vias de carga, dispostas em fórma de leque e incidindo normalmente sobre a frente da pedreira que tem um desenvolvimento de 400 metros e uma altura de 14 a 16.

As vias em leque ligam-se a 5 placas giratorias as quaes por seu turno são ligadas á via principal por 5 ramaes d'esta. O comprimento total das vias da pedreira inferior é de cerca de 4:000 metros.

A pedra, como toda a da ilha de S. Miguel, é de origem vulcanica e de qualidade muito diversa. Ao passo que se extrahe d'alli grandes e bellos blocos de grande dureza, contiguo a elles encontra-se pedra muito friavel e que ao simples choque esboroa.

Nenhuma das qualidades é propria para cantaria.

Os bancos de pedra estão dispostos por camadas sensivelmente horisontaes e separadas por bancos de terra ou de argila cosida de espessura variaveis.

E' pela extracção de uma d'estas camadas de terra que se consegue fazer desprender, sem emprego de explosivos, bancos de 700, 800 metros cubicos e de mais. A densidade da pedra varia de 2,1 a 2,6.

Emprega-se na construcção das alvenarias o cimento de Portland, a cal hydraulica de Theil e a cal gorda ordinaria. O cimento é empregado nos blocos de fundações na cabeça do molhe e nas juntas das cantarias. A cal de Theil emprega-se na construcção dos blocos de fundação de caes.

Em todas as outras alvenarias, com excepção das cantarias, é usada a cal ordinaria misturada com a excellente pozzolana da

região. A cal gorda é obtida em fornos onde é cosida a pedra calcarea ida de Portugal transportada como lastro por barcos de vela.

Os blocos artificiaes são empregados nas fundações dos caes e da cabeça do molhe ou seja em toda a parte que fica abaixo do zero hydrographico. Os do caes fundado a 6 metros (6 metros abaixo do zero hydrographico) teem 4^{m} de comprido por 1,^{m} 50 de largo e 1,^{m} 50 de alto ou 9 metros cubicos de volume e 21,6 toneladas de peso. Os blocos do caes fundado a 8 tem 4,^{m} 25 de comprimento por 1,^{m}.60 de largura e 1,^{m} 60 de altura ou o volume de 12,^{m}200 e o peso de 29 toneladas.

Os blocos da cabeça do molhe devendo servir de base a uma plataforma de 30 metros de comprimento por 15 de largura terminada nos topos por dous semicirculos, tem necessariamente formas muito variaveis e dimensões diversas. O seu volume é de 7 a 11 metros e medem todos 1^{m},60 de altura.

O material circulante e fixo empregado nas obras no porto de Ponta Delgada comprehende os seguintes vehiculos e apparelhos: 5 locomotivas tender, de dous eixos conjugados; 200 wagons de differentes typos (plataforma, de descarga lateral e pelos topos) para o transporte da pedra, da terra e dos blocos artificiaes; 15 guindastes de madeira, movidos a braços, elevando pesos de 7 a 8 toneladas; 2 guindastes de ferro, movidos a braços, da força de 2 e 4 toneladas; 3 guindastes de madeira, movidos a braços e podendo elevar 1.5 tonelada a 12 metros de distancia; 2 guindastes fixos a vapor, da força de 15 toneladas; 5 guindastes moveis a vapor, de 4 a 12 toneladas; 1 guindaste titan, para a collocação dos blocos artificiaes, podend› levantar 35 toneladas a 30 metros do eixo e 12 toneladas a 50 metros de distancia; 3 pontes girantes ou Samsão destinadas a levantar os blocos artificiaes e á construcção do muro de abrigo; dous d'estes apparelhos téem a força de 25 toneladas e o outro a de 15; 1 ponte girante, de serviço, para carregar os enrocamentos sobre as barcas; 1 transbordador ou caranguejo de ferro para elevação dos blocos e sua collocação nos wagons; força elevatoria 35 toneladas.

O material maritimo comprehende: 1 rebocador de força de 80 cavallos; 2 barcas de ferro de descarga lateral; 2 barcas de madeira de descarga tambem lateral; 5 barcas de madeira descarregando pelo fundo. Estas barcas comportam uma carga de 30 a 45 toneladas.

Um pontão de ferro finalmente, com dous guinchos movidos a vapor, podendo elevar 12 toneladas. N'este barco ha tambem uma machina premente com reservatorio, podendo fornecer o ar a um partido de 4 mergulhadores munidos de escaphandros.

Os enrocamentos de base até 4 ou 5 metros são feitos com o

auxilio das barcas: os blocos de maiores dimensões (de mais de 2 toneladas) são lançados pelas barcas de descarga lateral e os mais pequenos pelas que descarregam pelo fundo.

Acima das ultimas cotas indicadas empregam-se então os wagons descarregando pelos lados ou de topo e assim se completam os enrocamentos.

O pessoal technico empregado n'estas obras é actualmente o seguinte:

Por parte da fiscalisação do governo o director das obras publicas de Ponta Delgada, sr. Marianno Machado de Faria e Maia, engenheiro civil e deputado ás côrtes na ultima legislatura, tendo ás suas ordens para esse effeito um conductor chefe de secção, um conductor chefe de trabalhos, um desenhador e dous amanuenses.

Por parte da empreza constructora está o sr. Paulo Darteyre, engenheiro director, antigo chefe dos serviços da tracção e de via e obras na Companhia do caminho de ferro da Beira Alta, tendo sob sua direcção: um chefe de officinas e do material; um chefe de secção para a construcção do molhe e dos caes; um chefe de secção para a exploração das pedreiras e fabricação dos blocos artificiaes; um chefe de contabilidade; um desenhador, differentes empregados de escriptorio e de armazens, capatazes, apontadores, olheiros, etc.

A média dos jornaes de operarios durante o anno corrente tem sido de 380 a 400.

Esta média é inferior á dos annos anteriores por causa da falta de braços que ha na ilha.

O porto já serve de abrigo aos numerosos navios mercantes e de guerra que o frequentam e ainda ha poucos mezes alli estiveram alguns dos soberbos couraçados da esquadra russa que vinha da America com destino a Toulon para pagar a visita que ha dous annos fizera a Cronstadt a esquadra franceza do almirante Gervais.

INDICE

*

APPENDICE

Erratas principaes

Pag.		Lin.	ERROS	CORRECÇÕES
Pag.	4	Lin. 11	constaram	constavam
»	»	» 37	alvinhente	alvinitente
»	5	» 31	como o	como o do
»	7	» 20	3.330	7.489
»	»	» 29	desdobrando	desdobra
»	»	» 30	eerrando	berrando
»	»	» 39	apossarem	apossar
»	8	» 16	encontro	encosto
»	26	» 30	*clairseméer*	*clair-semée*
»	»	» 45	das encostas e talweg das grotas em...	nas encostas e no talweg das grotas, em...
»	39	» 6	brancos	branca
»	44	» 32	e ellas	a ellas
»	45	» 1	denominados	denominadas
»	»	» 44	filhas	filas
»	47	» 16	sob o	sob este
»	»	» 31	mais	mas
»	51	» 12	reserva	reservava
»	»	» 16	a de	e de
»	52	» 43	porta	parte
»	53	» 22	á actividade	á sua actividade
»	54	» 33 e 34	capital, em uma *retraite* em honra	capital, em honra
»	55	» 35	ahi se misturam	ate se misturarem
»	56	» 44	o revestir	e revestir
»	»	» 45	continente ; em al-	continente ;
»	57	» 1	nente; em algumas	em algumas
»	60	» 44	iniciadores	imitadores
»	61	» 16	cultos	cultores
»	»	» 37	Alphaud	Alphand
»	62	» 33 e 37	á	a
»	63	» 2	podémos	podemos
»	65	» 18	habito	titulo
»	»	» 32	temperatura	temperatura media
»	68	» 16	que representa	que se representa
»	73	» 2	O que é a autonomia açoriana centralisadora e autonomista	O que é a autonomia açoriana. — Centralisadores e autonomistas.
»	»	» 29	todas	todos
»	75	» 26	representa	representam
»	»	» 31	pelo	pelos
»	»	» 32	imposto e rendimento	impostos e rendimentos

N.B. O author não reviu as provas typographicas.